

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LAÍS DE SOUZA MONTEIRO

**TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES JOVENS
UNIVERSITÁRIAS EM RECIFE: aproximações sobre as vivências sexuais e os
significados de prazer**

Recife

2019

LAIS DE SOUZA MONTEIRO

**TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES JOVENS
UNIVERSITÁRIAS EM RECIFE:** aproximações sobre as vivências sexuais e os
significados de prazer

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Jaileila de Araújo Menezes.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

M775t Monteiro, Laís de Souza.
Trajetórias afetivo-sexuais de mulheres jovens universitárias em Recife : aproximações sobre as vivências sexuais e os significados de prazer / Laís de Souza Monteiro. – 2019.
110 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Sexualidade. 4. Mulheres. 5. Feminismo.
6. Juventude. I. Menezes, Jaileila de Araújo (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2020-238)

LAIS DE SOUZA MONTEIRO

**TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES JOVENS
UNIVERSITÁRIAS EM RECIFE: aproximações sobre as vivências sexuais e os
significados de prazer**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jaileila de Araújo Menezes.

Aprovada em: 17/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jaileila de Araújo Menezes
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Erika Cecília Soares Oliveira
(Examinadora Externa)
Universidade Federal de Alagoas

Profa. Dra. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta produção às mulheres: às que me antecederam, às que estão presentes (minha mãe Severina, minha irmã Lidiane, minha avó dona Arlinda e minha filha Joana) e às mulheres que virão após mim.

AGRADECIMENTOS

Escrever essa parte da dissertação foi, sem dúvidas, uma das mais difíceis. Olhar para minha trajetória e revisitar o caminho que percorri traz à tona as dores e dificuldades que encontrei. Entretanto, traz também os prazeres e encantamentos que vivi, bem como as pessoas incríveis que encontrei nessa existência. Nesse momento de gratidão e de muitas lembranças deixo registrado, com lágrimas nos olhos, meus agradecimentos a algumas pessoas que foram/são presentes nessa construção nos últimos anos e, desde já, reverencio a todas/os que fazem parte da minha história, que fazem parte do que sou hoje, mas que, na impossibilidade de falar de todas/os, serão representadas/os pelas que citarei aqui.

Privação, esforço e dedicação são palavras associadas à vida da mãe que foi a responsável pelas possibilidades de trilhar o caminho que me trouxe até aqui. Falar dela como ponto de partida é falar de todas as coisas que vivemos juntas, mesmo antes dela saber que me tinha em seu ventre. É falar da companheira de vida que ela me deu como irmã e é falar da mulher forte que a criou. **Arlinda, Severina, Lidiane**, minha avó, mãe e irmã, respectivamente, eu lhes agradeço imensamente. Pelas dores, vivências, amores e caminhos percorridos. Agradeço cada pedacinho de vocês que existe em mim. Amo vocês!

Leveza e intensidade são as palavras que associo à pessoa que me dá brilho nos olhos, que me fez conhecer a força, a coragem e a grandiosidade de sentimentos que nem eu sabia que tinha em mim: **Joana Mendes Monteiro**, minha adorável filha. Você que foi gestada junto com essa dissertação e esteve dentro de mim nos momentos de angústia e cansaço, dizendo para eu desacelerar porque você queria vir ao mundo. Sua chegada me mostrou que tudo tem seu tempo. E que eu precisava aprender a respeitar o tempo das coisas, em especial, daquelas que são tão diferentes dos meus. Nos meus braços você me viu teclar as palavras que aqui estão. Embalando você, li textos, fiz reflexões e me questionei várias vezes se seria capaz de terminar esse trabalho. Nesses períodos você foi luz. Seu sono sereno me dava tranquilidade e ver você crescer me deu a certeza que tudo flui. Dedico a você, minha linda, todo o afeto e maior amor que puder oferecer.

Serenidade, equilíbrio e gentileza são as palavras que me fazem lembrar do meu companheiro de vida: **Jefferson Mendes**. A pessoa mais paciente que conheço e que me convida todos os dias a repensar a maneira de olhar o mundo e as coisas. Que esteve comigo desde a prova do vestibular, em 2006, até hoje, sendo sustentação, suporte e colo. Sendo diversão, distração e leveza. Sendo construção, escolha e futuro. Agradeço por tudo e por tanto. Agradeço à

vida por ter me feito encontrar você e que possamos ser-sendo-juntos por mais anos e anos. Amo você!

Poesia, força e resistência. Palavras que me remetem a minha querida orientadora, Professora **Jaileila Menezes**. Com você aprendo todos os dias a beleza possível dentro da academia. Aprendi com você que ser fortaleza é sinônimo de ser afeto e conexão. Mesmo sem você perceber, trouxe a mim mais que conduções teóricas, trouxe cuidado, inspiração e acolhimento. Obrigada pela competência, pelo compromisso, pela ética, pelas contribuições nesse percurso, pela motivação e positividade quando achei que não conseguiria. Obrigada pelo seu constante “vai ser certo!”. Obrigada pelo ser humano de luz que você é. A você, minha afetuosa admiração!

Energia, doçura e companheirismo. Palavras que reconheço na menina-mulher que tive a honra de dividir alguns momentos na vida pessoal e encontrá-la na mesma turma de mestrado. Gratidão a minha marida, **Dandara Oniilari**. Obrigada pelas conversas, risadas e por dividir as incertezas do mestrado. Obrigada mais ainda por ser companheira das idas nos ônibus lotados, nos almoços no RU, nos congressos e rolês. Minha admiração pela força que emana de você e pela sua alegria contagiante. Obrigada por existir e me encontrar na sua história!

Lar, cuidado e compartilhamento. É assim que o GEPCOL me afeta. Nos andares e corredores nem sempre tão acolhedores da UFPE, tem uma salinha que abriga um grupo lindo e potente que tenho orgulho de fazer parte. Agradeço a cada pessoa que passou por ele e deixou sua marca nessa construção. E alguns nomes preciso dar destaque nesse momento: **Roseane Amorim** é sinônimo de competência. Com você, Rose, me inspirei para ser mais organizada, mais focada e criteriosa. **Emília Miranda** é sinônimo de cuidado e acolhimento. Com você me inspirei a ser mãe, pesquisadora, trabalhadora com cuidado de mim. **Angelita Gouveia**, você é inspiração desde a faculdade. Mulher forte que me inspira com sua força e ética no cuidado. Mesmo distante, você se faz presente. **Keize Barbosa** e **Jessica Nascimento** representam o crescimento e o desabrochar. Vocês me inspiram ao novo, ao futuro e à potência da construção. **Daniela Sales**, você é mais uma inspiração desde a faculdade, Dani. Ousadia, diálogo e enfrentamento. Você me inspira a lutar pelo que acredito e a me colocar mais no mundo. **Roberta Gracyelle**, minha comadre Robertinha, é pessoa mais meiga que tive a oportunidade de conhecer. Você é inspiração de determinação e dedicação. **Antônio César**, você é inspiração de força e leveza. A todas/os vocês minha gratidão pelo que representam. Obrigada, também, pela leitura atenta e contribuições que alguns fizeram a este trabalho.

Foco, persistência e potência são as palavras que me remetem a uma amiga muito querida que dança há anos comigo num ritmo de presenças/ausências e cuidado: **Juliana Braga**.

Incrível como nossa conexão não exige regras nem cobranças. Perto ou longe sabemos que temos uma a outra. Inspiração de liberdade, de cuidado e dedicação, você é sempre a pessoa que vou pensar: O que Juliana acharia disso aqui? É a confiança que tenho de uma opinião sincera, de uma boa ideia e um olhar fora do esperado. Gratidão pelos anos de amizade e que assim seja por mais outros tantos.

Alegria, sinceridade e autenticidade são as palavras que me remetem a **Tereza Gabriela** e **Marcos Mucarbel**. Vocês, que nunca imaginei que entrariam na minha vida com tanta força e por quem eu tenho tão grande afeto e admiração. Marquinho, você é convicção, ética e respeito. Sempre atento e criterioso no cuidado com o outro. Gaby é igual a carnaval! Alegria, risada contagiante e superação. Te admiro pela mulher, mãe e amiga que você é. A vocês meu muito obrigada!

Sensibilidade, intuição e energia. Palavras que simbolizam minha bruxinha favorita, **Fernanda Barbosa**. Nanda, você é uma das pessoas mais iluminadas e iluminantes que conheci. Você é um encantamento em pessoa e é inspiração de autocuidado, atenção a si e evolução. Com você aprendi a lidar melhor com minha criança interna, aprendi sobre óleos essenciais e, principalmente, a ter mais atenção a mim mesma. Obrigada pelo colo, pelo compartilhamento de lágrimas e risadas e pela compreensão nos períodos mais críticos da escrita. Você é luz!

Crescimento, nuances e compartilhamento. Essas palavras representam as mulheres que generosamente dividiram suas histórias comigo para que este trabalho fosse possível. Agradeço pela participação e entrega. Espero que vocês leiam este trabalho e que ele faça sentido para vocês.

Possibilidades, desdobramentos e generosidade. Essas são as palavras que me remetem a todas as pessoas que contribuíram enquanto **docentes para minha trajetória acadêmica**, desde a graduação até agora, no mestrado. Com vocês aprendi, cresci, tornei minha curiosidade crítica e aguçada e entendi que todas as oportunidades que consegui agarrar, que todos os espaços de estudos, todos os encontros profissionais e minha chegada até aqui só fazem sentido se meus privilégios estiveram a serviço do compromisso político de romper opressões e desigualdades. Peço licença para representá-los na figura do Professor **Aderval Farias**, meu professor de Filosofia em 2007, primeiro mestre a me olhar com atenção e cuidado, a me provocar a ver e me debruçar sobre o mundo e as pessoas, a facilitar que aquela menina saída da escola pública pudesse se abrir à leitura de teóricos, e de si mesma, para trilhar os primeiros passos do tornar-se psicóloga. Agradeço demais aquele convite e o quanto ele foi potente para a construção da pessoa e profissional que sou hoje. Agradeço também às professoras que estiveram comigo nesse momento de encerramento de ciclo: **Paloma Silveira** e **Valeska Zanello**, na qualificação

do mestrado, e **Erika Oliveira** e **Rosineide Cordeiro**, na defesa do mestrado. Obrigada pelas críticas, sugestões e indicativos de aprimoramento para este trabalho.

Organização e disciplina. Palavras que fazem parte do dia a dia da **coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE**. Minha gratidão a cada pessoa que compõe a coordenação do PPGPSI e seu corpo docente. Gostaria de representá-los na figura de **João Cavalcanti** para externar minha gratidão. João, obrigada pela atenção na condução dos processos burocráticos e por sempre passar por mim, perguntar da dissertação e dizer que eu ia conseguir. Você estava certo: Consegui mesmo. Obrigada por tudo e pelo profissional que você é.

Suporte, privilégios e segurança. São palavras que remetem à possibilidade de ter cursado uma pós-graduação com bolsa nesse país. Agradeço à **FACEPE** pela bolsa concedida, o que me permitiu ter dedicação exclusiva ao mestrado. Pela oportunidade de ser uma mãe pesquisadora e ter suporte financeiro nesse momento difícil. Sei que muitos colegas não têm nem terão mais essas oportunidades devido ao descaso e desmantelamento da educação no Brasil nos últimos anos.

Futuro, entrega e possibilidades. Essas palavras remetem ao meu desejo para esta dissertação. Agradeço a ela pela pessoa que sou hoje. Pelo desafio que foi vê-la tomando forma e pela alegria imensa que senti ao vê-la pronta. Que esta dissertação seja o começo para muitas reflexões de vocês que decidirem lê-la. Que suas ausências e fragilidades proporcionem desdobramentos e aprofundamentos. Que esta dissertação seja meu começo no caminho de pesquisadora e docente, levando no coração essa experiência intensa para uma trajetória desconhecida e desejada no mundo acadêmico.

“E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando solução.” (EVARISTO, 2015)

RESUMO

Este estudo buscou investigar como as mulheres universitárias em Recife vivenciam sua sexualidade e significam os sentidos de prazer sexual em suas relações afetivo-sexuais. Insere-se no campo da Psicologia Social enquanto uma pesquisa qualitativa de inspiração feminista filiada ao construcionismo social. A realização deste estudo ocorreu alicerçada em conversas pensadas a partir da ferramenta das entrevistas semiestruturadas – gravadas e transcritas na íntegra – com cinco mulheres predominantemente jovens e com idades entre 19 e 33 anos. Os dados construídos foram estudados a partir da análise temática de conteúdo sob o olhar das teorias que tratam de gênero e sexualidade. As trajetórias afetivo-sexuais das mulheres são marcadas pela percepção da existência da opressão, principalmente por seus desdobramentos surgirem como efeito do cruzamento entre os marcadores sociais de gênero e sexualidade, e a repercussão destes nas significações sobre o prazer sexual. Observamos que o início da trajetória afetivo-sexual ocorre para além da primeira relação sexual, com investimentos nos comportamentos e nos modos de ser de pedagogias da sexualidade vivenciadas da infância. Ao longo das trajetórias, as mulheres experimentam uma multiplicidade de modalidades de relações, bem como possibilidades de encontros afetivos por meio das redes sociais e dos ciclos de amizades. Dos percursos sexuais, as mulheres não denotam associar sexo ao amor romântico e apresentam situações de violência seja dentro de relacionamentos abusivos ou em outros encontros com parceiros sexuais. As significações do prazer sexual das trajetórias femininas são delineadas para além das sensações corporais integrando outras nuances ligadas à liberdade, afinidade e respeito a si mesma. Consideramos que trabalhar a partir de uma perspectiva teórico-metodológica feminista pós-estrutural tenha facilitado as reflexões e os posicionamentos sobre as trajetórias das mulheres e suas tensões. O estudo indica a necessidade de reflexões e ações sobre as condições desiguais que têm marcado as mulheres e discute como potencializar as estratégias de resistência e proteção frente aos contextos de violência ligados à sexualidade. Por este motivo, é importante seguir investindo em novas formas de fazer pesquisa que busquem aprofundar a questão das sexualidades femininas, com ênfase em suas relações com o corpo, com o prazer e com o erótico.

Palavras-chave: Psicologia Social. Sexualidade. Mulheres. Feminismos. Juventude.

ABSTRACT

This study seeks to investigate how university women in Recife experience their sexuality and mean the meanings of sexual pleasure in their affective-sexual relationships. It is inserted in the field of Social Psychology as a qualitative research of feminist inspiration affiliated with social constructionism. This study was conducted from conversations thought through the tool of semi-structured interviews - recorded and fully transcribed - with 05 (five) predominantly young women between 19 and 33 years old. The constructed data were analyzed based on thematic content analysis from the perspective of gender and sexuality theories. The affective-sexual trajectories of women are marked by the perception of the existence of oppression, but especially its unfolding from the effect of the intersection between social markers of gender and sexuality, and their repercussion, on the meanings about sexual pleasure. We observed that the beginning of the affective sexual trajectory occurs beyond the first sexual intercourse with investments in the behavior and ways of being of childhood sexuality pedagogies experienced. Throughout the trajectories women experience a multiplicity of relationship modalities, as well as possibilities of affective encounters through social networks and friendship cycles. Of the sexual paths, women do not denote associating sex with romantic love and present situations of violence either within abusive relationships or in other encounters with sexual partners. The meanings of sexual pleasure in womens trajectories are delineated beyond bodily sensations by integrating other nuances connected with freedom, affinity, and self-respect. We consider that working from a poststructural feminist theoretical-methodological perspective has facilitated reflections and positions on the trajectories of women and their tensions. The study indicates the need for reflections and actions on the unequal conditions that have marked women and how to enhance the strategies of resistance and protection against contexts of violence linked to sexuality. For this reason, it is important to continue investing in new ways of doing research that can deepen the issue of womens sexualities, with emphasis on their relationships with the body, such as pleasure and the erotic.

Keywords: Social Psychology. Sexuality. Women. Feminisms. Youth.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>)
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
CONJUVE	Conselho Nacional Sobre Juventude Brasileira
DS/DR	Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana (<i>Human Immuno Deficiency Virus</i>)
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	20
2.1	Breves considerações sobre as sexualidades e os prazeres	20
2.2	Sexualidades e juventudes	28
2.3	Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens	31
3	ENCONTRANDO TRILHAS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS	34
3.1	Contribuições do Construcionismo Social	34
3.2	Pesquisas feministas e gênero	37
4	ITINERÁRIOS DOS ENCONTROS – MÉTODOS E CAMINHOS PARA ANÁLISE	42
4.1	Cenário do estudo	42
4.2	Formas de encontros com as interlocutoras	44
4.3	Implicações éticas	45
4.4	Conhecendo as interlocutoras	46
4.5	Caminhos de análise	50
5	INÍCIO DA TRAJETÓRIA AFETIVO-SEXUAL: APRENDIZADOS E ENCONTROS	53
5.1	Primeiros interesses afetivos e primeiro beijo	53
5.2	Amizades e redes sociais como dispositivos de aproximações afetivas e sexuais	58
5.2	Relatos sobre a primeira relação sexual	63
6	PERCURSOS SEXUAIS: PRAZERES E VIOLÊNCIA	70
6.1	Considerações sobre os tipos de vínculos afetivo-sexuais	70
6.2	Expressões da violência: relacionamentos abusivos e violência sexual	78

6.3	Preferências sexuais e significados de prazer	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A – Roteiro de diálogo	103
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta meus primeiros passos frente a duas questões particularmente difíceis e instigantes: o fazer pesquisa (estar pesquisadora) e as discussões sobre sexualidade.

Primeiramente, preciso dizer que este estudo parte das minhas reflexões e significações sobre o mundo, do lugar o qual ocupo e das oportunidades que abri e se abriram para mim. Sendo aluna de escola pública do nordeste do país, somente pude ser a primeira da minha família (minha irmã foi aprovada na UFRPE anos seguintes) a ingressar em uma faculdade em 2007, graças aos programas de bolsas de estudos existentes. Fico feliz em contar que meu ingresso no ensino superior, e o de tantas¹ outras jovens, foi através dos incentivos das gestões do Governo Federal a partir de 2003.

Entretanto, essas oportunidades me fizeram entender todas as dificuldades que, infelizmente, ainda temos no ensino público do país. Superadas as etapas da graduação em Psicologia, após quatro anos de atuação na área e ter feito uma Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva, senti que era o momento de me debruçar sobre o desejo que surgiu lá na graduação, mas que por diversas questões – pessoais e econômicas – tinha sido deixado “de lado”: a vida acadêmica.

Ao fim da residência pude realizar a prática em pesquisa² e me aproximar do campo dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (DS/DR) a partir dos encontros no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesse momento as questões sobre sexualidade e juventude se fizeram presentes não só nas discussões do grupo, mas no meu olhar na prática do trabalho em gestão da saúde na residência.

Inicialmente, as inquietações para o projeto de dissertação, em meados de 2017, relacionavam-se às questões dos DS/DR ligados aos jovens e ao campo das políticas de saúde. Na pesquisa desenvolvida³ pelo GEPCOL, no momento em que comecei a acompanhar o grupo, encontrava-se entre os dados a dificuldade das jovens em ter acesso a informações e outras

¹ Nessa dissertação farei o esforço em seguir o desafio e a possibilidade colocada pela autora Débora Diniz (2012) e tentarei escrever no feminino plural quando forem necessárias generalizações. Essa é uma escolha de estilo de escrita e posicionamento político para não ocultar o feminino por trás do masculino, invertendo o que acontece na normativa, de modo a propor o reconhecimento das mulheres.

² Atividade proposta no Projeto Político Pedagógico da residência desenvolvida na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, entre março de 2015 e março de 2017.

³ Pesquisa sobre Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos de Jovens na região do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. A pesquisa está situada a partir do projeto Ação Juvenil, pertencente ao Programa Diálogos para o Desenvolvimento em Suape, desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a coordenação de Jaileila Menezes, Karla Galvão Adrião e Luís Felipe Rios.

práticas de cuidado nos serviços de saúde e isto, associado ao meu dia a dia nas secretarias de saúde municipal e estadual, instigavam-me a pensar como as políticas de saúde interferem/re-lacionam-se à vivência das jovens, como também me fizeram pensar na garantia dos DS/DR.

Contudo, com as orientações, conversas com as colegas, sugestões das professoras e leitura de novas autoras, outras possibilidades de mudanças, construções e desconstruções foram tendo atravessamentos no meu caminho, como as questões de gênero e sexualidade. Dentre estas aproximações, aconteceu meu “encontro”, digamos assim, com as teorias feministas e do construcionismo social.

Autoras como Donna Haraway (1995) e Joan Scott (1999)⁴ trazem como os saberes e as experiências são construídos a partir do lugar que se ocupa no mundo e trazem a reflexão de que estudamos aquilo que nos afeta. E como houve afetações nesse percurso!

Afetações do ser/fazer de uma mulher, heterossexual, branca, filha de mãe solo que trabalha como babá até hoje, que recebeu educação religiosa protestante desde cedo, pesquisadora do nordeste do Brasil e que na metade do percurso do mestrado encontrou as tramas da maternidade.

Se o fazer pesquisa já impacta na vida da pesquisadora em todos os âmbitos, a maternidade nesse caminho traz múltiplas mudanças. Como minha filha nasceu no final do primeiro ano do mestrado, as questões do campo de pesquisa ficaram para depois do retorno pós-parto. Retornar e retomar às questões da pesquisa, particularmente, não foi fácil, pois estudar mulheres, juventude e sexualidade tocou nesses mesmos aspectos em mim.

Além disso, as reflexões sobre as histórias das mulheres, suas relações e vivências, por vezes se entrelaçavam com minhas próprias histórias. Interessante que as perspectivas feministas, (NEVES; NOGUEIRA, 2005; NOGUEIRA, 2001; PISCITELLI, 2008) que são meu ponto de partida para essa dissertação, autorizam-me a relatar isso aqui. Ademais, convocam-me ao compromisso de revisitar minhas questões, minhas implicações e como elas agem no meu fazer pesquisa.

Desse modo, já nesse primeiro momento, assumo as dificuldades na escrita durante todo esse processo e, assim, as fragilidades do texto tanto em relação à forma, quanto ao conteúdo. Certamente, em outro momento a construção seria outra e com outras reflexões, mas aqui apresento a você leitora, o que foi possível dentro do meu contexto de vida e conjuntura.

Por falar em conjuntura, é interessante que situemos em nossas pesquisas a dimensão de tempo/espço que caracterizam nossa prática como espacialmente localizadas, no intuito de

⁴ Optamos por incluir o primeiro nome das autoras referenciadas apenas na primeira vez em que são citadas.

sair das generalizações (HARAWAY, 1995). Nesse sentido, faz-se necessário apontar alguns aspectos do momento político que vivenciamos no país. Desde o processo de ruptura democrática em 2016 até o processo eleitoral de 2018 têm avançado os discursos conservadores e de ataques aos direitos humanos e aos movimentos sociais.

Para ilustrar esses avanços nefastos, não poderia deixar de registrar a fala do atual Presidente da República sobre o turismo no Brasil: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro”⁵. Essa fala foi alvo de diversos movimentos e posicionamentos nas redes sociais e nas mídias institucionais. O governo do Estado do Maranhão e o Governo do Estado de Pernambuco⁶ fizeram propagandas sobre o turismo local em resposta às declarações dadas pelo presidente.

Nesse contexto, realizar uma pesquisa com mulheres a partir das perspectivas teórica e metodológicas no feminismo se fez e se faz um desafio. Segundo Martha Giudice Narvaz e Silvia Helena Koller (2007), o preconceito e a marginalização acerca dos paradigmas feministas e aos estudos de gênero têm sido apontados por pesquisadoras como um importante obstáculo à sua legitimação. Tal marginalização parece estar associada à relação do surgimento deste campo de estudos com os movimentos sociais, sobretudo em sua estreita relação com os partidos de esquerda e com o movimento de mulheres.

As autoras trouxeram essa constatação há aproximadamente 12 anos e hoje ela se apresenta cada vez mais atual. Devido a isso, o fazer pesquisa nas perspectivas feministas é tão urgente e necessário. Em um período em que a universidade, as pesquisadoras e as pesquisas nas ciências humanas e sociais são questionadas e deslegitimadas, trazer contribuições e não permitir que os retrocessos interrompam as pesquisas se apresenta como um processo de resistência.

Resistência difícil, mas não solitária. Nesse estudo trago as contribuições das autoras as quais pude ter contato nesse período, das cinco interlocutoras que puderam me relatar sobre suas sexualidades, além do olhar da minha orientadora e das componentes do grupo de pesquisa. Este trabalho é fruto do meu encontro com essas mulheres.

⁵ Fala do atual presidente da República Federativa do Brasil, em 26/04/19, em um café da manhã com jornalistas no palácio do planalto. Vide: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/04/25/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro.htm>.

⁶ Para ver as matérias sobre o Maranhão: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/governo-do-maranhao-faz-campanha-contra-turismo-sexual-apos-declaracao-de-bolsonaro/>; e sobre Pernambuco: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2019/04/governo-de-pernambuco-lanca-campanha-contra-turismo-sexual-no-estado.html>.

Tomei como partida a inquietação sobre como as mulheres jovens vivenciam suas sexualidades e quais os significados de prazer sexual que há nessas vivências. Para isso, busquei conhecer como se delineiam as trajetórias afetivo-sexuais das jovens, como também busquei compreender os significados de prazer para elas e sua relação com as práticas sexuais.

Para tecer as reflexões deste estudo, faz-se importante comentar que parto da noção de juventude de forma diversa e plural, o que implicou considerá-la não presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelas pessoas em seu contexto social (DAYRELL, 2003). Entre essa diversidade de juventudes, fazem parte da composição deste estudo as mulheres universitárias que, a partir das suas histórias, apresentaram peculiaridades em suas trajetórias afetivo-sexuais, através dos marcadores de gênero e sexualidade.

Deste modo, como ponto de análise, propus a me aproximar da interrelação entre gênero e sexualidade. Entendemos o gênero como um conceito heterogêneo e discutido em distintos campos do saber, do discurso e das práticas. As perspectivas construcionistas de inspiração feminista assumem o gênero como uma construção social, um sistema de significados que se constrói e se organiza nas interações e que governa o acesso ao poder. (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

Já em relação à sexualidade, partimos da compreensão de que a mesma é uma construção datada e culturalmente localizada, que fornece significados e sentidos aos corpos de acordo com as especificidades de um período histórico e de um contexto socioeconômico e político (HEILBORN, 1999).

Para apresentar as reflexões e os resultados do presente estudo, a dissertação foi organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo trago as aproximações teóricas que nortearam o trabalho, a exemplo das considerações sobre a sexualidade, como esta se entrelaça às questões da juventude e, por fim, trago alguns aspectos dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos.

No segundo capítulo nos propomos a situar as contribuições epistemológicas e metodológicas do construcionismo social e das pesquisas, a partir das perspectivas do feminismo e do gênero. No terceiro capítulo, nos ocupamos em descrever como se deu os itinerários da pesquisa. Descrevi o lugar onde se deram os encontros, como encontrei as jovens e como ocorreram os primeiros contatos. Além disso, apresento cada uma delas, como foram as etapas de análise e quais as implicações éticas foram preocupação no estudo.

Em seguida, apresento dois capítulos de análises e discussões, sendo o primeiro intitulado: “Início da trajetória afetivo-sexual: aprendizados e encontros”, no qual descrevemos os

primeiros interesses afetivos das mulheres, as primeiras relações sexuais, as relações de amizades e como as redes sociais se apresentam como dispositivos de aproximações afetivas para as jovens. Já o segundo capítulo, “Percursosexuais: prazeres e violências”, trata sobre os tipos de vínculos estabelecidos pelas jovens, trata das expressões de violências vivenciadas durante as trajetórias afetivo-sexuais e, por fim, apresenta aspectos ligados ao prazer, a exemplo das preferências sexuais e os significados atribuídos a estas.

É importante mencionar que optei por transitar na escrita do texto entre falar em primeira pessoa do singular, visto ser um momento importante de sustentação de um posicionamento teórico, e falar em primeira pessoa do plural. Desta forma, nos momentos em que foram importantes ressaltar a importância do trabalho coletivo usei a primeira pessoa do plural. Desenvolver este trabalho só em primeira pessoa do singular não correspondia ao contexto da pesquisa, pois outras vozes foram importantes nessa trajetória, como a coprodução entre mim, minha orientadora, as autoras e as interlocutoras que contribuíram para a construção das ideias aqui trazidas.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

O presente capítulo tem a intenção de produzir um breve mapeamento sócio-histórico dos pontos que tangenciam a temática da sexualidade, considerando que essa dissertação se interessa por compreender as mulheres e suas relações com a sexualidade. Contudo, não procuro aqui contribuir com as distinções essencialistas sobre o ser homem ou mulher, mas compreender a teia histórica de construção da diferença sexual e das hierarquias de gênero, de modo que possamos analisar as bases que atravessam o tema maior desta dissertação.

Deste modo, dialogo com as teorias construcionistas e feministas (NOGUEIRA, 2017) no que diz respeito à sexualidade, apoiando-me em algumas teorias dos estudos de gênero para o meu campo analítico. Dito de outra forma, trago o desafio de fazer um estudo com mulheres sem cair no ideário que naturaliza sua condição, olhando para o feminismo e seus estudos sobre mulheres a partir de uma matriz construcionista da sexualidade que entenda gênero e suas implicações como uma construção social

2.1 Breves considerações sobre a sexualidades e prazeres

Thomas Laqueur (2001), tratando em seu livro “Inventado o Sexo: o corpo e gênero dos gregos a Freud”, refere-se à compreensão de que a diferença sexual instituída como base organizativa e natural, que nos define como homens e mulheres, é uma construção discursiva datada. Contextualiza, historicamente, sobre como a noção de sexo foi sendo construída no interior de nossa sociedade. É no século XVIII, segundo o autor, que o sexo foi inventado e iniciados os estudos voltados para a anatomia com as descobertas dos órgãos sexuais/reprodutivos masculinos e femininos – útero e testículos.

No período mencionado acima, a biologia é compreendida como o fundamento epistêmico prioritário na ordem social, cuja visão dominante, desde o século XVIII, era de que haveria dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos. A vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, em seus papéis de gênero, estariam baseados nesses “fatos” (LAQUEUR, 2001). A partir dessa perspectiva, a mulher, era vista como um homem invertido e imperfeito por ter órgãos sexuais menores. Portanto, as desigualdades entre homens e mulheres se legitimavam tendo em consideração o subdesenvolvimento do organismo da mulher em relação ao do homem.

Até o final do século XVII, antes do Iluminismo, o orgasmo era considerado um sinal do processo de reprodução profundamente arraigado nos corpos do homem e da mulher, ou

seja, acreditava-se que a mulher precisava sentir prazer para reproduzir. Após os estudos e teorias difundidas no século XVIII de que “a mulher não só não precisa sentir prazer para conceber, como não precisa nem estar consciente” (LAQUEUR, 2001, p. 15), o orgasmo foi relegado “ao reino da mera sensação, à periferia da fisiologia humana – acidental, dispensável, um bônus contingente do ato da reprodução” (2001, p. 16).

Segundo o referido autor, a independência da concepção com relação ao prazer criou o espaço no qual a natureza sexual da mulher podia ser redefinida, debatida, negada ou qualificada. As mulheres cujos prazeres não conheciam fronteiras no antigo paradigma se resumem a uma vida reprodutiva que desconsiderava o prazer. Assim, no final do século XVIII a maioria das mulheres não se preocupavam com vivências sexuais e a presença ou ausência do orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual.

Os antigos valores foram destronados. O lugar-comum da psicologia contemporânea – de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja relacionamentos – é a exata inversão das noções do pré-iluminismo que, desde a antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres. As mulheres cujos desejos não conheciam fronteiras no antigo esquema e cuja razão ofereciam pouca resistência à paixão, tornaram-se, em alguns relatos, criaturas com uma vida reprodutiva anestesiada dos prazeres carnis” (LAQUEUR, 2001, p. 17).

A partir do século XIX a sexualidade se torna um tema de interesse médico associado às enfermidades e normas, mais especificamente nas mulheres, com a inserção do discurso médico e sexológico. Tem-se, por exemplo, a histeria, enfermidade do útero, como estratégia de construção da sexualidade na Europa, a qual associa a sexualidade feminina a uma patologia intrínseca. Nesse olhar diferenciado da medicina, o corpo feminino também passa a ocupar um lugar de destaque, pois era o responsável pela reprodução, portanto, pela geração da espécie.

Michel Foucault [1984]/(2017), em *A História da Sexualidade: Vontade de Saber*, inaugura uma importante discussão sobre o processo de construção histórica da sexualidade enquanto produto das configurações de poder subjacentes à vontade de saber sobre o sexo, o que culminou na produção de uma multiplicidade de discursos sobre ele. Este tema, na modernidade, vai ser objeto de uma proliferação de supostas verdades, que passaram a ser determinantes para a transformação das relações tecidas entre estado, corpo social e diferentes dispositivos de regulação de sujeitos, como também passa a operar como um importante elemento de governo dos indivíduos e populações (FOUCAULT, 2017).

Para tanto, foi necessário que a sexualidade assumisse o papel do grande segredo da vida adulta e heterossexual, sendo distanciada do universo de possibilidades do prazer sem fins

reprodutivos. Tal inibição possibilitou a transformação do sexo não como ação, mas como discurso (falava-se sobre) e produziu um assujeitamento coletivo sustentado pela confissão. A sexualidade, enquanto discurso, possibilitou que o sexo fosse objeto de análise científica, médica, pedagógica e religiosa. O discurso da sexualidade é, para Foucault, o modo mais poderoso de regulação social.

Vale destacar que o tema da sexualidade tem sido debatido por diferentes olhares e perspectivas em diferentes momentos históricos. Segundo Luciana Patrícia Zucco e Maria Cecília de Souza Minayo (2009), o essencialismo e o construcionismo social são duas posições que demarcam o debate sobre sexualidade.

As teorias categorizadas como essencialistas realizam uma ruptura epistemológica frente à perspectiva teórica da era moderna, dominante no século XIX, que negava as práticas sexuais não-reprodutivas. Essas teorias creditam à sexualidade aspectos inatos ou naturais e a considera imutável, engessando-a na ordem biológica (VIANA, 2010). Nessa leitura persiste a ideia de que condutas, atos e relacionamentos sociais são determinados pelo sexual, o que significa assinalar que homens e mulheres são providos de atributos diferentes em virtude de suas características anatomofisiológicas. Essa lógica vincula a sexualidade ao corpo e a reduz às funções biológicas, naturalizando-a e sugerindo que todos os sujeitos a compartilham como condição universal (ZUCCO; MINAYO, 2009).

O que essas teorias têm em comum é o fato de considerarem a sexualidade como fundamentalmente biológica e instintiva, cujo instinto sexual resulta de respostas hormonais ou genes no centro da discussão dessas teorias da sexualidade. Assim, os sexólogos modernistas sustentaram a perspectiva anatomofisiológica dos corpos, inaugurando o modernismo sexual que transferia o tema da sexualidade do campo meramente moral para o campo científico (VIANA, 2010).

Segundo Viana (2010), são os estudos de Henry Haverlock Ellis, em 1977, que trazem a noção de padrões herdados e orientados à ação para a compreensão dos comportamentos sexuais, tornando-se pioneiro no campo acadêmico em estudar as variações sexuais dentro do espectro normal. Outro avanço da época são os estudos sobre a sexualidade feminina ao se destacarem por tirar as mulheres de um lugar de invisibilidade científica, através dos seus estudos sobre zonas erógenas.

Posteriormente, Alfred Kinsey ficou conhecido pelo seu trabalho com os Relatórios de Kinsey, intitulados *O Comportamento Sexual do Homem* e *O Comportamento Sexual da Mulher*, editados, respectivamente, em 1948 e 1953, os quais foram duramente criticados na época,

seja pelas descobertas do sexo extraconjugal, masturbação e frequência do sexo oral, seja pelos métodos adotados na pesquisa, a exemplo da observação das relações sexuais dos participantes.

Esses trabalhos apresentam pela primeira vez um aparato tecnológico e metodológico para o estudo dos comportamentos sexuais, envolvendo uma significativa participação de 11.240 indivíduos (5.300 homens e 5.940 mulheres). Sua metodologia baseava-se em entrevistas presenciais, com duração aproximada de duas horas. O interrogatório tinha entre 300 e 500 perguntas, sendo os dados registrados e mantidos confidenciais através de codificação.

Seguindo os pressupostos metodológicos de Kinsey, Willian Master e Virginia Johnson exploraram a sexualidade feminina e geriátrica através da teoria modernista da masturbação. Master e Johnson têm reconhecimento maior pela teoria do ciclo sexual que argumenta que homens e mulheres passam por quatro fases: excitação, platô, orgásmica e resolução (VIANA, 2010)

Segundo Vera Paiva (2008), os discursos do período sexológico apontam para uma sexualidade ancorada nas noções de impulso e instinto. A cultura e a sociedade, nesse sentido, apenas responderiam a essa força essencial de diferentes formas entre homens e mulheres, com a resposta heterossexual considerada normal. Essas conclusões do período sexológico resultaram em modelos clínicos de intervenção operados por psicólogos, médicos e psicanalistas até os dias atuais.

Diferentemente do essencialismo, o construcionismo social congrega abordagens que problematizam a universalidade dos instintos sexuais e traz outra perspectiva para os estudos sobre sexualidade. A partir dos anos 60, o sexo, enquanto essencialidade (vida instintiva ou impulsiva), e a reprodução começaram a ser questionados por teóricas dos movimentos feministas e LGBT, contribuindo para a ampliação dos estudos no campo das ciências humanas e sociais e a crise do paradigma da sexologia (PAIVA, 2008).

Para Cecília Elisabete Vieira da Costa (2012), as construcionistas sociais da(s) sexualidade(s) partem do pressuposto que as nossas identidades, desejos, relacionamentos e emoções são modelados pela cultura em que vivemos. Deste modo, a orientação, os sentidos e a noção de experiência ou de comportamento sexuais não são passíveis de generalizações. Esta abordagem remete o entendimento da sexualidade à ordem da cultura. Possibilita tratar a sexualidade como uma construção subjetiva e coletiva, que acontece de acordo com as especificidades de um período histórico e de um contexto socioeconômico e político (ZUCCO; MINAYO, 2009)

Guacira Lopes Louro (2000) traz que a sexualidade tem dimensões sociais, pessoais e políticas e é construída por muitos e por todas as pessoas. Deste modo, a sexualidade mergulhada nas dimensões sociais, históricas e culturais potencializa que as desigualdades e injustiças nela implicadas sejam passíveis de transformações sociais.

Carole Vance (1995) aponta que, principalmente nos séculos XIX e XX, a sexualidade passa a ser considerada como uma área simbólica e política, ativamente disputada por grupos que lutam para implementar modelos sexuais e alterar ideologias. O crescimento do interesse estatal em regular a sexualidade e o correspondente declínio religioso transformaram as áreas legislativas e de políticas públicas em campos particulares para lutas políticas e teóricas em torno da sexualidade, em especial com o advento da AIDS na década de 80.

Temas como doenças, prostituição, masturbação e pureza social, com a intervenção estatal, têm sido cada vez mais formulados pela linguagem da saúde, tornando os médicos e cientistas importantes atores nos discursos reguladores que vêm sendo desenvolvidos. Entretanto, esses grupos socialmente hegemônicos não são os únicos participantes das lutas sexuais. As chamadas subculturas sexuais, minorias reformistas, progressistas, sufragistas e as radicais do sexo também apresentam programas de mudanças e introduzem novas maneiras de pensar e organizar a sexualidade (VANCE, 1995).

Para Vance (1995), o fato de as feministas terem inserção enquanto acadêmicas e ativistas, como também por terem começado a repensar o gênero, impactou fortemente as noções do que é natural. Seus esforços se concentram em uma revisão crítica das teorias que usavam a reprodução para ligar o gênero à sexualidade, explicando, dessa forma, a inevitabilidade e naturalidade da subordinação das mulheres. Este reexame teórico levou a uma crítica geral do determinismo biológico, em particular ao conhecimento baseado na biologia das diferenças.

Os desafios nas lutas por direitos, no campo da sexualidade, têm trazido importantes avanços no que diz respeito à ampliação de possibilidades de escolha, ao maior conhecimento sobre os corpos e à valorização da equidade nas relações. As reivindicações feministas e a compreensão relacional da sexualidade contribuem para nos fazer pensar, enquanto seres sexuais, na problematização da associação entre feminilidade, passividade e submissão, assim como para o fortalecimento da compreensão de que as mulheres desejam, e também, procuram e experienciam o prazer.

Ao abordamos a temática do prazer, quando pensamos nele, os aspectos positivos surgem ao seu respeito, como: prazer em ler, prazer em viajar, prazer em comer, prazer em ouvir uma boa música, em ver um bom filme, etc. Ou seja, é possível reconhecermos diversas origens e diversos sentidos do que hoje, na língua portuguesa, representa a palavra prazer.

Ao consultarmos dicionários⁷, nos deparamos com diferentes definições como: sensação agradável; alegria; contentamento; satisfação; divertimento; deleite; distração agradável; fruição, o que contribui para reconhecermos como há experiências que são vividas como prazerosas porque satisfazem, outras porque estimulam, outras porque relaxam, outras porque divertem, outras porque apazíguam, outras porque distraem, outras porque envolvem.

Deste modo, é possível questionarmos por que falar sobre o prazer? Se é prazer, é sempre agradável? Uma vez sendo agradável, pode ser sempre? Tem duração? Depende do contexto ou é espontâneo? É sempre motivador? Tais questões nos fazem pensar sobre a necessidade de falar em prazeres, no plural, e reconhecer as múltiplas possibilidades de definições que eles podem apresentar.

Uma noção do prazer, na atualidade, se refere à uma condição para o sucesso: pessoas que trabalham com prazer seriam mais produtivas; pessoas que estudam com prazer aprenderiam mais; o prazer nas atividades do dia a dia seria condição básica para a realização pessoal e para uma vida saudável, o prazer nas relações afetivas, principalmente, o prazer sexual, seria uma espécie de termômetro para os níveis de intimidade e satisfação dos casais (PASTANA, 2018).

O prazer sexual, entendido como sensações prazerosas através dos órgãos genitais, é tema de análise desde o início da era cristã, embora a bíblia não utilize termos como sexualidade, desejo e erotismo, mas o termo carne como referência a algo que leva à fraqueza e ao perigo que pode afastar a pessoa do paraíso prometido. Mais especificamente, a partir das epístolas paulinas, surge uma moral sexual e a ideia de pecados contra o corpo devido ao uso ou abuso das inclinações sexuais que precisavam de regras para que a carne não corrompesse o espírito. (RIOS; PARKER; TERTO JUNIOR, 2010)

A percepção do prazer sexual enquanto algo que, embora estivesse ligado ao “multiplicai” (reprodução), revela-se como independente desta função multiplicadora – podendo fazer o corpo agir em seus próprios termos, passa a ser algo, inclusive, a ser evitado com a castidade para os homens de Deus (RIOS; PARKER; TERTO JUNIOR, 2010).

Esses preceitos da moral cristã vêm se atualizando ao longo dos tempos na cultura ocidental, questionando práticas e regulando o que é permitido, ou não, em cada época da socie-

⁷ 1. Sensação agradável oriunda da satisfação de desejo, alegria, contentamento; 2. Boa vontade, agrado; 3. Satisfação sexual, gozo (HOUAISS, 2001, p. 2279).

1 Alegria, contentamento, júbilo. 2 Deleite, gosto, satisfação, sensação agradável. 3 Boa vontade; agrado. 4 Distração, divertimento. 5 Emoção agradável que resulta da atividade satisfeita (MICHAELIS ONLINE, 2019, s/p).

dade. Assim, o prazer sexual tem, por um lado, uma ligação com a liberdade sexual, o conhecimento do corpo e o objetivo de práticas sexuais e eróticas, e tem, por outro lado, esta ligação com a indisciplina, a imoralidade e o risco. Estas questões se diferenciam quando colocadas diante dos marcadores de gênero, geração, classe e orientação sexual, que, para algumas pessoas, tais práticas sexuais e a busca pelo prazer são aceitas em oposição a estas outras que são condenadas e questionadas.

Segundo o estudo de Marcela Pastana (2014) sobre a análise de revistas femininas e masculinas, os discursos sobre o prazer sexual feminino são muitas vezes articulados aos discursos sobre o cuidado com o corpo e a beleza. Um exemplo disso é quando o sexo é anunciado como um exercício ou quando os exercícios físicos, as dietas e outros procedimentos estéticos são representados como potencializadores da atratividade e do prazer sexual.

A autora questiona, também, que embora a abordagem do sexo seja tratada de forma aberta nas revistas femininas, muitas vezes passando uma ideia de maior “liberdade sexual”, essa liberdade do desejo e do prazer são convertidos em coordenadas a serem seguidas, ou seja em como beijar, como tirar a roupa, como fazer sexo oral, quais posições se deve fazer para agradar ao parceiro, entre outras recomendações que não deixam nenhum espaço para a criação de movimentos próprios, como se o sexo fosse uma coreografia a ser desempenhada com passos pré-determinados (PASTANA, 2014)

Outro aspecto trazido pela autora citada anteriormente é que a relação entre se sentir bonita e o prazer sexual é colocada como óbvia, inquestionável. Além da ênfase na importância de um corpo bonito para ser considerada como desejável e atraente, havendo também a afirmação da necessidade de relaxar, de “esbanjar” segurança, e, ao menos no momento da relação sexual, esquecer os “estereótipos”, mesmo que estes sejam demarcados e cobrados o tempo todo (cuidados com os cabelos, maquiagem, estrias, celulite, gordurinhas, descuido com lingerie e depilação).

Em suas conclusões, Pastana (2014) aponta que a importância de buscar agradar o olhar masculino é mais uma vez reforçada com o corpo feminino sendo representado não como fonte de prazer, satisfação e tesão para as mulheres, mas como sendo avaliado e fragmentado em partes hierarquizadas a partir de dados estatísticos sobre quais dessas partes corporais provocariam mais ou menos o tesão dos homens consultados.

Tais conclusões coadunam com a proposição de Valeska Zanello (2018) sobre o dispositivo amoroso. A autora toma como base o conceito foucaultiano de dispositivo, trazendo esse conceito como implicado em um processo de subjetivação. No caso do dispositivo amoroso

trazido pela autora, as mulheres são subjetivadas a partir da noção coconstruída na nossa cultura do amor romântico e do lugar de “ser escolhida por um homem” (p.84).

O amor, como conhecemos na atualidade, é histórica e socialmente construído, privilegiando processos específicos de configuração afetiva nos papéis de homens e mulheres. Em nossa cultura, o modelo de amor é herdeiro do amor burguês e romântico, cuja moral sexual se apoia na afirmação da heterossexualidade como amor “natural”, bem como configura o matrimônio a via legítima para a realização do amor-paixão entre homens e mulheres. Essa moral defende a monogamia e a dedicação intensa para mulheres, enquanto permite a poligamia e o baixo investimento na relação para os homens (ZANELLO, 2018).

A autora também traz a metáfora da “prateleira do amor” como o lugar comum da mulher à espera da escolha de um homem. Para ter o melhor lugar na prateleira, o ideal estético (branca, loira, magra e jovem) é fortemente cobrado e perseguido nas mulheres. Segundo ela, “por ser vendida a ideia de que quem não nasce bela, pode tornar-se, ou seja, como um bem de consumo que depende do esforço individual, a beleza deixou de ser uma questão meramente estética para ser um dever ético” (ZANELLO, 2018, p. 85).

O objetivo da busca do ideal de beleza é o reconhecimento social e a provação do olhar do homem. Ser escolhida é um valor relacional, ou seja, produzido na comparação com outras mulheres disponíveis também na prateleira simbólica.

No campo da sexualidade esse dispositivo opera sendo central nas práticas sexuais. A exibição de uma performance sexual passou a ser interpelada em formas diferentes nos homens e nas mulheres: para eles, a eficácia é marcada sobretudo pela ereção e sustentação dela; e para elas, a capacidade de se colocarem como objeto sexual e de se satisfazerem nesse papel.

Deste modo, as mulheres se observam sendo olhadas e seus órgãos sexuais não são erotizados para elas mesmas. Zanello traz ainda a sua experiência de trabalho com mulheres que, elas mesmas, exprimem o estranhamento e ao mesmo tempo a “inveja” dos homens por estes conseguirem sentir tanto prazer com o corpo da mulher, pois para sentirem prazer sozinhas, como na masturbação, se imaginam no corpo do homem que as penetram para compartilhar do desejo de ser desejada. Ou seja, “as mulheres não aprendem a erotizar o desejo feminino” (ZANELLO, 2018, p. 101).

Diante do exposto, percebemos o quão polissêmico são os estudos de sexualidade e os entraves e desigualdades que emaranham as questões das sexualidades de mulheres. Diante dessa polissemia, desafiamo-nos a pensar a sexualidade pela ótica feminista como uma construção sócio-histórica e política, tecida por pertencimentos sociais como gênero, classe, raça,

geração, entre outros. Do mesmo modo, a concepção de prazer aqui adotada parte dessa construção e das formas de expressar os desejos e prazeres compostas nas/pelas relações sociais e afetivas situadas em uma conjuntura, qual seja, uma capital de um Estado no Nordeste do Brasil, em 2019, e todas as questões que envolvem esse momento social e político. Somado a isso, traremos, a seguir, pontuações de como o conceito de juventude se intersecciona no campo da sexualidade.

2.2 Sexualidades e juventudes

Diante do interesse em compreender as sexualidades de mulheres, deparei-me, no decorrer da pesquisa, com o marcador juventude. Embora a juventude não seja descrita apenas pela faixa etária, este aspecto precisou ser considerado, visto que a maioria das nossas interlocutoras tem idade abaixo dos 30 anos. De maneira normativa e na perspectiva destinada às políticas públicas, o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE – coloca como jovens aquelas que se encontram dentro da faixa etária entre 15 e 29 anos de idade.

Sigo, portanto, com o entendimento das juventudes enquanto uma categoria social, marcada pela cultura, que envolve o compartilhamento de um conjunto de características, como crenças, valores, interesses, normas e práticas. Deste modo, o termo juventude, como a todos os que nos apoiam nessa escrita, também deve ser referido no plural. Vale ressaltar as múltiplas condições juvenis existentes nas mais diversas sociedades, enfatizando a necessidade de se levar em consideração essas diversas situações juvenis. (DAYRELL, 2003; MENEZES; COSTA; ARAÚJO, 2013; NASCIMENTO-GOMES, 2016).

Concordo, ainda, com a noção apontada por Juarez Dayrell (2003) ao compreender as juventudes de acordo com o momento em que passa a sociedade. Ou seja, em sua diversidade o que implica considerá-la não presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelas pessoas no seu contexto social.

Pensar o campo das sexualidades e juventudes tem sido um desafio desde o início dos anos 2000 (CALAZANS, 2005; FRANCH, 2011), quando se intensificaram essas pesquisas no Brasil. Segundo Mônica Franch (2011), a temática juvenil foi bastante debatida em muitas publicações e eventos científicos, nesta década, bem como esteve em evidência com a implementação de Políticas Nacionais voltadas para jovens.

Para Gabriela Calazans (2005), seria difícil pensar no universo juvenil sem tratar sobre o tema das sexualidades, considerando que, nas últimas décadas, a produção do conhecimento

sobre o tema tem agregado a complexidade de novos marcos teóricos com contribuições dos campos da Sociologia, da Psicologia Social e da Antropologia, favorecendo uma leitura culturalmente contextualizada.

Entretanto, a autora traz que o desafio que ainda está posto é pensar as sexualidades e as juventudes para além da ideia naturalista e a-histórica, uma vez que, para o discurso de muitos sexólogos e educadores sexuais, esses temas estariam calcados na natureza dos processos de amadurecimento hormonal. Ou seja, compreendidos dentro de uma lógica universalistas, homogeneizantes e biologicistas.

Conforme Claudia Mayorga e Geíse Pinheiro Pinto (2013), a Psicologia, em especial a Psicologia do Desenvolvimento, contribuiu também para compreensões na perspectiva evolucionista que produz associações das juventudes às características como insegurança, rebeldia, instabilidade, sendo elas inerentes a esta fase da vida. Ainda segundo as autoras, na Psicologia esta concepção se fez presente pontuando a hierarquia entre jovens e adultos como algo natural e necessário.

Focalizando dentro das discussões sobre juventudes, especialmente as questões da sexualidade, Marion Quadros (2013) aponta que há uma ausência de temas ligados à sexualidade de mulheres jovens, o que parece sinalizar que a sexualidade das jovens continua sendo “palco de constrangimentos e silenciamentos” (p.132). Quando ocorre, a abordagem ao tema se dá principalmente no campo do risco e da irresponsabilidade com a gravidez na adolescência e as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) como foco.

Quando ligados às questões da iniciação sexual, alguns estudos abordam, prioritariamente, a associação entre iniciação sexual precoce e comportamento sexual de risco, uma vez que, para estes estudos, a iniciação sexual precoce expõe a jovem a um contexto de vulnerabilidade, pois a mesma terá um período maior de atividade sexual e, com isso, terá mais parceiros/as sexuais até chegar aos relacionamentos monogâmicos estáveis e duráveis (CALAZANS, 2005; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Outras autoras, a exemplo Maria Juracy Filgueiras Toneli (2004), Cíntia Carvalho (2012) e Veriana de Fátima Rodrigues Colaço e João Paulo Pereira Barros (2013), também trazem em seus estudos que no Brasil as questões da sexualidade atreladas à juventude são marcadamente associados à moral com a preocupação sobre uma possível excessiva emancipação dos jovens em relação aos pais/mães/cuidadoras, e como uma espécie de incentivo à liberalidade sexual e exposição precoce a riscos tidos por inerentes à sexualidade.

Entretanto, pouco espaço ainda é dado às experiências sexuais que passam ao largo da heteronorma (LOURO, 2000). Ainda assim, os sentimentos (amor, tesão, amizade, etc.) associados aos encontros sexuais em suas diferentes modalidades (ficar, namoro, etc.), na interface com situações de vulnerabilidade, são aprofundados em muitos dos estudos que tive a oportunidade de ler (ADRIÃO *et al.*, 2017; BARROS; COLAÇO, 2013; FRANCH, 2011; HEILBORN *et al.*, 2006; LHOMOND, 1999; NASCIMENTO-GOMES, 2016; NASCIMENTO, 2009; SHUÑA, 2014).

Entendemos com estranhamento a ideia de precocidade sexual, visto que, para tal designação, precisaríamos definir uma idade ideal para todas as mulheres iniciarem a sua vida sexual, o que seria distante da nossa perspectiva teórica na qual entendemos a sexualidade não como uma vivência universal e previsível, mas como perspectiva plural enquanto processo simbólico e político em que nossas identidades, desejos, relacionamentos e emoções são construídos pela cultura em que estamos inseridos. Deste modo, a orientação, os sentidos e a noção de experiência, ou de comportamento sexuais, não são passíveis de generalizações (HEILBORN *et al.*, 2006; LOURO, 2000).

Na literatura brasileira a gravidez é colocada como problema juntamente com a exposição às IST, sendo essas as principais problemáticas para justificar os estudos sobre a sexualidade de mulheres jovens. Outro ponto relevante é que os dados recentes apontam para a feminização da epidemia de AIDS no Brasil, com o aumento de casos em mulheres heterossexuais em relacionamento estável (SILVA, 2018). Ou seja, o discurso moral de proteção por via da monogamia ou da redução dos parceiros sexuais não tem efetividade.

Mais recentemente, a retomada da preocupação com a AIDS aumentou consideravelmente o interesse em financiar e realizar pesquisas sobre a sexualidade. Segundo o relatório Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), a população vivendo com a doença no Brasil passou de 700 mil, em 2010, para 830 mil em 2015, com 15 mil mortes por ano. O Brasil sozinho responde por mais de 40% das novas infecções de AIDS na América Latina e das 4.500 novas infecções por HIV em maiores de 12 anos em 2016, 35% ocorreram entre jovens de 15 a 24 anos.

Ainda segundo o programa, em contextos de alta prevalência, as mulheres jovens continuam a ter um risco inaceitavelmente elevado de infecção pelo HIV. Durante décadas, a desigualdade de gênero, a discriminação e a violência colocaram as mulheres e meninas nas populações-chave em situações de maior risco de infecção por HIV e prejudicaram seu acesso aos benefícios dos serviços de saúde para o HIV. Concordo aqui com Carole Vance (1995) sobre o

fato de que os estudos sobre AIDS, na perspectiva adotada no campo da saúde, incentiva o ressurgimento de abordagens biomédicas da sexualidade, da medicalização e da ideia de sexualidade atrelada à doença.

Desse modo, entendo que esse olhar sobre as sexualidades, acrescido do fato das juventudes e das mulheres estarem na pauta dos dados recentes sobre HIV/AIDS, ajuda a reforçar a sexualidade das jovens como risco e nos faz pensar na necessidade de estudos sobre sexualidade na perspectiva crítica e situada.

Assim, o propósito deste estudo é olhar para a sexualidade a partir das trajetórias afetivo-sexuais das mulheres jovens, entendendo que a sexualidade se constrói na história e na cultura, quando o corpo é investido por diversos sentidos: de gênero, classe, categorias, valores, trajetórias, práticas sociais e sexuais que moldam, orientam, entalham, elegem, descartam e entrelaçam desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a uma carreira sexual e amorosa (HEILBORN *et al.*, 2006).

2.3 Direitos sexuais e direitos reprodutivos nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens

Considerando as reflexões acima e o contexto político que vivenciamos no país, é importante destacar que o tema das sexualidades, a partir da década de 90, é compreendido como parte fundamental dos Direitos Humanos através dos Direitos Sexuais e os Direitos Reprodutivos (DS/DR).

Sônia Correia e Rosalind Petchesky (1996) apontam que, devido ao campo dos direitos ter como premissa a universalização, a dicotomização entre público e privado e a indeterminação da linguagem, é necessário inseri-lo diante de marcadores como gênero, classe, raça, orientação sexual, geração, como também de outros direitos sociais que envolvem o bem estar social, a segurança pessoal e liberdade política, uma vez que estes são “elementos essenciais para a transformação democrática da sociedade e para a abolição das injustiças raciais, étnicas, de gênero ou classe”(CORRÊA; PETCHESKY, 1996, p. 149).

Assim, partimos da ideia dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, conforme compreende Maria Betânia Ávila (2003), como dois campos separados, embora interconectados, no sentido de assegurar a autonomia dessas duas esferas da vida e, assim, relacioná-las entre si e com várias outras dimensões da vida social. Além disso, é também um reconhecimento histórico das pautas que levaram o feminismo a defender a liberdade sexual das mulheres como diretamente relacionada à sua autonomia de decisão na vida reprodutiva.

Consideramos os Direitos Reprodutivos como a garantia da promoção da liberdade de escolha reprodutiva, ou seja, o direito de as mulheres decidirem se, quando e como querem ter filhos. Os Direitos Sexuais, por sua vez, dizem respeito à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade com prazer, autonomia livre de coerção, discriminação e violência (ÁVILA, 2003; CORRÊA; PETCHESKY, 1996).

Outro ponto que considero importante é o entendimento que os direitos individuais e os direitos sociais não estão dissociados. Embora o discurso liberal clássico faça uma diferenciação do que seria da esfera pública e da esfera privada, há o entendimento de que as pessoas não tomam decisões “igualmente livres” devido aos contrastes sociais. Logo, para que as decisões das mulheres sobre seus DS/DR (considerados como da esfera individual) não sejam meramente incitadas pelas circunstâncias, é necessário que existam condições sociais como base para esses direitos, o que requer responsabilidades do Estado. (CORRÊA; PETCHESKY, 1996).

Para Correia e Petchesky (1996), essas bases para os DS/DR constituem-se de quatro princípios: 1) integridade corporal ligada à noção de liberdade sexual e reprodutiva com segurança e ao controle do corpo; 2) autonomia pessoal, que significa tratar as mulheres como atrizes capazes de tomar decisões e com informação adequadas e acessíveis; 3) igualdade no sentido de equalizar os sistemas de gênero e as diferenças entre mulheres nas condições de classe, raça, geração, entre outros; e 4) diversidade, que refere-se ao respeito às diferenças de religião, cultura, valores, orientação sexual, condições médicas, etc., entre mulheres.

Entendo que estes princípios precisam ser reafirmados e assegurados, em especial, no contexto atual no qual tais questões têm sido constantemente atacadas por um discurso conservador que deslegitima a autonomia e a diversidade. Não é por acaso que a estruturação de projetos de leis⁸ como a “Escola sem partido”, conhecida como “lei da mordaza”, tem, desde 2014, tramitado no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas dos Estados, sendo aprovados em alguns municípios, trazendo dentre os diversos pontos, as pautas de proibição dos termos “gênero” e “orientação sexual” em sala de aula. Tais manejos políticos têm efeitos diretos na possibilidade de promover a autonomia dos sujeitos sexuais (PAIVA 1996) e o enfrentamento das desigualdades de gênero.

Por fim, vale destacar que ser sujeito sexual se refere à

- a) desenvolver uma relação negociada com as normas da cultura familiar e do grupo de pares; b) explorar (ou não) a sexualidade independente da iniciativa do parceiro; c)

⁸ Projetos de leis que tramitam e/ou tramitaram no congresso – [PL 7180/14](#); [PL 246/19](#).

conseguir dizer não e ter esse direito respeitado; d) negociar práticas sexuais que sejam prazerosas para si, desde que aceitas pelo parceiro e consensuais; e) conseguir negociar sexo seguro; f) ter acesso aos meios, matérias e serviços para efetuar escolhas reprodutivas, contraceptivas e de sexo seguro (PAIVA, 1996 apud QUADROS; MENEZES, 2009 p. 136).

Essas preocupações perpassaram a construção deste trabalho, uma vez que tais dimensões remetem aos direitos sobre o próprio corpo, que reverberam nas relações que as mulheres estabelecem consigo, com as/os parceiras/os e com a sociedade em que vive. No capítulo seguinte apresentaremos quais os caminhos que seguimos na construção desse trabalho, considerando as questões de sexualidade, gênero e prazer que foram trazidas brevemente até aqui.

3 ENCONTRANDO TRILHAS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Dedico esse capítulo à apresentação dos princípios teórico-metodológicos que fundamentaram o estudo em questão. Os capítulos precedentes tiveram o propósito de mapear teoricamente os estudos, pesquisas e conceitos que fundamentaram o trabalho aqui apresentado.

Essa pesquisa situou-se no âmbito da Psicologia Social, tendo como perspectiva epistemológica o construcionismo social e as perspectivas feministas, citados anteriormente, que resgatem o valor da reflexão e da crítica subjacente e racional através de uma prática que privilegia a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança nas transformações dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver o campo-tema (HARAWAY, 1995).

Donna Haraway (1995) traz que no campo de construção do conhecimento, dentro da perspectiva feminista, é preciso torna-se responsável pelo que aprendemos a “ver”, ou seja, considerarmos que o conhecimento é situado e corporificado e que, devido a isso, é necessário que o objeto do conhecimento seja visto como “um ator e agente, não como tela ou terreno, ou um recurso” (p.36). Assim, há o entendimento de que todos os conhecimentos são parciais, e reconhece o feminismo como um posicionamento crítico em um espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero.

Concordamos com a Conceição Nogueira (2001a) que essa perspectiva epistemológica nos faz refletir sobre o nosso próprio pensamento, constatando e criticando os nossos próprios pré-entendimentos epistemológicos e seus efeitos em todo o percurso da pesquisa. Assim, com o intuito de entender de modo mais aprofundado este percurso epistêmico-metodológico, a seguir irei apresentar algumas considerações sobre o construcionismo social, gênero e pesquisas feministas.

3.1 Contribuições do construcionismo social

Por anos as ciências sociais utilizaram a objetividade como pilar para a garantia de discursos científicos independentes, verdadeiros e universais, de modo que o conhecimento científico foi sustentado na crença de que seria autônomo da pessoa que o produzia, o que lhe propiciava um rigor inquestionável. As abordagens positivistas perpetuaram a visão da/o cientista alheio ao seu objeto de conhecimento em todo o processo de pesquisa e interpretação dos dados oriundos dessa (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

Essa tendência de excluir o social, agregada à crença no controle da objetividade, fez com que surgisse, por parte de novas correntes epistemológicas (o construcionismo social, o construcionismo radical, o feminismo crítico e o pós-modernismo), uma série de críticas ao positivismo e às abordagens estruturalistas e essencialistas. Críticas essas que surgiram a partir de novas formas de ler e construir a realidade e os discursos dos/as seus/suas agentes. (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

A história do construcionismo social, incluída no contexto do desenvolvimento da ciência, está pautada em três críticas ao fazer científico: a crítica social, a ideológica e a retórico-literária. A primeira diz respeito à gênese do pensamento científico e como este é cultural e historicamente situado. Já a segunda busca explicitar os vieses presentes na construção de determinadas teorias, decorrentes do seu compromisso com grupos sociais específicos, rejeitando a ideia de neutralidade da ciência e sua possibilidade de descrição objetiva e acurada do mundo. A terceira, no que lhe diz respeito, busca mostrar como as descrições e explicações científicas são determinadas pelo poder persuasivo, através do uso de metáforas e das formas específicas de apresentação da relação autor/leitor e do objeto descrito (RASERA; JAPUR, 2005).

Autoras como Conceição Nogueira (2001b), Marisa Japur e Emerson Rasera (2005) apontam que não existe uma única definição para o mesmo, mas assume-se que existem características partilhadas, que qualquer abordagem que tenham como base esses pressupostos podem se chamar construcionista social. Os pressupostos apontados por eles seriam:

1. A especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo: considera que os termos e as formas pelas quais se consegue compreender o mundo, e cada um individualmente, são artefatos sociais, produtos das inter-relações entre as pessoas, com especificidade históricas e cultural. Ou seja, ao usarmos determinadas palavras em uma situação dada, por exemplo, estamos realizando uma opção que define a construção da realidade através dos sistemas de significação.
2. A primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento: as descrições do mundo são sustentadas ao longo do tempo. Não por validade objetiva, mas devido às vicissitudes do processo social. Assim, as explicações sobre o mundo são resultado da coordenação da ação humana, isto é, dos significados construídos em relacionamento. Para os construcionistas sociais, “o significado das palavras é decorrente do seu uso social [...] que através de processos sociais – negociação, comunicação, conflito e consenso – podem produzir significados locais duráveis no tempo” (RASERA; JAPUR, 2005, p. 22).

3. A interligação entre conhecimento e ação: o significado da linguagem deriva de seu modo de funcionamento dentro dos padrões de relacionamento, ou seja, o uso da linguagem é uma forma de ação, tendo por isso, um caráter “performativo”; compreender que avaliar as formas de discurso existentes é também avaliar padrões de vida cultural, pois as diferentes formas de descrever o mundo implicam em diferentes formas de ação social.

4. A valorização de uma postura crítica e reflexiva: ter posição crítica face ao conhecimento fornecido como “verdade”, visto que é necessário repensar aquilo que damos como certo em nossa maneira de perceber o mundo e compreender como as descrições e formas de pensar funcionam, para que servem, em quais situações e para quem.

Segundo Sofia Neves e Conceição Nogueira (2005), o objetivo da pesquisa construcionista desloca-se da natureza das pessoas ou da sociedade para as interações e suas práticas sociais, resultando na consideração dos indivíduos como agentes proativos com incontáveis potencialidades.

Desta maneira, a pesquisa construcionista não descreve as coisas como são, mas o processo pelo qual elas são ativamente construídas entre as pessoas. O foco deixa de ser a estrutura e passa a ser a continuidade do processo de construção do conhecimento e do mundo (RASSERA; JAPUR, 2005).

Nogueira (2001) traz que o construcionismo social oferece, também, uma leitura crítica da própria psicologia que tem se esforçado arduamente por se proclamar como apolítica. Segundo ela, esta proclamação de neutralidade política é, em si mesma, extremamente comprometida do ponto de vista ideológico e político, porque acaba por legitimar práticas sociais que poderiam ser questionáveis.

Diante do exposto, um dos lugares que parto na construção deste estudo é o de assumir o desafio de uma posição reflexiva como um exercício crítico no fazer pesquisa, desde antes da preparação para o encontro com as interlocutoras, até o momento de escrita e posterior devolutiva dos processos que tecemos aqui. Este não é um processo simples, pois exige atenção, auto-observação e estranhamento constante das posturas e lugares adotados, em especial do lugar de pesquisadora. Entretanto, é um esforço necessário para uma construção que considere os lugares de opressão e privilégio que perpassam as relações entre pesquisadora e interlocutora, bem como avaliação dos efeitos da dimensão relacional e social na produção dos discursos científicos.

3.2 Pesquisas feministas e gênero

A partir dos estudos iniciais realizados, entendemos o campo feminista como um campo complexo, marcado por confusões e preconceitos, que engloba o movimento feminista, as ações nas políticas de Estado e o mundo acadêmico. Neste sentido, o feminismo é estudado dentro de uma rede de conexões que envolve o Governo, a Academia e os Movimentos Feministas (ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011).

O mais apropriado seria falar em metodologias e epistemologias feministas, no plural, pois não há uma forma de fazer ciência a partir das lentes oferecidas pelo feminismo e os estudos de gênero. As epistemologias feministas abrem-se para um campo multidisciplinar, onde a perspectiva da pluralidade é imprescindível (NARVAZ; KOLLER, 2007).

O Feminismo, que surge do movimento de luta das mulheres por direitos civis e políticos, é também um campo teórico-epistemológico extremamente fértil em suas problematizações, com críticas à cultura androcêntrica ocidental e ao sistema de produção de conhecimento científico. As feministas destacam que as opressões de gênero, de etnia e classe social perpassam a sociedade ao longo dos tempos e sustentam práticas discriminatórias.

O movimento feminista contemporâneo é reflexo das mudanças do feminismo original (predominantemente intelectual, branco, e de classe média), e configura-se como um discurso múltiplo e de variadas tendências. Entretanto, os vários feminismos têm como base comum o reconhecimento de que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindicam que pessoas diferentes sejam tratadas como equivalentes e não como iguais (NARVAZ; KOLLER, 2006, 2007).

Em seu livro *Interseccionalidade e Psicologia Feminista* (2017), Conceição Nogueira aponta que a Psicologia nasce como ciência ao mesmo tempo em que se inicia a primeira onda do Feminismo⁹. Assim, no século XX, nos Estados Unidos da América os homens dominavam a psicologia científica que estava a nascer e a se consolidar, projetando valores do “novo homem” na ciência. Poucas mulheres desafiaram o viés androcêntrico, já que, para serem aceitas, a maioria escolheu imitar as abordagens da psicologia que foram defendidas por seus pares masculinos.

⁹ A perspectiva dos feminismos por ondas não é consensual por dar origem a uma tendência reducionista e simplificadora, além de dar a ideia de que as abordagens de cada onda foram sucessivamente “ultrapassadas” pelas ondas seguintes. Entretanto, Conceição Nogueira usa a divisão em ondas assumindo que esta classificação possibilita que se percebam as diferentes e diversas posições que foram sendo trabalhadas ao longo do tempo e que coexistem (NOGUEIRA, 2017).

A partir de 1936, têm relevância os estudos para identificar e medir atributos psicológicos de homens e mulheres. Esse tipo de investigação obteve grande popularidade e veio a dar origem a um conjunto de estudos que determinava as características típicas entre masculino e feminino, baseadas na dualidade de papéis e na redução dos temperamentos aos traços de personalidade.

Na década de 60, com o impacto da segunda onda do feminismo, o viés androcêntrico foi seriamente desafiado e novos programas de pesquisa, agora claramente feministas ou formados pelas teorias feministas, começaram a surgir (NOGUEIRA, 2017). Entretanto, conforme pontua a autora, essa influência não foi imediata e as mulheres tiveram que lutar para se tornarem visíveis enquanto profissionais da ciência. As críticas feministas à ciência psicológica sempre foram difíceis devido à ênfase positivista que dominava a disciplina e que se fundamentava na neutralidade e na objetividade.

A distinção entre “sexo” e “gênero” sugerida e desenvolvida durante a segunda onda do feminismo foi uma tentativa significativa de separar o sexo biológico do sexo social (gênero), possibilitando, assim, a crítica social (NOGUEIRA, 2001a). No entanto, a força cultural do essencialismo acabou mantendo a distinção ao dar lugar a novas diferenças sexuais, virtualmente idênticas às publicadas décadas atrás.

A própria noção de “Psicologia da mulher”, institucionalizada com a criação da divisão 35 (*Psychology of women division*), na APA (*American Psychological Association*), traz o caráter essencialista predominante na época, pois sugere que um grupo unitário de mulheres partilha de uma psicologia que presumivelmente lhes condiciona o comportamento.

Por volta dos anos 80, tem origem a chamada terceira onda do feminismo, na qual Nogueira aponta como marco as feministas pós-modernas e pós estruturalistas que criticamente questionam a noção de identidade coerente, estável e resistente à categorização e ao essencialismo (NOGUEIRA, 2017).

Este foi o período de eclosão das críticas pós-estruturalistas e pós-modernas às concepções de gênero e de subjetividade do feminismo hegemônico da época, que coincidiram com as críticas provenientes do feminismo negro. Nogueira traz que quatro grandes perspectivas têm contribuído para o discurso da terceira onda: a teoria da interseccionalidade, as abordagens feministas pós-estruturalistas e pós-modernistas, a teoria pós-colonial feminista e a agenda da nova geração de jovens feministas.

Este ponto de vista partiu da crítica à perspectiva essencialista da mulher na segunda onda, que não considera ou reduz as diferenças e desigualdades entre mulheres, bem como critica a ausência de compreensão sobre as opressões múltiplas e simultâneas vivenciadas pelas

mulheres, em especial as que não eram brancas da classe média nos Estados Unidos. (NOGUEIRA, 2017).

Surge, assim, na terceira onda, a proposta de concentrar-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Estes aspectos deslocam o campo de estudos sobre mulheres e sobre os sexos para os estudos das relações de gênero.

Essas abordagens críticas à ciência, como as perspectivas feministas, chegam à Psicologia e trazem a proposta de ser uma ciência comprometida com as questões sociais, com as relações de poder e com a proposta de assumir como objetivo a promoção de poder dos grupos desfavorecidos, maximizar a sua participação nos processos de pesquisa e potencializar a utilização de métodos qualitativos como garantia de difusão de suas vozes. São materializadas a partir da proposta do Construcionismo Social, da reflexividade e da epistemologia feminista. (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

No campo dos estudos de gênero, o construcionismo social assume o gênero como uma construção social, um sistema de significados que se constrói e se organiza nas interações e que governa o acesso ao poder. Não é por isso um atributo individual, mas uma forma de dar sentidos às transações das relações sociais.

Para melhor se compreender o gênero numa perspectiva construcionista social, é importante ter presente a crítica ao essencialismo, ou seja, a conceituação de gênero como características permanentes e estáveis no indivíduo. Os modelos essencialistas assumem o gênero em termos de atributos internos persistentes, mas separados das experiências de interação que vão sucedendo nos contextos diários e sociopolíticos da vida.

O conceito de gênero é heterogêneo e discutido em distintos campos do saber, dos discursos e das práticas. Trata-se de uma noção que foi sendo pulverizada com mais intensidade a partir da década de 70, ainda na segunda onda do feminismo, nas academias e nos movimentos sociais, sobretudo, entre os movimentos formados por mulheres feministas, gays, lésbicas, travestis e transexuais. O mesmo surgiu, primeiramente, para suplementar o de “sexo” e não para substituí-lo, ou seja, as diferenças sexuais foram assumidas como o pilar sobre o qual os significados culturais são construídos. Neste período, as bases epistemológicas traziam, além deste aspecto, a noção de identidade como substancial, marcada pela constância. A categoria utilizada nesse momento histórico foi o de “mulher”, entendida como uma essência comum às mulheres, assim, “foi escamoteada a diversidade de realidades de várias mulheres que não as brancas de classe média e alta” (ZANELLO, 2018, p. 43).

Ainda nesse período histórico/epistemológico, Gayle Rubin (1993) aponta que toda sociedade tem um sistema específico que organiza socialmente a sexualidade. Este sistema ela

denomina de sexo/gênero que seria um conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana.

O enfoque principal seria a desnaturalização da diferença sexual, evidenciando como as relações hierárquicas de gênero têm se figurado como produtos da atividade humana, social e culturalmente instaurados e perpetuados. A ideia era mostrar como as relações de parentesco inauguraram as diferenciações sociais matizadas pelas características biológicas (SANTOS, 2018).

Segundo Piscitelli (2003), o interesse de Rubin foi mostrar os modos de produção das relações de opressão e dominação a partir do sistema sexo/gênero e a naturalização da heterossexualidade presente em abordagens antropológicas e psicanalíticas.

No entanto, as formulações da autora em sua leitura da construção da atividade sexual humana, enquanto atividade social, não deixa de considerar a centralidade da sexualidade ligada à reprodução e a íntima conexão entre gênero e sexualidade. Deste modo, embora relevantes dentro dos estudos de gênero, seus conceitos vão ser objetos de inúmeras críticas, sobretudo, por autoras feministas que passaram a questionar a dualidade e a universalidade que atravessavam as suas postulações teóricas (PISCITELLI, 2003; SANTOS, 2018).

Dentro das correntes críticas de tendência pós-estruturalistas, na terceira onda do feminismo, Judith Butler destaca que a diferença sexual é uma construção de gênero. Propõe uma compreensão de gênero em torno da noção de performatividade, resgatando a noção de processo e construção singular de cada sujeito dentro de um campo situado de possibilidades, que é reafirmado ou renegociado através de sucessivas performances, ou seja, atos, práticas concretas (e não essenciais), através dos quais os sujeitos se constituem (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Essa repetição estilizada de atos vai aos poucos dando a ideia equivocada de substancialização. Esses processos não se dão livremente, mas através de *scripts* culturais que existem ao longo da história da sociedade e são mantidos por práticas sociais (ZANELLO, 2018). A partir dessa perspectiva, por exemplo, a mulher seria um devir, um processo em formação, que só pode ser compreendido enquanto produto das relações de poder que lhe são constituintes. Isto é, não uma essência, apenas performances que se repetem de modo ficcional e produzem realidades culturalmente fabricadas.

No processo de pensar a constituição das performances de gênero, Zanello (2018) resgata o conceito de Tecnologias de Gênero de Teresa de Lauretis (1987). Este conceito traz que as pessoas são constituídas no gênero, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por códigos

linguísticos e representações culturais. Segundo Zanello, “a relação entre a constituição subjetiva do gênero e a linguagem é fundamental. Desnaturalizar a linguagem (e seus usos) é descolonizar afetos” (ZANELLO, 2018, p. 46).

A partir da perspectiva feminista, do construcionismo social e dos estudos de gênero na psicologia social, refletimos sobre as vivências de sexualidade e os significados de prazer entre mulheres universitárias em Recife. Como mencionado, nos baseamos em premissas de uma pesquisa de orientação qualitativa para trabalhar os desafios do campo/tema. No capítulo seguinte, abordaremos nossos procedimentos metodológicos, apresentando os caminhos que seguimos para construção do presente trabalho, bem como fazer uma apresentação de nossas interlocutoras.

4 ITINERÁRIOS DOS ENCONTROS – MÉTODOS E CAMINHOS PARA ANÁLISE

A escrita deste capítulo se dá na tentativa de sistematizar como foi meu encontro com as interlocutoras que estiveram conosco nesse processo de construção do trabalho. Inúmeras inquietações me motivaram a refletir e a procurar compreender as relações que as mulheres estabelecem consigo mesmas sobre suas próprias trajetórias sexuais.

Discutir tais aspectos não seria possível sem a generosidade das mulheres em partilhar suas histórias comigo, portanto, desde já, credito a elas este estudo e agradeço pela disponibilidade em conversar sobre assuntos tão pessoais.

É importante também ressaltar a importância que é construir e planejar de forma coletiva. Nossas atividades, reflexões e estratégias de ação ganham outros contornos quando conseguimos trocar com nossos pares questionamentos, dúvidas e propostas. A partir de um interesse inicial, das reuniões coletivas no grupo de pesquisa, das orientações individuais e as sugestões apresentadas durante a banca de qualificação, foi possível desenhar as trilhas por onde passamos nesse percurso.

Esta pesquisa foi desenvolvida como uma pesquisa qualitativa, utilizando a estratégia de pesquisa no campo (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009). Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, optamos por utilizar a pesquisa de inspiração feminista, pois estas contribuíram de maneira decisória para a instauração do movimento crítico nas Ciências Sociais, propondo um processo de pesquisa que estimulava as pesquisadoras a questionar e duvidar permanentemente das formas de produzir conhecimento.

4.1 Cenário do estudo¹⁰

Esta pesquisa foi desenvolvida no campus da Universidade Federal de Pernambuco, situado na cidade de Recife, no bairro da Cidade Universitária, com um grupo de estudantes que estava fazendo seu curso de graduação em 2017.

A Universidade Federal de Pernambuco possui três campi: o do Recife, situado no bairro da Cidade Universitária, o de Caruaru, no Agreste, e o de Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata. O campus mais tradicional da UFPE é o do Recife, criado em 1948, dois anos após a fundação da Universidade do Recife, que deu origem à atual instituição. No Campus Recife são

¹⁰ Todas as informações sobre a UFPE foram consultadas apenas no site institucional da autarquia, vide: <http://www.ufpe.br>.

mais de 40 prédios, entre eles a Reitoria, nove Centros Acadêmicos, oito Órgãos Suplementares, Centro de Convenções, Concha Acústica, Clube Universitário, Creche, Casas dos Estudantes Masculina e Feminina e o Restaurante Universitário.

Graças às iniciativas do Governo Federal da época, em 2006, a UFPE iniciou um vigoroso processo de interiorização com a construção simultânea de dois novos campi, um no município de Caruaru, distante 130 Km do Recife, e outro no de Vitória de Santo Antão, a 55 Km da capital. As unidades são chamadas, respectivamente, de Centro Acadêmico do Agreste (CAA) e Centro Acadêmico de Vitória (CAV). Em 2016, os dados da instituição apontavam que a mesma era formada por uma comunidade de aproximadamente 40.000 estudantes, 3.000 docentes e 5.000 servidores técnico-administrativos.

Outro ponto que merece destaque são as iniciativas dentro da universidade para a visibilidade da questão da diversidade de identidade de gênero e orientação sexual no interior do campus. As discussões sobre o tema já vinham caminhando a partir do tensionamento dos discentes e, mais intensamente em 2015, tem-se a organização para a escrita da portaria sobre o uso do nome social na UFPE e a criação da Diretoria LGBT.

A Diretoria LGBT é responsável pela execução da “Política LGBT da UFPE”, cujo objetivo primordial é favorecer o ACOLHIMENTO, a INSERÇÃO e a PERMANÊNCIA da comunidade LGBT da UFPE. Sendo assim, ela coordena e implementa as ações afirmativas e os projetos relacionados aos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e Intersexuais. Seus trabalhos circulam entre quatro diretrizes: **a primeira está direcionada às ações preventivas** através do projeto " VAI TER TRANS NA UFPE SIM!"; Campanhas de conscientização e sensibilização quando aos direitos da comunidade LGBT, Parceria com o Núcleo de Televisão e Rádio Universitário; Cinedebates e Cursos de capacitação da comunidade LGBT da UFPE.

A segunda está ligada às ações protetivas, a exemplo da criação do aplicativo de mapeamento de LGBTfobia, na UFPE; Elaboração de um regimento ético que preveja sanções a servidores e estudantes LGBTfóbicos; Lançamento da Ouvidoria da Diversidade.

A terceira está ligada às ações direcionadas à saúde da população LGBT que hoje dispões do espaço de apoio e acolhimento de pessoas trans no HC-UFPE. Por fim, **a quarta diretriz está ligada às atividades de pesquisa e extensão**, com a Produção de uma linha editorial LGBT; Editais de pesquisa e extensão para a população LGBT; Criação do prêmio Márcia Áran – Estudos de gênero e sexualidade na UFPE; realização de congressos e seminários com temática LGBT.

4.2 Formas de encontros com as interlocutoras

No primeiro semestre de 2019, através da rede de contatos da minha orientadora, apresentamos a proposta da pesquisa a um grupo de aproximadamente dez estudantes da graduação¹¹, ao qual apresentei as motivações para o estudo, os objetivos e a proposta dos encontros de diálogo para compor a construção das trajetórias que trabalharíamos no estudo em questão.

Fiz o convite para a participação e solicitei que as estudantes deixassem seu contato para que eu pudesse acioná-las e verificar se havia o interesse e a disponibilidade em contribuir para o trabalho¹². Desse contato, oito mulheres confirmaram interesse. A partir desse momento iniciamos as negociações para o encontro, uma vez que no primeiro contato me coloquei à disposição para as encontrar no local e horário que ficasse melhor para elas.

A falta de disponibilidade de algumas, desencontros entre os seus tempos disponíveis e a possibilidade de me deslocar até elas, levou ao total de cinco interlocutoras, prioritariamente jovens (apenas uma das mulheres tinha mais de 30 anos), com as quais realizamos apenas conversas únicas.

As conversas com as interlocutoras foram pensadas a partir da ferramenta das entrevistas semiestruturadas, por esta ser uma técnica privilegiada de comunicação, que permite que a entrevistada tenha a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2008).

Sérgio Aragaki, Maria Lúcia Lima, Camila Claudiano Pereira e Vanda Nascimento (2014) definem entrevista, em uma abordagem construcionista, como uma produção coconstruída por entrevistadora e entrevistada, feita a partir de negociações e pautada pela ética dialógica. Entre seus objetivos está o de

entender como as pessoas são posicionadas, como se posicionam e como se construiu o jogo de posicionamentos entre elas, o que nos possibilita explicitar de que maneira as relações de saber/poder vão se constituindo e como são negociadas pelos/as participantes (ARAGAKI *et al.*, 2014, p. 61).

¹¹ Durante as entrevistas percebi certo cuidado de algumas entrevistadas quanto a sua identificação. Portanto, para garantir o sigilo e anonimato das participantes, optei por não citar qual curso de graduação elas estavam cursando no momento da pesquisa.

¹² Este tipo de abordagem com participação na pesquisa é chamado de método de amostragem não probabilística, do tipo por conveniência ou acessibilidade. Este método permite à pesquisadora o acesso às participantes por seus critérios (GIL, 2008). No nosso caso, ofertamos a proposta de participação da pesquisa a um grupo de mulheres universitárias para que sua ela se desse de acordo com o interesse na pesquisa.

Dessa maneira, concordamos com as autoras que não “colhemos” as informações, como se elas estivessem por aí, prontas, acabadas e esperando que alguém as recolha, sem a participação ativa de quem entrevista. Ela é coproduzida em ato, estando, portanto, a reflexividade presente desde o momento da escolha da entrevista como ferramenta.

Nosso roteiro de diálogo¹³ foi organizado na tentativa de reconstruir a trajetória das interlocutoras no sentido de suas experiências afetivas e sexuais. Assim sendo, as questões estiveram relacionadas ao perfil das mulheres (idade, ocupação, renda); início das trajetórias afetivas (primeiros interesses, primeiro beijo); sobre relações afetivas e namoros; experiências sexuais, preferências sexuais e questões relativas ao prazer sexual.

Os encontros foram gravados em áudio digital e, posteriormente, transcritas textual e integralmente com o consentimento das mulheres, formalizado através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE¹⁴, e duraram em média uma hora cada.

Todas as entrevistas foram realizadas no campus da UFPE, em ambientes escolhidos pelas jovens. Estes variaram de salas de aula a ambientes externos, como os jardins e praças próximo aos departamentos. Vale destacar nossa preocupação com que as mulheres estivessem em locais confortáveis e seguras para a conversa, visto que a temática tratada faz relação com os aspectos íntimos e pessoais.

Entendemos que o processo de construção de informações para estudos, independente da ferramenta escolhida (entrevista, questionário, grupo, entre outros) pode ser feita em vários locais e em situações diversas. A escolha do local em que ela vai ocorrer, e em que condições, está relacionada às possibilidades da pesquisadora e das interlocutoras, ao objetivo da pesquisa e aos recursos disponíveis, entre outros elementos. O importante é lembrar que todos os locais ou todas as situações contribuem para performar a entrevista, podendo ser material rico para a pesquisadora atingir os seus objetivos (ARAGAKI *et al.*, 2014).

4.3 Implicações éticas

O presente estudo seguiu os procedimentos adotados para a realização de pesquisas com seres humanos. Prescrições éticas costumam ser materializadas em códigos, normatizações e resoluções. Com a necessidade de normatizar e garantir o cumprimento dos deveres éticos nas pesquisas que envolvem a participação de pessoas, temos em vigor a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que revisa a Resolução nº 196/96.

¹³ Vide Apêndice A.

¹⁴ Vide Apêndice B.

Esta resolução tem entre seus objetivos ser um documento válido para todas as áreas disciplinares e, embora traga avanços em relação a sua antecessora, tem mesma fundamentação normativa e metodológica nas pesquisas no campo médico. Como o olhar e as práticas na perspectiva biomédica são distintas das utilizadas nas ciências humanas e sociais, a resolução vigente ainda traz alguns entraves para a pesquisa em Psicologia.

Desse modo, além de obedecermos às normas e procedimentos impostos por comitês de ética (ou seja, à ética prescrita), constantemente temos de nos questionar sobre os efeitos que nossas pesquisas produzem. Ou seja, temos de refletir sobre a realidade que queremos contribuir para criar, manter ou transformar através de nossas práticas como psicólogas sociais (PRIOLI *et al.*, 2014)

O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. As mulheres que participaram das entrevistas foram informadas sobre os objetivos da mesma, quais os riscos e benefícios que teriam participando e oficializaram a autorização tanto para realização das entrevistas quanto para o uso das informações disponibilizadas, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A identidade das participantes foi preservada através do uso de nomes fictícios que representaram as mesmas.

Vale destacar que para além da ética prescritiva que se refere às normas burocráticas e documentos formais, buscamos respaldar nosso estudo na responsabilidade relacional através dos princípios da ética dialógica.

Isto é, defendemos a importância da ética ser entendida não como uma prescrição, mas como algo que é coconstruído, negociado, (re)significado por diferentes vozes – isso não significa, obviamente, que em nossas pesquisas desconsideremos a ética prescritiva dos códigos, e sim que enfocamos a competência ética de todas as envolvidas no processo de definição dos valores e das normas de conduta (PRIOLI *et al.*, 2014).

Assim, busquei ao máximo estar atenta às relações de poder e ao que o meu lugar de pesquisadora poderia interferir nas conversas com as interlocutoras, bem como estar disponível para negociar nos encontros com as jovens suas particularidades, respeitando quando alguma não queria falar ou aprofundar as informações sobre determinados assuntos.

4.4 Conhecendo as interlocutoras

Comento abaixo sobre as mulheres que puderam compartilhar suas histórias conosco. Descrevo seus perfis sociodemográficos e trago informações preliminares numa tentativa de

apresentá-las, sem perder de vista que as experiências são particulares e os significados que elas assumem são individuais, constituídas por saberes e verdades construídas socioculturalmente.

É importante destacar que em respeito ao princípio de sigilo e anonimato que guia a pesquisa com seres humanos, os nomes das mulheres entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios escolhidos por elas mesmas. Já os nomes de outras pessoas mencionadas por elas, foram reduzidos à primeira letra do nome ou pela redução do nome quando a primeira letra dificultasse o entendimento da frase.

Em contrapartida, para não tornar este anonimato incongruente em relação ao referencial teórico-metodológico adotado, solicitei que os nomes escolhidos tivessem um significado para elas e que elas pudessem me explicar o porquê da escolha. Assim, mesmo substituindo seus nomes, as mulheres podem se identificar no texto e se reconhecer como coautoras.

Luma foi a única que não conseguiu informar um nome para si. Teve muita dificuldade em pensar e autorizou que escolhêssemos um nome para ela. Acabamos por nomeá-la com as combinações de letras do seu nome, pois não queríamos atribuir um nome com algum sentido nosso. Luma estava com 19 anos no momento do nosso encontro, declarava-se branca, se considerava espírita e residia em um bairro da zona sul do Recife com a madrinha durante a semana e passava os fins de semana com a mãe e a avó que moram na zona oeste da cidade. Conta que aos seis anos de idade uma cliente de sua avó (não relata qual a atividade exercida por ela na época), a qual hoje ela denomina de madrinha, “se apaixonou por ela”, pois a mesma não tinha filhas mulheres. Assim, como a madrinha tinha boas condições financeiras, esta passou a presenteá-la e a levá-la para sua casa nos finais de semana. Quando Luma completou 10 anos, a mesma a convidou para residir com ela e informou que poderia ofertar uma educação melhor, pois ela sairia do ensino público para uma escola particular. Enfatiza que nunca perdeu contato com a mãe e a avó e que elas dividem as preocupações e orientações sobre ela. Em relação ao seu pai, ela fala que ele e a mãe nunca moraram juntos e, portanto, tem pouco contato com ele e com seus quatro irmãos paternos. Acerca da renda da família, Luma declara a renda da família materna de aproximadamente dois salários mínimos. Sobre as regras e valores, ela afirma que tanto a madrinha quanto a mãe têm influência nesse aspecto, considerando a mãe mais liberal e sua madrinha mais severa na forma de educar e orientar.

Flora foi o nome escolhido pela interlocutora, “Porque eu acho que a gente é flor, que brota, floresce”. Flora tinha 22 anos quando foi entrevistada, morava em um bairro de Olinda e a renda família era em torno de dois salários mínimos. Declarava-se negra/preta e informou que não tinha religião, nem relacionamento afetivo no momento. Residia com a mãe, o pai e a irmã mais velha em uma casa pequena alugada recentemente. Conta que durante a infância morou

em uma comunidade do bairro onde reside atualmente, em uma casa pequena no quintal de outros familiares, o que ocasionava diversas dificuldades. Sua mãe e seu pai passaram um tempo separados e com a volta da relação decidiram se mudar. Comenta que mesmo antes, quando morava dentro da comunidade – considerada perigosa devido ao tráfico de drogas, sentia-se mais segura do que agora, morando mais próximo à avenida principal, pois o bairro não é um espaço que as pessoas ocupam a rua, o que faz com que os trajetos para a parada do ônibus, por exemplo, sejam arriscados. Dos valores e regras familiares, conta que sua família sempre teve dificuldades financeiras e que as brincadeiras de infância eram na rua com os vizinhos. Seu pai era mais rígido com “regras patriarcais”, em suas palavras, mas ela conseguia negociar saídas com as amigas da escola quando começou a sair sozinha.

Vitória escolheu este nome, pois segundo ela representava seu momento de vida. Afirmou estar bem e feliz em todos os aspectos da sua vida, em especial em relação a si mesma, pois há um tempo não se sentia bem com seu corpo e estava no processo de perda de peso. No momento que me concedeu a entrevista, Vitória estava com 33 anos, se declarou parda e sem religião no momento, morava com a mãe e um casal de primos em um bairro da zona norte do Recife. Com a renda da sua mãe e do seu trabalho, a família dispunha de três salários mínimos. Conta que nunca conheceu seu pai e até seus 20 anos morava sozinha com a mãe, quando seu tio faleceu e a companheira dele não pôde ficar com seus primos e, nesse momento, eles passaram a residir com elas. Sua família já morou em pelo menos quatro bairros da cidade, sempre para ela ficar mais próxima do trabalho da mãe e, recentemente, foram beneficiadas com um apartamento em um conjunto habitacional da prefeitura. Das regras da família, conta que dos três aos 15 anos, sua mãe tinha um companheiro, mas o mesmo não interferia nos cuidados com ela, nem nas regras e orientações. Conta que sua mãe nunca foi muito rígida em proibir saídas ou em relação às amizades, mas era seu perfil ficar mais em casa e ter poucos amigos.

Lilian escreve textos e poesias e este é o nome que ela assina os escritos. Segundo ela, “Lilian é um alter ego criado pra representar uma sensibilidade que é rara em mim hoje”. No momento da pesquisa ela estava com 26 anos, se declarou parda e morava em um bairro próximo à universidade com a mãe e o irmão mais velho. A família tinha uma renda de dois salários mínimos e ela contribuía através do seu estágio na universidade. Sobre a religião, enfatizou que sua família é católica e que, apesar de ter uma fé, não segue de fato uma religião, uma doutrina. No período que conversamos ela estava namorando a quatro anos. Lilian conta que seus pais sempre tiveram um relacionamento conturbado e, após uma agressão, sua mãe resolveu se separar. Durante a infância preferia brincadeiras socialmente colocadas como masculinas e brin-

cava mais sozinha com os jogos do irmão e do primo que morava próximo. Das regras familiares, no princípio, ela só poderia sair na companhia do irmão, mas aos poucos ela informa que passou a ter liberdade para sair, desde que informasse onde e com quem estava.

Sarah é o nome da atriz que foi protagonista do filme *Doce Vingança*¹⁵. Conta que esse filme a tranquilizou durante algum momento de sua vida. Na ocasião da entrevista, Sarah tinha 23 anos, morava com a mãe, o pai e a irmã mais nova em um bairro da zona sudoeste da cidade, declarou-se parda, de religião espírita e sem relacionamento fixo no momento. Sua família tinha renda de aproximadamente sete salários mínimos advindos da atividade do pai como militar e ela, no momento, também trabalhava. Informou que mora na mesma casa desde que nasceu, local que seu pai adquiriu quando veio do Rio Grande do Norte para Pernambuco. Sarah cursou a primeira graduação aos 16 anos e estava no quarto curso, no qual acreditava que este concluiria pois tinha se identificado. Relata que teve infância relativamente tranquila, apesar da situação de violência sexual que viveu. Na escola se dava bem nos conteúdos, mas passou um período com episódios de raiva que preocuparam a família, mas informa que depois passou. Sempre teve muito amigos. Da família conta detalhadamente como seus pais se conheceram, pois afirma que acha a história muito bonita. Em resumo, os mesmos se conheceram no momento em que seu pai pensava em suicídio e foi o fato dele a ter conhecido que o salvou. Das regras ela afirma que sempre foi muito presa em casa e orientada a estudar muito. Para as saídas, o pai sempre a levava e ia buscar nos locais. Com o tempo ele passou a deixá-la sair mais. Sarah conta que seu diálogo com a família sempre foi muito tranquilo, exceto no período das eleições¹⁶, visto que seu pai, militar, expressava discursos de ódio e apoiou o candidato que não foi aos debates e propagava um discurso de violação dos direitos humanos. Como Sarah apoiava o candidato da oposição, isso trouxe muitos atritos, a ponto de se proibir discussões políticas neste período.

¹⁵ Filme lançado em março de 2011, do gênero Terror/suspense, de direção de Steven R. Monroe. Traz como atriz principal Sarah Butle que vive o papel de Jennifer Hills, uma jovem escritora que resolveu ir para uma sossegada cabana na mata com o objetivo de escrever seu novo livro. Sua presença logo é notada em um pequeno vilarejo próximo e acaba sendo vítima de estupro, humilhação e violência. Largada como uma moribunda, deixada para morrer, Jennifer recupera suas forças e volta para se vingar. Sinopse em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-183144/>.

¹⁶ As eleições de 2018 tiveram diversos efeitos na sociedade brasileira que merecem de um estudo à parte para aprofundar a análise. Entretanto, vale destacar a polarização acirrada e defendida por um dos candidatos, bem como os discursos propagados contra as políticas públicas e os direitos humanos. A eleição também foi marcada pelas chamadas “*fake news*”, com a disseminação nas redes sociais de notícias falsas contra candidatos e seus apoiadores. Pontuamos, ainda, o papel de algumas religiões protestantes e seus representantes parlamentares na difusão das ideias conservadoras e ditas de direita, o retorno do discursos do comunismo, associados aos governos anteriores, como algo que precisa ser combatido por ser nocivo à sociedade e todas as repercussões que temos enfrentado enquanto sociedade brasileira desde a vitória do atual presidente no pleito de 2018.

4.5 Caminhos de análise

Os caminhos que nos ajudaram a organizar as informações construídas neste estudo foram desenvolvidas ao longo das conversas com as mulheres, nas discussões em grupos, nas orientações e nas situações as quais me deparei no decorrer desse processo de escrita. Desse modo, o processo de análise teve início antes de fazer uso de algum método analítico, uma vez que toda a rede de relações em torno do tema da pesquisa contribuiu para o olhar que empreguei neste momento sobre as histórias das mulheres. Assim, assumo as possíveis limitações desse olhar, bem como as possíveis lacunas que a leitora possa identificar, pois se esse mesmo caminho fosse percorrido em outro momento da minha vida, certamente traria outras contribuições.

Para ajudar no olhar sobre as informações construídas no meu encontro com as interlocutoras, utilizamos como ferramenta metodológica a análise de temática de conteúdo de Laurence Bardin, a partir das contribuições da leitura de Maria Cecília Minayo. A análise de conteúdo, para Bardin (1977, p. 18), “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. A autora se utiliza de distintos instrumentos e formas de aplicação que se adaptam ao campo, pois nenhuma técnica pode ser suficientemente abrangente, por se referir à comunicação e à construção de significado da análise.

Optamos pela análise temática por esta partir “da unidade de análise de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria, que serve de guia de leitura” (BARDIN, 1977, p. 105). Assim sendo, corresponde a descobrir os núcleos da comunicação.

Os passos que seguimos para os caminhos de análise foram fundamentados e sugeridos por Minayo (1994), conforme descritos a seguir:

1. Pré-análise: consiste na escolha dos documentos a serem analisados e na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. Este momento é dividido na leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses e objetivos. Nossa pré-análise consistiu na transcrição de entrevistas na íntegra e, após a organização do caderno de entrevistas, foi realizada a leitura exaustiva do material (leitura flutuante), com o objetivo de deixar-se impregnar pelo conteúdo, impressões e orientações dos discursos. Para o caso desta pesquisa, o corpus de análise resultou das informações obtidas das entrevistas transcritas.
2. Exploração do material: consiste em uma operação classificatória que visa alcançar o núcleo de compreensão do texto, buscando categorias que são expressões das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Conforme Sonia Maria Guedes Gondim e Pedro Fernando Bendassolli

(2014), para analisar dados qualitativos pela análise de conteúdo, podemos recorrer a categorias previamente definidas com base no referencial teórico, ou seja, pela “indução respaldada em teoria de base definida” (p.194). Outra possibilidade é o uso do roteiro semiestruturado ou estruturado, a partir do qual a pesquisadora conduz as entrevistas para esquematizar as categorias. No nosso caso, construímos um quadro com os eixos centrais das entrevistas e, posteriormente, foi desenvolvida a categorização. Tal categorização é uma operação de classificação do tema escolhido, no qual primeiramente há a diferenciação e posteriormente o reagrupamento. Esquematizamos duas categorias e quatro subcategorias, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 – Categorias e subcategorias de análise.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Início da trajetória afetivo-sexual	Primeiros interesses afetivos
	Amizades
	Redes sociais
	Primeiro beijo
Sexualidade e Prazer	Relacionamentos e tipos de encontro
	Relacionamentos abusivos e violência sexual
	Preferências sexuais e Significados de prazer

Fonte: Construção nossa.

3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nesta última etapa, o pesquisador propõe inferências e realiza interpretações inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado no estudo para subsidiar o processo reflexivo, ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas. Esta etapa corresponde a transformar o texto das entrevistas por meio de recorte, agregação ou enumeração, permitindo atingir uma representação do conteúdo.

A análise de conteúdo em pesquisas qualitativas recebe, por vezes, algumas críticas pelo seu histórico no uso na abordagem quantitativa, realizando inferências interpretativas a partir dos resultados de frequência obtidos após a categorização dos dados. Partir dessa forma de uso da análise de conteúdo, pode levar a ser tomada como uma técnica em si, desconectada de uma teorização robusta e de uma compreensão da natureza do fenômeno investigado (GONDIM; BENDASSOLLI, 2014).

Concordamos com Sonia Maria Guedes Gondim e Pedro Fernando Bendassolli (2014) quando falam que a análise de conteúdo deve se debruçar sobre os dados associados a um fe-

nômeno compreensível por uma dada perspectiva teórica, criando o eixo teoria-fenômeno-dados, sustentador do desenho de pesquisa. Desse modo, a escolha do uso da análise de conteúdo é um dos procedimentos de análise de dados articulado com o modelo teórico a que nos filiamos.

Então, após percorrer este caminho, voltamos aos nossos objetivos com muitos questionamentos e inquietações. Nossas reflexões apresentadas nos capítulos seguintes foram orientadas por referenciais teóricos baseados nas teorias feministas sobre gênero e sexualidade. Para apresentação das nossas análises e discussões, construímos dois capítulos. Em um estivemos voltadas para as especificidades das trajetórias afetivo-sexuais das mulheres, desenhando o percurso afetivo, as vivências em relação aos interesses sexuais e os aspectos e marcadores que perpassaram essas trajetórias. No segundo capítulo apresentamos algumas questões referentes às vivências sexuais, relações e vínculos afetivos, experiências de violência, preferências sexuais e suas percepções de prazer.

5 INÍCIO DA TRAJETÓRIA AFETIVO-SEXUAL: APRENDIZADOS E ENCONTROS

Neste capítulo trazemos as análises dos diálogos sobre o início da trajetória afetivo-sexual tidos com/junto às mulheres (interlocutoras) durante o processo da construção da pesquisa. Desse modo, propomo-nos a abordar o início da trajetória afetivo-sexual como um processo de experimentação pessoal. Partimos da noção de trajetória como dimensão que compreende a sucessão de experiências, as datas, as circunstâncias e seus desdobramentos em um contexto no qual combinam-se diferentes marcadores como gênero, classe, raça. Assim, a trajetória condensa uma série de episódios e estados que caracterizam um momento da vida, abrigando os cenários e atrizes envolvidas em cada evento

Apresentarei trechos de entrevistas, dialogando também com a literatura sobre o tema e a perspectiva teórica assumida, destacadas nos capítulos anteriores sobre as primeiras experimentações e vivências sexuais.

5.1 Primeiros interesses afetivos e primeiro beijo

Segundo Heilborn (2006), por muito tempo houve socialmente a ideia de que a sexualidade derivasse de um impulso, um instinto e que seria diferente para homens e mulheres. Entretanto, o melhor seria falar de um processo de aproximação, de reconhecimento e o estabelecimento de respostas sexuais em relação ao outro. Nesse sentido, para a autora, uma das formas de compreender a sexualidade seria através do processo que considera diversos cenários de aprendizagem, não se restringindo à genitalidade ou ao acontecimento da primeira relação sexual. Os aprendizados constituem-se na “familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual” (HEILBORN *et al.*, 2006, p. 135).

Trata-se de um longo percurso, que no caso das nossas interlocutoras, teve início desde a infância. Os primeiros interesses afetivos das jovens aconteceram por colegas da escola, amigos das irmãs ou da vizinhança, a partir dos sete anos.

Flora conta que desde o início escolar as pessoas a estimulavam a observar os meninos. Eram vizinhos, pessoas da família, amigos dos pais que comentavam com ela: “ah! menino bonitinho e tal”, e isso aos poucos começou a chamar sua atenção.

Na primeira série, foi a primeira vez que percebeu que estava interessada por um garoto e conta que recebeu estímulo de adultos na paquera: “e aí a mãe dele me dava uns presentes pra mim... coisas de cabelo, negócio assim...”. O garoto, por sua vez, escrevia para ela no correio

do amor, brincadeira que existia nas festas da escola onde as crianças fazem declarações de amor ou amizade umas para as outras.

Os interesses de Flora gradativamente vão se direcionando a garotos mais velhos. O contato com amigos da irmã favorecia conhecer garotos de outra faixa etária, sem necessariamente acontecer um encontro afetivo. Até então, os interesses ficavam no campo da paquera e das conversas, o que se justifica, segundo ela, pela diferença de idade que ela tinha em relação a eles.

Ele era muito mais velho. Muito mais velho tipo quatro anos, mas no ensino fundamental é tipo, ele tava na oitava série e eu tava na quinta, na sexta, sei lá. E aí tinha esse amigo da minha irmã que eu era apaixonada por ele, porque ele conversava comigo, e tipo, eu via que os meninos da minha idade eram muito lerdos. Não de ter atitude mas tipo, umas conversa muito terrível (...) mas fiquei só na platonice mesmo (FLORA).

Nolasco (1993) traz a crítica que desde a socialização há o estímulo para que a relação entre meninos e meninas seja dentro do que ele chama de fronteira do objeto (separação, disputa e conquista) e não dentro de uma linguagem afetiva. Já na infância, a aproximação de um menino com uma menina é vista como uma relação de namoro.

Na medida em que eles vão crescendo, esta dimensão se torna cada vez mais acentuada, assumindo características eminentemente reprodutoras. O sexo, neste contexto, se opõe a qualquer outra possibilidade de contato entre um homem e uma mulher, confirmando a expectativa que nossa cultura tem sobre os gêneros: empurrá-los um para o outro (NOLASCO, 1993, p. 131).

Sarah teve uma vivência de aproximações nos primeiros interesses afetivos bem parecido com Flora. Também começou a perceber interesse nos primeiros anos escolares e relata estímulo dos adultos. Ela conta que no maternal começou a perceber que gostava de forma diferente de um garoto e os adultos que os conheciam sempre faziam brincadeiras de que eles iriam casar quando crescessem. Atualmente, Sarah ainda tem uma relação de amizade com o garoto e revela:

[...] infelizmente a gente não se casou... ele casou com outra pessoa. Mas, depois de muito tempo a gente conversando... aí, ele: Menina, eu era apaixonado por tu quando a gente era criança [...] sim! A gente poderia tá casado hoje. Aí ele fez; mentira?, aí eu disse: bem que as professoras diziam... aí agora tu tá noivo...hoje a gente não pode fazer mais nada (SARAH).

Percebemos que o espaço escolar foi promotor dos primeiros cenários de aprendizagens afetivas das jovens. Guacira Lopes Louro (2000) denomina esses investimentos nos comportamentos e nos modos de ser de pedagogias da sexualidade. Para ela a produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente que recebe marcas sociais da família, escola, mídia, igreja, leis. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas.

Nesse sentido, a escola exerce a pedagogia da sexualidade de forma por “vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 2000, p. 10). Atua no disciplinamento dos corpos, dedicando-se na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade¹⁷.

Os primeiros interesses de Luma foram um pouco mais tardios em relação às outras jovens. Ela conta que um pouco antes de ter seu primeiro beijo, fez uma viagem breve de férias para um condomínio de parentes em uma cidade do interior de Pernambuco. Lá conheceu várias outras crianças com a mesma faixa etária e um garoto chamou a sua atenção. Questionada sobre o que a atraiu nele, ela fala que o jovem era “padrãozinho: branquinho, cabelo liso, tinha a face bonitinha...bem padrão mesmo”. Além disso, o fato de ele ser “...bem paquerador, ele tinha um jeitinho de tentar conquistar... sei lá. Ele sabia que era bonito [risos]”.

Com os interesses afetivos, vem também os primeiros passos para os encontros e experimentações sexuais. Entre esses passos o beijo se torna muitas vezes o primeiro encontro intencional de corpos. O beijo, enquanto ato comum nas relações afetivas, foi por um tempo negado no Brasil às “mulheres de família”, pois o casamento, enquanto instância sagrada, tinha como função tão somente a procriação, então práticas sem essa finalidade, como demonstrações de afeto e carícias, eram censurados.

Conforme aponta Mary Del Priori (2011), após a segunda guerra as relações no cotidiano dos casais começam a se modificar e o cinema de Hollywood ensina os brasileiros a beijar: “nas telas, os beijos era sinônimos de *happy end*. Os beijos profundos se tornam mais demorados e passavam a ser sinônimo de paixão (PRIORY, 2011, p. 161).

A prática de beijos e carícias, sem que haja necessariamente uma relação sexual, faz parte das relações interpessoais das jovens, num contexto que tem início ainda na infância. O primeiro beijo é normalmente uma etapa iniciadora da experiência sexual física e relacional para a maior parte das jovens (LHOMOND, 1999). Podemos dizer que o primeiro beijo ocorreu

¹⁷ Um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio do qual a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão (DINIZ JUNQUEIRA, 2012).

em idades diferentes para cada uma das nossas interlocutoras: Lilian, nove anos; Sarah, 11 anos; Flora, 12 anos; Luma, 14 anos; e Vitoria, 18 anos.

O primeiro beijo de Lilian foi com o garoto que ela se interessou na infância. Ele morava no condomínio do avô e foi tudo pensado previamente. As crianças (entre nove e 14 anos) do condomínio vizinho pularam o muro entre um e outro para brincar e acontecia as investidas afetivas.

Já Flora conta que seu primeiro beijo foi com o “*bad boy*” da escola. O fato de ele ser popular e parecer que ficava com muitas meninas chamou a atenção. Um amigo em comum e a “pressão do coletivo” favoreceram a organização e em um passeio da escola aconteceu o beijo. Embora os colegas incentivassem que eles tivessem outros momentos após esse dia, Flora afirma que não quis até porque estudavam na mesma sala e ficou um clima de constrangimento.

As experiências das outras três jovens foram inesperadas e por iniciativa dos garotos, o conhecido beijo roubado. Luma foi numa festa de 15 anos, Vitoria numa festa de Halloween e Sarah na parada de ônibus. Para Luma, o primeiro beijo não era algo desejado e sonhado como era para suas amigas na época.

[...]E também eu não tinha aquilo de preciso beijar alguém. Sempre fui muito tranquila para essas coisas não me sentia... tipo lembro de umas amigas que ficavam tipo: "eu quero beijar alguém..." ou ficavam paquerando qualquer pessoa, mas eu nunca fui assim (LUMA).

Já para Vitória, o primeiro beijo era algo muito importante. Aos 18 anos ela ainda não tinha beijado e isso gerava preocupação, segundo ela, “era muito introvertida... era muito antis-social, não saía e tal. E aí só com 18. Eu tava no terceiro ano já. Meu Deus, vou terminar o terceiro ano já sem beijar na boca!!! [risos]”. Apesar da preocupação com a idade, Vitória não tinha iniciava em se aproximar dos garotos. Coube a um jovem a iniciativa de convidá-la para dançar e investir no beijo.

A difusão dos beijos enquanto prática comum na sociedade aparece com várias nuances no discurso das nossas interlocutoras. Desde aqueles com preparação prévia ou os inesperados, o primeiro beijo foi relatado como momento marcante na trajetória das jovens e lembrados facilmente.

Um ponto que se destaca é o aparecimento do “beijo roubado” nas trajetórias das jovens. Temática sempre recorrente ao se falar sobre festividades como carnaval, festas de São João, o “beijo roubado” tem sido tema nas discussões recentes após a Lei 13.781/18, denominada como Lei da Importunação, que passou a vigorar em setembro de 2018 e caracteriza como crime de

ato libidinoso praticado na presença de alguém e sem seu consentimento, como toque inapropriado, beijar à força, passar a mão pelo corpo sem a pessoa consentir ou ejacular em cima da mulher.

Com as questões jurídicas envolvidas, o tema do consentimento também entra em análise. Historicamente discutidas nas pautas feministas, as fronteiras entre consentimento e não consentimento são vistas como problemáticas e ambíguas. Assim, como as tensões entre a valorização liberal da livre-escolha dos indivíduos e as desigualdades materiais e simbólicas que restringem a autonomia individual (BIROLI, 2013).

Podemos observar isso tanto no relato de Flora, que vivenciou a “pressão do coletivo” que a levou a beijar o garoto, quanto no fato de três jovens terem vivenciado beijos não consentidos e não apresentarem questões sobre isso. A socialização de meninas e meninos ainda promove lugares onde o consentimento voluntário das mulheres se expressa nos códigos que naturalizavam a agressividade masculina através da justificativa da passividade e da aceitação feminina (BIROLI, 2013).

No estudo de Ana Cristina Marques (2014) sobre gravidez na adolescência em Portugal, consta que a maior parte das jovens não dá muita importância ao primeiro beijo. O modo como se referem a este momento mostra uma perda de importância em relação a outros momentos do seu percurso sexual, especialmente em relação ao primeiro contato sexual.

É interessante que no nosso estudo não percebemos o primeiro beijo como menos importante. Ao contrário, mesmo no caso de Luma, que relata que não tinha preocupação com a questão, o fato foi relatado com detalhes e como um momento interessante da trajetória afetivo-sexual.

Um ponto em comum nas histórias do primeiro beijo das nossas jovens foi o posterior constrangimento, principalmente, por ter a possibilidade de outras pessoas ficarem sabendo. Ou seja, as trocas de beijos eram possíveis e articuladas dentro do grupo de pares, desde que outras pessoas não tivessem conhecimento, em especial os adultos.

Outro aspecto importante é o papel do lúdico para as primeiras experiências sexuais. São comuns conjuntos de jogos em que as crianças e/ou adolescentes usam o corpo umas das outras (puxam as roupas, mostram partes do corpo) ou fazem uso de uma linguagem sexual para teatralizar a eroticidade. Os momentos das brincadeiras são expressivos para estratégias que acabam por inventar e também reproduzir a sexualidade (RIBEIRO, 2003).

As jovens acabam por ensaiar e testar formas de aproximações afetivas, seja como brincadeiras e piadas, insinuando, por exemplo, que tem interesse pelo outro com o objetivo de descobrir se o sentimento é recíproco, seja nos ensaios de trocas sexuais como beijos, toques,

etc. As brincadeiras sexuais fizeram parte dos primeiros contatos das jovens, mais ainda pelo fato dos mesmos ocorrerem com outros jovens do mesmo ciclo de amizades.

5.2 Amizades e rede sociais como dispositivos de aproximações afetivas e sexuais

Entendemos as relações de amizade conforme as contribuições de Cláudia Barcellos Rezende (2002a, 2002b), a qual em sua pesquisa sobre o tema em Londres e no Rio de Janeiro, problematiza a amizade enquanto uma relação social dinâmica. Relações amorosas, de parentesco, de trabalho são alguns exemplos de contextos que se tornam contrapontos constantes à amizade. Nesse jogo de aproximações e contrastes entre relações, a amizade pode se localizar mais estritamente no domínio privado ou passear por ambos os espaços, público e privado.

Nesse estudo a autora pensa as amizades para além de um conceito fixo ou de escolha individual, mas propõe a reflexão sobre a pessoa que orienta a relação com o outro e os diversos contextos sociais que se colocam nesta relação. Em suas palavras,

O idioma emotivo veiculado pela amizade fala, portanto, da relação entre amigos e, ao mesmo tempo, de sua inserção mais ampla em um determinado contexto sociocultural. Assim, longe de ser inefável ou idiossincrática, a amizade deve ser tratada como uma via de acesso privilegiado para pensar a pessoa em sociedade (REZENDE, 2002b, p. 85).

Deste modo, se por um lado a amizade é um contexto relacional específico, que reuni expectativas e valores muitas vezes diferentes de outras relações, ela está ao mesmo tempo articulada a várias outras dinâmicas sociais.

A autora também traz que seus interlocutores apresentaram diferenciação entre colega, amigo e melhor amigo, ou as formas como são concebidas e elaboradas gradativamente as relações de amizade. Os “amigos mesmo”, considerados melhores amigos, abrange estilo de vida e valores semelhantes, intimidade com troca de confidências e experiências, confiança (sinceridade e apoio mútuo), constante diálogo e investimento de tempo na relação.

Além disso, quando considerou o gênero em sua pesquisa, a autora supracitada observou que a atração sexual era um risco presente, segundo o discurso dos entrevistados, principalmente nas relações de amizade com o sexo oposto.

Sobre a amizade mista, na pesquisa realizada por Mônica Franch em 2010, foi comum grupos de amizade compostos por pessoas que moravam perto, uma vez que as redes de vizinhança e parentesco são mais duradouras que as relações estabelecidas através de instituições

como a escola e o trabalho. Os grupos mistos reúnem-se, sobretudo, para atividades de lazer, cujo teor varia de acordo com a microcultura em questão (FRANCH, 2010).

Ainda no estudo mencionado acima, várias jovens disseram que os pais permitiam amizades mistas quando criança, mas proibiram nos primeiros anos da adolescência, numa tentativa de adiar sua iniciação sexual. Entretanto, em algum ponto da trajetória de vida, as garotas acabam por fazer amizade com garotos, em especial na juventude.

A autora pontua que amigos e amigas de juventude são diferentes das amizades de infância, porque, mesmo quando um núcleo original de amigos de infância se mantém, usualmente os círculos de sociabilidade se ampliam nessa fase da vida, bem como muda o leque de atividades feitas em conjunto. Assim, se a infância costuma ser lembrada como uma época de brincadeiras e jogos, as amizades dos jovens são marcadas por uma mudança de interesses, que enfatiza atividades como a conversa e as saídas para o lazer (FRANCH, 2010).

Nas trajetórias das jovens não percebemos dificuldades em estabelecer e manter relações de amizade com garotos, nem qualquer sugestão de impedimento por parte dos pais ou mães. Ao contrário, percebemos que muitas relações afetivas surgiram diretamente das relações de amizade.

Luma, que até o nosso encontro teve apenas um namoro, traz muito dessa passagem da relação de amizade para o namoro. Embora ela já tivesse ficado com outros rapazes, foi com um amigo que ela começou um relacionamento estável.

Mas amigo mesmo. Ai por acaso numa festa do meu aniversário o pessoal fica falando que ele queria ficar comigo. Ai a gente ficou e aí ficou assim por três, quatro meses e aí ele me pediu em namoro meio que na brincadeira... E eu acabei aceitando.... falei 'então vamos tentar namorar'. e aí durou quatro anos [risos]... uma brincadeira que durou quatro anos (LUMA).

Quando questionada como ela percebeu que a amizade tinha evoluído para um relacionamento, a jovem ainda traz que:

[...] como a gente já era muito amigo então isso facilitou as coisas... Então a gente começou a namorar, comecei a conviver mais com ele e ele é uma pessoa muito boa, sabe? Então... realmente não lembro, mas depois um tempinho eu acho que uns três meses que percebi que tava apaixonada, E aí nem não sei como eu percebi... só percebi... Enfim... O amor constrói também, entendeu? Tem muito dessa idealização de se apaixonar e viver um amor só que eu acho que a gente também pode construir, sabe? Dentro da relação (LUMA).

Essa idealização do se apaixonar e viver um grande amor faz parte de um repertório de compreensões sobre o que é o amor. No estudo de Fernanda Sardelich Nascimento (2009) percebemos que o amor não é um sentimento natural e universal, e sim uma construção social, a qual possibilita escolhas, embora essas escolhas decorram de diferentes influências mediadas pelo contexto social e cultural. O amor romântico, com frequência, implica em amor à primeira vista, atração instantânea e por muito tempo foi o ideal de amor pregado na sociedade. Na experiência de Luma, percebe-se que esta ideia de que o relacionamento precisa do amor para iniciar está sendo atualizada para outras formas de relacionamento em que o amor pode ser construído no decorrer da relação.

Lilian também traz muitas nuances dos limites entre relacionamento e amizades. Primeiro ela conta sobre um dos seus melhores amigos que, embora tivessem interesse um pelo outro e em alguns momentos tenham ficado¹⁸, não evoluía para um relacionamento amoroso. Sobre o que ela achava que impedia o início de um relacionamento mais formal, ela diz: “[...] eu não sei... talvez porque eu nunca fui dentro do padrão, né?! Ele não queria dizer que ele realmente gostava de mim para os outros. Aí, eu acabei ficando com outra pessoa que realmente gostava de mim, né?!”.

Não conseguimos desenvolver ao que estava relacionado a expressão “dentro de padrão”, pois Lílian logo seguiu para falar de outro garoto que conheceu um pouco depois. O jovem tinha vindo passar férias com a família e, segundo ela:

[...] criou um vínculo logo... a gente ficou amigo muito rápido, porque a gente tinha os gostos muito parecidos e aconteceu... foi uma coisa bem espontânea. Não teve um demonstrar de interesse assim... [...] Realmente nesse caso aí eu não sei a questão... só aconteceu. Eu não senti um vínculo emotivo, romântico” (LILIAN).

Os limites entre amizades e namoro podem ficar mais fluídos quando a amizade passa a ter um carácter mais íntimo. Confiança, confidências, compartilhamento de rotinas, afinidades trazem condições que favorecem o interesse em estar com o outro e, neste estar mais com o outro, podem ocorrer os jogos amorosos.

No caso de Luma e Lilian, embora as duas mencionem a palavra “amigo” para designar relação entre elas e os jovens, as mesmas trazem características diferentes. Lilian nomeia como amigo um jovem que conheceu a pouco tempo e outro com o qual tinha mais contato e envolvimento. Ela não faz separação entre amigo, melhor amigo ou colega, por exemplo. Por outro

¹⁸ Aqui entenderemos o termo ficar como um tipo de relacionamento que objetiva a busca de maior fluidez, menor responsabilidade, e é marcado socialmente pela falta de compromisso, fidelidade, vínculo e regularidade de encontros (NASCIMENTO-GOMES, 2016).

lado, o jovem o qual ela tinha mais envolvimento não resultou em encontro amoroso. Já o outro jovem, mesmo não sentindo vínculo emotivo, romântico ocorreu de ficar com ele.

Luma, por sua vez, descreve a relação como “amigo mesmo”, o que denota uma diferenciação entre outras relações de amizade. Ela afirma que este tipo de relacionamento facilitou a passagem da amizade para o namoro e em vários outros momentos do seu discurso, ela aponta que o fato de ter sido amiga dele antes do namoro ajudou em alguns processos, inclusive no término da relação.

Nossas interlocutoras ainda apresentam outra forma de estabelecer contatos afetivos: as redes sociais. Embora não tenha sido interesse de nosso estudo as questões/interferências das redes sociais nas relações afetivo-sexuais, o tema emergiu nos discursos das jovens como instrumento que possibilita encontros muitas vezes despreziosos. Em alguns casos, uma postagem e/ou um grupo temático na plataforma traz algo que chama a atenção e se apresenta como um potencial “campo de paquera”.

O conceito de rede social é bastante amplo. Basicamente se constitui a partir dos novos tipos de interação propiciados pelas tecnologias virtuais. As redes se formam pelas conexões que estabelecemos com pessoas famosas, conhecidas anteriormente ou desconhecidas de todos os lugares do mundo, e tem como característica a facilidade de engajamento e rompimento dos contatos. As redes sociais online são, em geral, sites cujas funções são a partilha de conteúdos e a comunicação entre os utilizadores como *Facebook*, *Twitter*, *Tinder*, *Badoo* (AMANTE *et al.*, 2014).

Das redes sociais citadas, o *Tinder* e o *Badoo* são específicos para paquera, busca de namoro e relações sexuais. O *Facebook* também pode desempenhar esta função, mas ele, por ser hoje uma das maiores e mais utilizadas redes sociais do mundo, possui funcionalidades e links com outros sites, além de ferramentas que possibilitam fazer uma base de seguidores, fazer postagens de textos sem limite de caracteres, inserir fotos e vídeos.

As redes sociais funcionam, então, para a aproximação entre as pessoas para que elas se relacionem, não necessariamente, para uma relação afetivo-sexual (embora possa ter apenas este fim), mas, de uma forma que seu usuário possa ampliar sua rede de contatos.

Três das nossas interlocutoras trouxeram histórias que o uso das redes sociais favoreceu encontros e trocas amorosas e sexuais. Seja para interações mais pontuais, seja para relações mais duradouras como amizade e namoro, as redes sociais se apresentam como um dispositivo interessante para as jovens.

Foi *Tinder*! Instalou-se o *Tinder* no meu celular. Aí eu fui conhecer algumas pessoas, dar uns beijos e... e aí é... eu me apaixonei por um menino do aplicativo. A gente conversava muito também, o tempo inteiro. Sendo que ele tava num relacionamento aberto com uma menina que tinha ido pra Paris, ia voltar na metade do ano que vem, 2016... ela ia voltar em 2017. Isso foi no final de 2016. E aí a gente ficou louco assim, na paixão mesmo. Foi muito intensa, mas durou um mês só (FLORA).

Eu conheci ele no Facebook. De todos os aplicativos de namoro que eu tinha... *Tinder*, *Badoo*... o caralho a quatro que eu tinha... sites e jogos online e a porra toda [...] Mas a gente começou a conversar e a brincar. Passou a se falar por telefone... mas, aí, eu já conhecia outro menino... eu já estava começando a sair com outra pessoa e eu conheci ele no meio tempo... e a gente começou a se gostar (LILIAN).

Eu só conhecia ele pelo Twitter. Eu conhecia muita gente que conhecia ele, a gente tinha muito amigo em comum... a gente frequentava os mesmos lugares, mas a gente nunca tinha se visto. Aí, a gente ficou, tipo, muito amigo [...] aí um belo dia ele veio me buscar na faculdade, do nada, no susto (SARAH).

Flora é a que mais faz uso das redes sociais para paqueras. Além da relação que citei acima, ela conta que conheceu o namorado através do *Facebook*. Por meio de uma postagem dele em um grupo da plataforma, ela se interessou, buscou o perfil particular dele e teve a iniciativa de mandar uma mensagem: “eu adicionei ele, a gente ficou conversando por um tempo. Começou a conversar, ele namorava. Aí ficou conversando, depois de um tempo ele acabou o namoro, depois a gente se encontrou”.

As redes sociais também surgiram como um dispositivo de controle e investigação. Lilian conta que após o término de um relacionamento abusivo¹⁹, a namorada do seu ex-namorado a encontrou em uma rede social e estabeleceram um contato que, inicialmente, foi cheio de reservas por parte de Lilian, mas que acabou sendo uma forma de alerta para a atual namorada sobre o jovem:

Nessa época eu usava muito o Twitter. A bendita da menina me seguiu, sem querer. Sem querer ela me seguiu, ela me achou. Aí eu disse a ela: Não... acho que tu se enganou e tal, porque eu sou a ex de D. Acho que ele não vai gostar muito se tu me seguir. Aí a gente começou a conversar esporadicamente. Aí, eu descobri que toda vez que eles brigavam, ela voltava para o Twitter e todas as vezes que eles estavam bem, ela saía do Twitter. E numa dessas discussões, a gente trocou telefones e ela ligou pra mim (LILIAN).

Sarah também teve uma experiência de relacionamento abusivo e vivenciou um episódio de agressão relacionado às sociais, no caso o *Whatsapp*:

¹⁹ Consideramos relacionamento abusivo aquele em que há práticas de controle excessivo de um dos parceiros direcionado ao outro, ou ambos, sendo permeado por várias formas de violência. Este tema será melhor desenvolvido no capítulo 6.

Aí ele tava mexendo no meu celular e minha melhor amiga mandou uma foto de um menino que ela tava ficando pra mim. Ela fez, que eu lembro: Ei, Ro. acha que te conhece. Vê se tu conhece ele! Aí mandou uma foto dele pra mim. Aí, D. foi e abriu a foto e fez: Quem é esse? Aí, eu fiz: É o *boy* de Ninha. Aí, ele fez: Pô, já tá com foto de macho no teu celular é?! Me empurrou e me tirou... parece até que eu pesava uma pena (SARAH).

A facilidade de conexão pelas redes sociais favorece um espaço de rápido contato, além das possibilidades de encontro com pessoas, temáticas e informações. No que tange aos relacionamentos, o acesso possibilitado à internet via redes sociais permite que a vida do casal seja publicizada e que a/o parceira/o seja inspecionada, acompanhada. No caso das nossas interlocutoras, as redes sociais são um espaço múltiplo, seja no campo da diversão, da conversa e da paquera, seja no campo do controle e da violência. Trataremos melhor dos aspectos da violência e do relacionamento abusivo no capítulo seis, mas aqui já pontuamos como essas formas de comunicação podem ser utilizadas para a manipulação e perseguição.

5.3 Relatos sobre a primeira relação sexual

Neste estudo não entendemos a iniciação sexual direcionada à primeira relação sexual, mas como processos de aprendizagens a partir das relações que as jovens estabelecem com sua rede de apoio social (amigos, família, instituições), seu contexto de vida (moradia, valores, classe social, raça) e a conjuntura social e política que perpassa suas experiências (HEILBORN *et al.*, 2006).

No Brasil, nos anos 70 e 80, a revolução sexual e a pílula anticoncepcional trazem, conforme aponta Priory (2011), o “início do fim” dos amores que tinham que parar pelo argumento do “quero casar virgem!”. Em outras palavras, deixou-se a ideia de carícias sexuais que “acabavam na portinha” (p.177), para a vivência da sexualidade, pela primeira vez, como possibilidade de desobedecer às normas sociais, parentais e familiares.

Os estudos sobre iniciação sexual, com o foco localizado na primeira relação sexual das jovens, traz que a idade média da primeira transa, em 1984, era de 16,0 anos para mulheres, sendo mais recentemente por volta dos 14,8 anos, denotando uma mudança no comportamento sexual das jovens (HEILBORN *et al.*, 2006; REIS; RIBEIRO, 2017; SILVA, 2018).

A análise realizada na pesquisa GRAVAD em 2006, apresenta que a primeira relação sexual não se dá de forma considerada precoce, como apontavam estudos da época, mas se realiza em um contexto bastante estruturado, por vezes rígido, sobretudo no que diz respeito às relações entre homens e mulheres. Concordamos em parte com esta afirmação. No caso das

nossas interlocutoras, a primeira relação sexual se deu de formas bastante heterogêneas, umas sem qualquer planejamento prévio ou envolvimento afetivo (Luma), outras dentro do namoro (Vitória e Flora) e outra com planejamento por puro desejo com uma pessoa aleatória (Vivian), sem rigidez ou padrão seguido.

Outro ponto a destacar é a nossa crítica à noção de precocidade, visto que, como já pontuamos, precisaríamos definir uma idade ideal para o acontecimento da primeira relação, o que seria, no mínimo, reducionista, considerando as pluralidades sexuais. Compreendemos que os estudos que trazem o termo “sexualidade precoce” tenham a preocupação com questões como projeto de vida, prevenção às ISTs/AIDS e à gravidez, contudo, pensamos que focar nestes interesses tem limitado o modo como temos entendido a sexualidade de mulheres jovens²⁰.

Desse modo, há uma dificuldade na aproximação com as vivências reais das jovens, bem como a formação de discursos proibicionistas da sexualidade que têm sido reproduzidos por profissionais de saúde, educadoras e cuidadoras, o que não têm facilitado as possibilidades de diálogo com mulheres jovens.

No discurso das jovens que participaram do nosso estudo, as vivências da primeira relação sexual não foram relatadas com dificuldade ou vergonha, nem como uma experiência desagradável em si. Luma teve sua primeira relação sexual por iniciativa sua, em uma festa com um jovem “amigo de um amigo” que ela já tinha encontrado em algum momento, mas que de fato só conheceu no local.

Na mesma noite houve uma conversa no grupo de quem ficaria com quem e o jovem afirmou que ficaria com ela se tivesse chance. Luma aponta que isso a fez tomar a iniciativa, e quando ela o encontrou sozinho, no corredor da casa em que estavam, ela o beijou e entrou com ele no quarto. Após o sexo ela voltou para os amigos e partiram na mesma noite para outra festinha. Sobre como se sentiu após a relação, conta que ficou tranquila e meio sem entender o que havia acontecido de fato.

Embora alguns estudos (HEILBORN *et al.*, 2006; NASCIMENTO-GOMES, 2016; NASCIMENTO, 2009; SHUÑA, 2014) apontem que a primeira relação sexual está relacionada ao afeto e à construção de um relacionamento mais profundo e comprometido, ou seja, que o amor romântico e a prova de amor ainda seja o motivador para a primeira relação sexual de mulheres, compreende-se que esta interlocutora rompeu na sua trajetória sexual a associação entre amor e sexo, para que uma mulher possa ter a primeira transa. Ou seja, há possibilidades

²⁰ Longe de esgotar as questões ou de trazer definições, nossas considerações sobre o tema são no sentido de propiciar a reflexão e o debate.

de sentimentos, vontades e desejos para se ter uma relação sexual para além do amor romântico e da prova de amor.

Questionada sobre como foi tomar a iniciativa da transa, ela justifica que o fato dele ter dito antes que ficaria com ela a “deixou deslumbrada”:

[...] eu acho que eu gostei de ter sido escolhida, entendeu? Porque ele era realmente muito bonito, todo mundo falava isso que ele era muito bonito, não sei o que... e eu gostava assim, gostava da pessoa que ele era. Porque além de ser muito bonito ele não era aqueles caras babacão que nem uns amigos meus... [...] então eu gostei dele ter me escolhido (LUMA).

O “ser escolhida” é um lugar comum para as mulheres na nossa cultura, visto que, segundo Valeska Zanello (2018), somos herdeiras de um modelo de amor romântico com laços de dominação que gera desigualdades, dependência e propriedade sobre mulheres e privilégio para os homens. A autora traz o conceito de dispositivo amoroso²¹ para designar o modo de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, uma vez que as mesmas se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”, ou seja, o amor, ser escolhida por um homem é um fator identitário para nós mulheres.

Assim, ela apresenta a metáfora da “prateleira do amor”, lugar profundamente desigual e marcado por um ideal estético (branco, loiro, magro e jovem) alimentado por tecnologias de gênero (revistas, filmes, músicas). Atua na colonização dos afetos, de modo que, “em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens” (ZANELLO, 2018, p. 84).

Lilian teve uma experiência semelhante, pois sua primeira relação sexual também foi com um parceiro pontual. Afirmar que já tinha namorado antes por dois anos, mas que não tinha tido relações sexuais. Conheceu esse jovem com quem manteve contato por vinte dias aproximadamente.

Eu tava com o hormônio lá em cima. Eu tinha passado dois anos já com alguém e nunca tinha rolado nada... é agora ou nunca, meu filho. E aí, ele tinha ido lá pra casa em uma situação que não tinha ninguém em casa, foi totalmente de improviso. Aí, eu vi... tudo bom... vamos lá pro quarto (LILIAN).
Então foi tua iniciativa? (LAIS).
Foi. Eu tava afim... eu tava totalmente afim. Foi cem por cento consentido (LILIAN).

²¹ Não pretendemos aprofundar tais conceitos neste trabalho. Para maior detalhamento, vide capítulo 4, “Dispositivo amoroso”, em (ZANELLO, 2018).

Sobre suas impressões da relação sexual, afirma que achou meio “sem graça” e que esperava mais, já que era uma coisa que as pessoas falavam muito. Além disso, tinha a expectativa em relação ao parceiro, já que o mesmo demonstrava ter muito acúmulo de vivências de sexualidade. Segundo ela, “o outro era policial lá, fodão da vida. Ele se achava o machão gostoso, o comedor de todas as bucetas do mundo. Então tá, né. Vamos ver se tu é tudo isso mesmo e acabou que foi uma decepção na primeira vez”.

A figura do machão é parte importante na cultura brasileira no exercício da masculinidade. Tanto os homens se esforçam para atuar neste papel social, quanto as mulheres esperam que este padrão opere, muitas vezes. O machão incorpora “os valores tradicionalmente associados à força, poder, violência, agressão, virilidade e potência sexual” (PARKER, 1991, p. 74).

Interessante que apesar da necessidade que os homens têm em provar todo o tempo sua masculinidade, segundo Zanello (2018), os mesmos acabam por gozar de uma solidariedade e apoio social que geralmente as mulheres desconhecem, uma vez que estar na “prateleira do amor” as convida a rivalizarem entre si sobre o amor e o reconhecimento de um homem e não permite solidariedade ou companheirismo.

A rivalidade feminina é criada e nutrida dentro de uma lógica de dominação masculina como algo naturalizado e tradicional para manutenção do poder. Para autoras como Ivana Carolina Santos da Silva (2016), Dantielli Assumpção Garcia, Lucília Maria Abrahão e Sousa (2015) e Marcia Tiburi (2016) há a ideia, em nossa sociedade, que as mulheres naturalmente não podem estabelecer laços de ajuda mútua por serem eternas rivais. Desde modo, a união feminina é um mal que se precisa evitar para que a ordem continue estabelecida e não seja questionada.

O campo feminista considera a sororidade como uma das estratégias para romper com essa lógica. Uma aliança feminista entre mulheres, na dimensão ética e prática do feminismo contemporâneo em que a sororidade seria uma experiência subjetiva que as mulheres precisam passar para eliminar todas as formas de opressão, realizadas pela dominação masculina entre ela (GARCIA; SOUSA, 2015).

Vitória, por sua vez, também teve a vivência dentro do namoro. Afirma que sempre teve curiosidades e desejos, mas dificuldades em relação à timidez para relacionamentos. Aos dezoito anos começou a namorar e com quatro meses de namoro teve relações sexuais.

Conta que tinha muita curiosidade em experimentar práticas sexuais e que começou a frequentar a casa do namorado que morava sozinho. Ela não relatou detalhes da relação sexual, mas afirmou que não gostou muito e que por um momento ficou procurando sangue na cama,

a exemplo do que aparece nas cenas de novela. Conta que depois se arrependeu, pois ficou preocupada com a possibilidade de gravidez.

Sarah tem uma história mais difícil em relação à sexualidade, uma vez que vivenciou uma situação de abuso sexual na infância²². Afirma que isso não a bloqueou sexualmente, mas interfere em seu engajamento em relacionamentos mais duradouros. Sobre sua primeira relação sexual, conta que estava em um relacionamento (ela não denomina de namoro) com um jovem a uns quatro meses. Sentia que nos encontros os toques e carinhos estavam se intensificando e que ele queria um relacionamento mais sério. Então, ela resolveu contar o que lhe aconteceu na infância. A partir daí o relacionamento deu um salto de qualidade e ela percebeu que tinha interesse sexual no jovem também, mas afirma que ele ficou com medo de investir sexualmente após seu relato sobre a situação de violência vivenciada.

Sarah diz que foram necessárias várias conversas para que ele pudesse se sentir seguro de que ela estava de fato desejando ter relações com ele: *“depois de muito tempo a gente fez quase uma terapia de casal e ele fez: Tá. Tranquilo. Vamo”*. Sobre como foi essa experiência, ela lembra que ele foi muito carinhoso e que foi uma experiência boa. Ocorre que, após isso, ele quis “taxar alguma coisa” no sentido de dar uma seriedade a relação, então Sarah preferiu se afastar.

Flora teve, podemos dizer assim, duas experiências de primeira relação sexual: uma relação heterossexual e outra relação homossexual. No relacionamento heterossexual, a primeira transa aconteceu aproximadamente no quarto mês de namoro e foi combinado/negociado com o parceiro. Afirma que na relação já havia momentos de carícias mais íntimas e que *“hoje eu vejo que a gente tirou... a gente perdeu a virgindade mais na sala de casa, nos toques, nas mãos...”*.

Afirma que ela não ficou ansiosa, pois na época gostava muito dele, mas ficou tímida por ser a primeira vez que se despia totalmente para um homem. Percebeu que o parceiro ficou tenso e que tentou tranquilizá-lo. Conta que embora ele já tivesse tido outra parceira, foi com ela que ele teve uma relação sexual com “todo o ritual”, pois antes, mesmo praticando sexo com penetração, ele não se despia totalmente nem a parceira, o que ocasionava um sexo rápido e apressado. A jovem acredita que pelo nervosismo do parceiro, a relação não demorou tanto e que não teve outras explorações sexuais como sexo oral: *“Era um negócio tipo... só penetração”*.

²² Este aspecto será melhor desenvolvido no capítulo 06 .

Sobre como se sentiu, conta que ficou com “peso na consciência” por seus pais e como eles iriam reagir se descobrissem. Além disso, veio o medo deles descobrirem da sua atividade sexual através da gravidez, embora ela afirme que sempre usavam preservativos.

Já na experiência homossexual, Flora conta que a parceira era uma amiga e que já sabia que a mesma tinha interesse em ficar que ela. Além disso, afirma que sempre teve curiosidade para saber como seria se relacionar sexualmente com mulheres. Nas conversas que elas tinham já ocorriam assuntos de cunho erótico e sexual e, em uma dessas conversas, Flora aceitou o convite de transar com ela. Conta que foi tudo planejado: dia, hora e lugar, entretanto,

foi estranho porque era a primeira vez de novo. Eu não sabia o que fazer totalmente, eu fiquei tipo... eu fiquei totalmente boneca de pano, só parada, recebendo as coisas, passiva. Mas ... aí foi péssimo. Mas foi mais péssimo porque ela sempre gostou de mim, sabe? E aí parecia que ficando com ela era um negócio mais pra amaciar o meu ego, e não porque eu realmente queria. E aí quando eu me dei conta disso já tinha acontecido, e aí eu fiquei muito mal por isso (FLORA).

Após esse episódio a relação entre elas ficou conturbada, por um lado pela culpa de Flora de sentir que usou a amiga, por outro lado pelos sentimentos não correspondidos que a jovem tinha por ela.

Ao trabalhar o processo de experimentação afetivo-sexual para além da questão da primeira prática sexual, se descortinam diversos aspectos, principalmente as tensões/opressões de gênero, sexualidade e geração e como elas incidem nas vivências de sexualidade de mulheres.

Percebemos que as jovens dispõem de certa “liberdade” para suas práticas sexuais dentro das estratégias por elas desenvolvidas para burlar a vigilância da família com o auxílio das amigas e das redes sociais.

Se por um lado as jovens apresentam uma diversidade de experimentações e, dentre elas, trazem a primeira relação sexual como tema que pode e deve ser falado sem ressalvas, por outro lado, ainda há a supremacia do sexo vaginal (HEILBORN *et al.*, 2006) na primeira relação sexual.

Acreditamos que isso se deve, ainda, à dificuldade das mulheres em conduzirem o rito do sexo. De maneira bem mais velada do que ocorria a tempos atrás, ainda permanece a ideia de esperar o que o parceiro tem a oferecer, ou seja, ainda há implicitamente a noção de que o homem conduz a prática sexual, o que trouxe frustração em relação às expectativas de algumas delas.

Outro aspecto que podemos comentar é a ausência de prevenção às IST's/AIDS, visto que quando citam alguma preocupação após a relação sexual, esta se refere apenas à gravidez.

Aqui entendemos essa questão para além do viés proibicionista da sexualidade, mas na perspectiva da autonomia e do cuidado com o corpo. As iniciativas públicas sobre a saúde das mulheres têm sido alvo de críticas por seu foco na saúde reprodutiva, mais especificamente materno-infantil (ANTUNES *et al.*, 2002; BARBOSA; FACCHINI, 2009).

No que diz respeito à saúde sexual, quando há essa ênfase, as publicações e orientações são direcionadas ao público adulto e heterossexual. Os programas e profissionais de saúde oferecem, prioritariamente, informações simples sobre a evolução da epidemia da AIDS e sobre aspectos biológicos da transmissão do HIV e das IST's. Tal postura reduz as ações para o alerta aos jovens sobre os perigos do uso inconsistente do preservativo ou dos perigos de ter múltiplos parceiros, sem discutir os direitos sexuais, a dinâmica dos relacionamentos e o significado do sexo seguro nos diversos contextos afetivos (ANTUNES *et al.*, 2002).

Esse aspecto tem maior gravidade quando o assunto se refere às mulheres que fazem sexo com mulheres, pois há uma invisibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais para as instâncias de saúde e suas publicações sobre prevenção, bem como para prática dos profissionais, o que impede a prestação de serviços com informações de qualidade à população. Assim, persiste o imaginário de que as IST's/AIDS não são transmitidas de mulheres para mulheres, levando-as a não autonomia sobre suas práticas, desconhecendo seus corpos e diminuindo sua capacidade de negociação com as parceiras sobre a prevenção.

Nos discursos das nossas interlocutoras está presente as contradições e desigualdades marcadas pelos lugares que todas ocupam: de mulheres jovens, prioritariamente heterossexuais. Tais relações serão melhor debatidas a seguir ao discorrermos sobre o que elas trouxeram acerca dos caminhos percorridos em relação à sexualidade.

6 PERCURSOS SEXUAIS: PRAZERES E VIOLÊNCIA

Entendemos os percursos sexuais através de redes de significados que influenciam o gênero, a orientação sexual, a escolha dos parceiros, a promoção dos desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a trajetórias sexuais/amorosas (HEILBORN *et al.*, 2006; PASTANA, 2018).

Pensar esses processos incidem nos tipos de relacionamentos que as jovens estabelecem ao longo de suas trajetórias, bem como as questões pessoais e desdobramentos nos seus encontros com parceiros e parceiras.

Entre nossos objetivos para o estudo nos propomos a pensar os significados de prazer para as jovens em suas práticas sexuais e quais são as possibilidades de negociação relacionadas ao tema com suas/seus parceiras/parceiros. Diante das leituras preliminares (ADRIÃO *et al.*, 2017; HEILBORN *et al.*, 2006; REIS; RIBEIRO, 2017), tínhamos em mente as dificuldades em pensar a sexualidade de mulheres jovens no território do prazer, contudo, não imaginávamos as questões e provocações que emergiriam nesse ponto.

Desse modo, a pretensão deste capítulo é trazer as nuances das relações afetivas (estáveis ou não) vividas pelas jovens, bem como os marcadores de opressões e privilégios de gênero, sexualidade e juventude que perpassam tais relações. Pontuaremos, também, o que envolvem os significados de prazer e as situações de violência que perpassaram a vida das nossas interlocutoras.

6.1 Considerações sobre os tipos de vínculos afetivo-sexuais

Um dos processos para os encontros amorosos se refere a como demonstrar interesse afetivo-sexual a outra pessoa. Quem deve e pode tomar a iniciativa? Conversas, troca de olhares e ir em direção ao outro diretamente sem contato prévio são algumas ações possíveis nos jogos de sedução e na performance da iniciativa (CARLOS, 2011).

No discurso sobre os relacionamentos, a iniciativa, seja para o primeiro encontro ou para o beijo ou relacionamento estável, foi apontada como sendo uma ação comum para a algumas das interlocutoras.

Luma, como já mencionado, nos relata sua iniciativa para a primeira relação sexual com o jovem em uma festa e, posteriormente, também traz que foi ela quem tomou a iniciativa para um namoro.

Flora, do mesmo modo, afirma que já chegou no primeiro encontro dando “selinho²³” no garoto como forma de cumprimentá-lo, pois eles já vinham conversando há muito tempo pela internet. Ela coloca que neste dia estava “muito ousada”, pois era um momento da sua vida que ela não tinha muito tempo para encontros, não tinha liberdade dos pais para sair, então eles marcaram para se conhecer com intenção de ficar, uma vez que outra oportunidade seria difícil.

Socialmente os lugares esperados para homens e mulheres são bem demarcados para a paquera e os jogos de sedução. Espera-se passividade e discrição das mulheres e atitude dos homens. Em geral, cabe à mulher ficar envolvendo o parceiro através de seus gestos, seus olhares e sorrisos. Pertence a ela o lugar de quem convida o parceiro, implicitamente, a participar do jogo, tendo o papel de sua aceitação ou recusa. Por sua vez, cabe ao homem o ato de chegar até a parceira, de mostrar o seu interesse através de palavras (CARLOS, 2011).

No caso das nossas interlocutoras, as mesmas vêm demonstrando autonomia em assumir outros lugares, que não aqueles estereotipados relativos às mulheres – a exemplo do lugar da passividade, da reserva e do comedimento.

Muito embora, ao que parece, a tomada de iniciativa não deixa de ser um lugar de tensão, pois merece uma série de explicações para que ocorra e, por vezes, resulta em sentimento de arrependimento.

Eu não sei... eu tomei muito fora na vida, mas nem por causa disso eu deixo de dizer que eu gosto de alguém. Eu acho que se você não arrisca, você nunca vai chegar em algum lugar. Então, eu nunca tive dessas. Acho que oitenta por cento das vezes que eu gostei de alguém, eu disse. E noventa por cento das vezes me arrependi depois, mas... (LILIAN).

Os discursos sobre relacionamentos e encontros afetivo-sexuais nos apresentaram diferentes modalidades e possibilidades de nomeação. Além do namoro, encontramos a flexibilidade do ficar, do pegar, do pseudonamoro, do “ter um rolo” e do *crush* como possibilidades de relacionamento mais fluídos, embora não necessariamente pontuais.

O ficar/pegar é uma relação marcada socialmente pela falta de compromisso, responsabilidade, fidelidade, vínculo e regularidade de encontros. É associado ao momento, à paixão, à atração, ao desejo sexual, que tem como principal objetivo a busca de prazer (NASCIMENTO, 2009).

No caso do nosso estudo, embora o “ficar” e o “pegar”, de maneira geral, se alinhem à tal definição, percebemos diferenciação entre os termos, em especial ao tempo e ao objetivo da

²³ Tipo de beijo que consiste em um toque rápido dos lábios.

relação. As jovens usavam o termo “pegar” como algo extremamente pontual, geralmente de um momento único com relação direta a um objetivo: vivenciar um momento de prazer. O pegar tem como característica a instantaneidade e a disponibilidade para um tipo de relação sem trocas, sem compartilhamento ou entrega (CARLOS, 2011).

Foi o que Flora viveu com um colega de trabalho em uma viagem. Ela conta que tinha interesse, na verdade, pelo irmão gêmeo do jovem, mas que este nunca lhe deu atenção, uma vez que era comprometido. Em uma das viagens de trabalho, Flora e o colega dividiram o mesmo quarto de hotel, e surgiu a oportunidade de “pegar ele”, mesmo sem um interesse anterior.

[...] Não era uma coisa de interesse. Aí no meio da noite...num foi alisar, mas eu tava com o braço em cima dele... quando eu vi já tava: “meu Deus, o que é que eu tô fazendo!” [...] Aí eu queria. Eu tinha tesão no irmão dele porque ele era mais sério. Mais meu tipo. Ele era mais bagaceiro e não gosto tanto. Mas, a gente se pegou. Aí foi um negócio tipo, de corpo, não era de pessoa, sabe? [...] E foi ótimo! Ele transava bem (risos) (FLORA).

Já o “ficar”, ainda que a palavra tenha um sentido geral de permanência, sugerindo certa fixação em algum lugar, seu uso é associado a uma relação mais breve, sem tempo definido – um encontro apenas ou dias, semanas ou meses – nem objetivo tão claro, porque pode ser apenas para obtenção de prazer ou se tornar outro tipo de relação com maior afetividade. A instantaneidade e o desapego não são tão extremos como no “pegar”, mas tem como marca o descomprometimento afetivo para o futuro (CARLOS, 2011).

Só que, tipo, ele sempre dizia que queria ficar comigo... aí... nem sei... ele... eu acho que eu dou muito na cara e ele fala: Eu sei que tu não quer ter nada com ninguém, tá escrito na tua testa... Então, eu não quero ficar contigo... porque eu sei que tu não quer nada com ninguém. Aí, eu: Oxe, e a gente vai ficar precisa necessariamente ter alguma coisa? Aí, ele fez: Mas eu não quero mais ficar contigo... eu quero construir uma coisa contigo e se não me for possível construir alguma coisa contigo, eu não quero ficar contigo. Foi nisso aí que ele me ganhou. Achei bonito, hein... vou refletir sobre o que você tá me dizendo. Aí, passou muito tempo... eu enrolei muito ele. Meu Deus do céu, se fosse qualquer outra pessoa tinha pulado fora. Eu tinha pulado fora. Acho que eu enrolei ele uns cinco meses... e não deu em nada, né. (risos) (SARAH).

Outra modalidade de relacionamento mencionada foi a expressão “ter um rolo”. Seria uma relação com maior temporalidade e qualidade no estar junto. Quanto ao objetivo, seria também o prazer, mas neste caso há um envolvimento afetivo. Ter um rolo seria um quase namoro que não evoluiu por alguma razão.

A gente tinha um rolo. A gente ficou uns quatro meses, um mês ele ia me buscar quase todo dia no trabalho e me levava na faculdade... Porque eu estudava aqui de noite. Ele me trazia pra cá... pra ir pra faculdade. Eu saía da faculdade, ele vinha aqui me buscar pra me levar pra casa. A gente praticamente namorava, mas não frequentávamos a casa um do outro, nada disso. Mas mainha me via chegando com ele e tal (SARAH).

Ainda surgiu o termo “pseudonamoro” para designar as primeiras relações afetivas ainda na infância ou adolescência. Ao que parece, o pseudonamoro seria uma definição de apenas umas das partes, onde a outra acreditava que, sim, houve uma relação de namoro.

Não. Eu tive um namoradinho. Eu tive alguns pseudosnamoradinhos antes dele. Perdi meu BV... de idade, eu acho que eu tinha onze anos (SARAH).

Ele estudava perto de mim... tipo... eu gosto muito de lembrar porque a mãe dele tava do lado da gente e ele disse a mãe dele que era namorada dele. Aí, ela falou: Ah, tá! Aí, ficou, tipo, super conversando comigo e eu lá com ele e eu... meu Deus do céu, o que é que eu tô fazendo aqui?! Aí... mas foi, tipo, muito estranho. Aí, eu tive um pseudonamoro com ele de um mês (SARAH).

Por fim, também conhecemos a expressão “*Crush*”, uma palavra em inglês que pode ser literalmente traduzida como esmagar/colidir/espremer e popularmente entendido como “ter uma queda por alguém”. Pelo relato das nossas jovens, seria um interesse por vezes inesperado e não correspondido por alguém (parecido com o conhecido amor platônico) e/ou quando o interesse é correspondido, mas não evolui para uma ficada ou namoro.

Como está teu estado afetivo, digamos assim... Tu está com alguém? (LAIS).

Não existente (risos). Não existente definitivamente. Só com uns crushs, mas nada de... [...] Tô namorando todo mundo, ninguém tá me namorando (risos) (FLORA).

Quando foi a última vez que tu ficou com alguém? (LAIS).

Não lembro direito. Não lembro. Porque eu fiquei com... eu acho que eu passei um tempão sem ficar com ninguém, mas eu comecei a gostar de um menino, sabe? Sendo que ele era... ele é dois anos mais novo que eu... Mas tipo... como ele é todo nerd, só fica em casa, então eu acho que ele ainda é virgem, que ele ainda não beijou ninguém (FLORA).

Então faz tempo que tu gosta dele, né? (LAIS)

Faz tempo que eu gosto dele. Inclusive gosto dele até hoje, ele é meu crush atual (risos) (FLORA).

Mas tu já ficou com ele, não? (LAIS).

Não (FLORA).

Nunca rolou? (LAIS).

Não. A gente só conversa (FLORA).

Ao pensarmos nos tipos de relacionamento, percebe-se que as linhas de definição são tênues e sujeitas à interpretação das pessoas envolvidas. Mais ainda, quando se pretende demarcar a fronteira entre as modalidades citadas e o namoro, o que traz, por vezes, dúvidas acerca do status do relacionamento para uns dos pares.

No estudo da Paula Pinhal de Carlos (2011) foi percebido uma sequência entre as práticas de pegar, ficar, namorar e casar, como exploração de possibilidades de aproximação e comunicação entre pares. No nosso caso, não percebemos esse encadeamento linear sobre as formas de aproximação, mas os mesmos aparecem de acordo com a nomeação dada pelas interlocutoras ao envolvimento que tiveram em determinado momento da sua vida e contexto de encontro.

Ainda sobre as modalidades de relacionamento, alguns estudos (CARLOS, 2011; NASCIMENTO-GOMES, 2016; SHUÑA, 2014) apontam para as dificuldades encontradas pelas mulheres para experimentarem relações pontuais e de prazer. Mesmo no ambiente de pares há preocupação com a reputação e como o olhar do outro sobre sua sexualidade. Por isso, para as mulheres tais relações são vivenciadas dentro da “clandestinidade”, pois ainda há uma hierarquização de valores que dividem as mulheres “boas” para relações estáveis daquelas só “boas” para relações pontuais (SHUÑA, 2014).

Não nos pareceu que estes aspectos trouxeram preocupações para nossas interlocutoras. Em nenhum momento houve menção a inquietações em relação ao que pensam outras pessoas sobre a forma como elas manejam os relacionamentos.

Uma das “pistas” deixadas pelas jovens sobre o porquê dessas questões não as afetar é o acesso que elas têm à universidade. Flora traz que o fato dela “sair de casa”, no sentido de entrar em contato com outros valores, a fez perceber outras possibilidades.

Eu não via várias coisas acontecendo, sabe? Meus pais são tranquilos, mas ele não tem um nível de escolaridade... Então... São as dificuldades da pessoa que sai desse núcleo familiar onde todo mundo tem a mesma cabecinha... aí de eu sair todos os dias [para a faculdade] pra explorar outras coisas e depois voltar e ver tipo... Vocês são muito preconceituosos (FLORA).

Podemos pensar que o acesso à universidade, como um campo de privilégio, favoreceu as mesmas a terem contato com discussões, problematizações e valores que as fizeram ter outro posicionamento frente às exigências de gênero.

Em outras palavras, a partir das narrativas observou-se que as interlocutoras vivenciam essas modalidades afetivo-sexuais em um contexto de diferenças morais (entre o que elas pensam e o que está posto socialmente) em relação à sexualidade. Tais aspectos, ao nosso olhar, remete à possibilidade do reconhecimento de viver a sexualidade como direito²⁴, reconhecendo

²⁴ Como mencionado no capítulo 2, os direitos sexuais dizem respeito ao direito a viver a sexualidade com prazer e autonomia nas escolhas e no estilo de vida sexual, no exercício responsável da sexualidade, protegida de qualquer tipo de coerção e/ou violência (ÁVILA, 2003; CORRÊA; PETCHESKY, 1996).

as tensões do tema numa sociedade de desigualdades e buscando criar outras possibilidades de experiências.

Todas as nossas interlocutoras tiveram ao menos um relacionamento no qual elas denominavam namoro. Entendemos namoro, conforme o entendimento de Fernanda Sardelich Nascimento (2009), como a relação entre duas pessoas, permeada pelo desejo de ficar juntas, com regras estabelecidas de compromisso e fidelidade, no qual cada um reside em um lar diferente, podendo ou não ser uma relação que preceda um casamento.

Historicamente o namoro tem passado por transformações significativas. A partir das décadas de 40 e 50, as mudanças e negociações nas regras do namoro, antes pautado em rigorosos padrões morais que deveriam ser seguidos para que o namoro fosse considerado sério e levasse ao matrimônio, são colocados em questão. (PRIORY, 2011).

Nesse período, as diferenças marcantes no namoro diziam respeito ao seu objetivo, que poderia ser a satisfação imediata, que fazia com que as moças ficassem mal faladas, ou ser sério, com o objetivo de casar, destinado às moças de família (PRIORY, 2011).

O namoro, atualmente com novas configurações, ainda apresenta regras e a existência da dicotomia entre o “namoro sério” e relações com fins de “diversão”, bem como a necessidade de oficialidade social, principalmente junto à família.

O informar e/ou apresentar à família com a prática de relações sexuais vem sendo o sinal de oficialização do namoro. Se o namoro sério a tempos atrás era aquele no qual o rapaz resguardava a virgindade da mulher, o namoro sério atual necessita da atribuição das relações sexuais (CARLOS, 2011).

No relato das mulheres, o namoro não foi citado como algo almejado ou firmado de maneira formal. A frase “quer namorar comigo” não fez parte do vocabulário afetivo das jovens com seus pares. Apenas Vitória e Flora falaram da necessidade de ter que apresentar aos pais. Flora conta que após o primeiro encontro já tinham decidido que estavam namorando e só informou à família.

Fui meio rebelde...(risos). Aí eu disse a painho “oh!, eu tô namorando e vou trazer meu namorado aqui”. Aí ele: “mas tem que pedir a mim, a mão.” Aí eu disse: “não. A gente tá namorando e ele vem conhecer o senhor” (risos). Aí ele: “você sabe que você tem 16 anos, namorando e tal”... Aí eu comecei a chorar: “mas eu gosto dele, eu sei, num sei o que... (FLORA).

Luma, como já mencionado, teve sua primeira relação sexual fora de um relacionamento amoroso e seu único namoro, até o momento do nosso encontro, foi desencadeado a partir de uma relação de amizade.

Ela nos conta o quanto o namoro foi tranquilo: “todos os momentos foram bons assim, a gente não era muito de brigar, a gente não era de ter ciúmes enlouquecidos”, e que a primeira relação sexual aconteceu por volta dos três/quatro meses de namoro. Sobre esse dia, Luma conta que não houve preparação prévia, mas que aconteceu a oportunidade:

Foi na casa dele. Eu tava... a gente tava assistindo um filme. Aí, a mãe dele saiu pra ir no salão, a gente ficou sozinho e pronto. E rolou, assim. Ele era virgem, na verdade, e eu não, né. Mas, mesmo assim, para mim era meio esquisito (LUMA).

A fala de Luma traz que o “esquisito” foi o fato de, inicialmente, estar tranquila e depois ficar nervosa por achar que ele não sabia o que fazer. Conta que as vezes seguintes ainda teve essa sensação de estranheza, mas aos poucos foi ficando tranquila e segura.

Do período de namoro, Luma conta que as relações sexuais eram mais frequentes no começo da relação, pois eles ainda estavam no período escolar e, portanto, se encontravam mais vezes todas as tardes. Com a entrada de ambos na faculdade, a rotina do casal passou a mudar, pois se antes era um “quase morar juntos”, porque se viam todos os dias, os encontros passaram a ser nos finais de semana e “aí já foi ficando aquela coisa mais cômoda”. Além disso, os interesses foram mudando:

Eram assuntos diferentes. Eu falava de coisas que ele não se interessava e ele fala de coisas que eu não me interessava, e a gente sabia disso. Entendeu? E a gente tinha consciência disso e a gente tentava manear o máximo possível, mas às vezes fica impossível. Como ficou agora. E a gente terminou por isso (LUMA).

Vitória relata dois namoros: o primeiro no qual ela perdeu a virgindade e um segundo após quatro anos do término do primeiro. Em ambos, ela conta que a iniciativa foi deles e que o interesse dela só começou com o passar do tempo da relação.

O segundo namoro só iniciou por insistência de uma amiga em comum, pois até então o rapaz não tinha lhe chamado a atenção. No decorrer da relação eles aproveitavam a ausência da mãe de Vitória em casa para trocar carícias que nunca passaram “dos amassos”.

Um dia o namorado perguntou se ela ainda era virgem e ela contou que já tinha tido outra experiência antes dele. No momento ele disse que o fato não mudaria em nada a relação entre eles, mas posteriormente, ele passou a ser mais incisivo e a provocar que acontecesse a prática sexual. Sobre como ela se sentia com a situação, ela conta:

Da primeira vez que aconteceu eu não gostei... É assim, porque... depois que eu disse que não era mais virgem, ele mudou. Ficou mais agressivo. Mas, deixei acontecer e depois foi normal (VITÓRIA).

Embora tenhamos uma mudança nas regras do namoro e na expectativa em relação à sexualidade, percebemos com a vivência de Vitória que antigos modelos se atualizam. Enquanto que, para o homem, o padrão desejável ainda é o da conquista e da vivência sexual antes do casamento, para as mulheres essa “liberdade sexual” pode até ser vivida, mas não isenta de uma série de consequências como exposição social, desvalorização pessoal e atritos nos relacionamentos posteriores (NASCIMENTO, 2009).

Enquanto o namorado de Vitória pensava que a mesma era virgem, mantinha um comportamento mais respeitoso e paciente para as carícias e trocas de afeto. Após a revelação sobre a experiência sexual, ele passa a agir na lógica de que o corpo dela deveria estar disponível sexualmente para ele, pois não havia nada para guardar ou esperar.

Como constatou Rocio Del Pilar Shuña (2014) em seu estudo com jovens de duas cidades de Pernambuco, saber que as jovens têm práticas sexuais é, ainda, quase comparado a um delito cometido. A mulher é punida por ter perdido o “lacre”, a “virgindade”, ter perdido o sinal de sua “pureza”, por transgredir a norma de abstinência e revelar que são corpos autônomos.

Sobre seu o namoro, Flora afirma que o começo foi muito bom, embora tivessem dificuldades em se encontrar, uma vez que seus pais não a deixavam sair sozinha. Os encontros aconteciam apenas nos finais de semana, na sua casa sob a vigilância dos familiares, o que exigia do casal estratégias para terem mais intimidade.

Tinha momento da gente ficar sozinho, mas como era muito pequeno, era tipo na sala e grudado o quarto dos meus pais... [...] dava pra dar uma driblada, mas a gente era muito mais cara de pau do que porque dava pra dar as dribladas, entendeu? (risos) eu lembro que a gente fazia umas coisas que não eram muitos legais de fazer na sala de casa... mas tudo bem... mas eram uns amassos na sala (FLORA).

Durante o relacionamento, que durou dois anos e dez meses, a frequência de relações sexuais era de uma vez por mês, em média, devido a essas questões de vigilância da família e restrições de saída. Quando ocorriam, sempre era na casa do namorado, pois lá tinha mais liberdade estimulada pela sogra.

No final do namoro, as relações sexuais começaram a ocorrer pela ideia de obrigação e não pelo desejo de Flora. Ao perceber isso, ela começa a questionar o namorado, principalmente por ela afirmar que ele apresentava comportamentos egoístas.

Sua percepção da relação começou a mudar aos poucos. A sugestão do namorado de que ela teria obrigações sexuais porque eles namoravam começa a incomodar. Somado a isso, a forma como o parceiro tratava suas sinalizações de incomodo passaram a irritá-la, pois, segundo ela, sempre que ela pontuava algo ele prometia que ia melhorar, mas não havia mudança.

De maneira geral, com base na fala das mulheres, a experiência do namoro, mesmo passando por momentos tranquilos, há os elementos de dificuldade, geralmente ligados ao sexo. Nos relatos percebemos que, embora as interlocutoras não associem sexo ao amor diretamente, a prática sexual tende a ter a frequência reduzida por influência de outros aspectos da relação, a exemplo de discordâncias, mudanças de comportamento do parceiro ou a entrada de outras atividades na vida do casal.

Somados a isso, surge a cobrança da prática sexual pela justificativa de que estar numa relação estável prescinde sexo regular. O que ocorre é que essas cobranças partem, em geral, do parceiro sobre a parceira e anula, por vezes, o que a mulher pensa e/ou percebe do relacionamento, acarretando dificuldades e até relações abusivas.

6.2 Expressões da violência: relacionamentos abusivos e violência sexual

A violência nas relações afetivas tem sido uma grande preocupação para a psicologia e demais ciências humanas. Partimos da concepção de violência como privação em algum nível. Ou seja, muito além da questão física, a violência envolve a capacidade de alguém de tirar do outro algo que lhe é importante em algum sentido, como a liberdade de expressão, de ir e vir e afins (SOUZA, 2018).

Nos estudos feministas, a violência é vista por várias vertentes, dentre as quais, neste estudo, entendo as violências como um jogo relacional com conflitos de poder e controle dos homens e das mulheres nas relações afetivas. (NASCIMENTO, 2009; SOUZA, 2018). Nessa perspectiva, a violência é resultado da complexidade das relações afetivas e emocionais, não restritas ao âmbito heterossexual, em que vários núcleos de significados se sobrepõem e se misturam. Desta forma, não há padrões determinantes, uma vez que estes significados se constroem na sociedade e na cultura.

Entende-se como relacionamento abusivo, aquele em que há a presença da violência e seus diversos desdobramentos de maneira cotidiana e institucionalizada, com fins de dominação, controle e opressão. É vivenciado de maneira singular, pois vai depender da forma como as pessoas se relacionam (NASCIMENTO, 2009; SOUZA, 2018).

Portanto, a presença da violência nos relacionamentos afetivos vai depender de como cada parceiro subjetiva-se e subjetiva o outro na relação. Tal relacionamento é sustentado por uma relação pautada em desigualdade e assimetria entre os gêneros que se caracteriza por qualquer ato que resulte em dano físico ou emocional, através do abuso de poder (SOUZA, 2018).

No relacionamento vivenciado por Flora com o namorado, o término não foi tranquilo nem amigável. Conta que já tinha percebido que não tinha mais sentimento pelo namorado, mas mesmo assim não conseguia terminar o relacionamento. Repetidas vezes ela afirma que percebia que algo não estava bem e que ao conversar com ele, sempre vinham as promessas de que a relação iria mudar. Embora ela soubesse que eram promessas que não seriam cumpridas, tinha dificuldades em encerrar o relacionamento.

O término só aconteceu por iniciativa dele, que confessou estar apaixonado por outra pessoa. Ocorre que esta pessoa era uma amiga em comum, e mesmo Flora suspeitando que tinha outra pessoa na relação, foi difícil para ela saber que era alguém tão próximo. Ela coloca que havia uma manipulação exercida pelo parceiro em deslegitimar suas sinalizações de que algo não ia bem no namoro. Afirma que, após o término, ela “se jogou” em encontros pontuais e percebeu que, desde esse relacionamento, tem dificuldades em se envolver com alguém de maneira mais estável.

Um relacionamento abusivo pode trazer grandes consequências, principalmente quando envolve a manipulação emocional. Dentro da relação, a manipulação, que pode ser exercida de diferentes formas, tem a função de garantir benefícios a um em detrimento do outro. No caso de Flora, podemos dizer que o parceiro realiza a manipulação como uma forma de opressão, que, diante das reivindicações e questionamentos dela, ele se utiliza dos afetos para causar danos, como a culpa e dúvidas, e para conseguir sobrepor sua vontade em relação a ela. (SOUZA, 2018). A manipulação e a quebra da regra da fidelidade fazem com que a jovem tenha dificuldades de construir outras relações.

Lílian e Sarah tiveram relacionamentos abusivos mais longos e com maiores repercussões. Entretanto, assim como com Flora, o início do relacionamento foi descrito como um momento muito bom e tranquilo.

O ciúme destacou-se como o principal motivo para brigas e esteve relacionado com o risco de vivenciar várias formas de abusos na relação. Em geral, refere-se ao desejo de possuir o outro em sua totalidade, isso significa dizer que a pessoa ciumenta busca exclusividade em relação a uma pessoa, atividade ou objeto (NASCIMENTO, 2009).

Só que não foi um puto de ciúme que depois passa... foi um puto de ciúmes que ele pegou a aliança da gente e jogou pela janela... Foi aí que eu descobri que ele era muito, mas muito ciumento. Meu Deus do céu... era uma coisa em níveis... não sei nem a palavra que usar. Aí... ele passou (SARAH).

Me sentia. Ele fazia com que eu me sentisse culpada... em qualquer situação. Qualquer situação que eu dissesse não, ele fazia com que eu me sentisse culpada... de novo e de novo e de novo. Às vezes não precisava nem de motivo. Às vezes ele só se sentia inseguro que eu ia deixar ele... pra me manter ali, né... ele se sentia inseguro que eu ia deixar ele em algum momento pra dar pra outra pessoa (LILIAN).

Aos dois anos e meio de relacionamento, as cenas de ciúmes começaram a se tornar frequentes. Mesmo D., namorado de Lilian, tendo acesso à senha das redes sociais, ela apagou todas neste período, pois tudo era motivo para brigas.

Além dos ciúmes, os jogos de manipulação passaram a influenciar na autoestima de Lilian:

Ele me fazia de culpada, ele dizia que ninguém ia me amar como ele... ele falava: 'Qual a vantagem que eu tenho ficando com você'. Aí eu disse: 'você está fazendo o que comigo, então?'. Sabe o que ele respondeu? Que queria me motivar. Isso eu tinha dezessete anos (LILIAN).

Dado comum no discurso das interlocutoras foi o isolamento social. Conforme o namoro ia se firmando e as práticas de dominação e controle se fortalecendo, elas se viam cada vez mais distantes do círculo social que frequentavam antes do relacionamento.

Lilian estava com 15 anos quando iniciou o relacionamento com D e afirma que só saía com a família dele e ele evitava contato com sua família, bem como passou a reclamar das suas amizades. O mesmo acontecia com Sarah:

Ele não era de conversar. A gente passava dias sem se falar. Ele passou a odiar todos os meus amigos. Todos os meus amigos se afastaram de mim, porque ele pegou briga com todos eles. Minha melhor amiga odiava ele de vida e de morte (SARAH).

O controle tem o objetivo de manter a pessoa dentro do relacionamento, ao mesmo tempo que desarticula possibilidades de saída do mesmo. O controle é manifestado até mesmo em relação às atividades que a mulher deve ou não fazer no dia a dia ou com quem pode se relacionar (SOUZA, 2018).

Dentre os tipos de violência, o controle se relaciona com a violência psicológica, sendo esta maneira a mais vivenciada pelas interlocutoras. A violência psicológica tem como característica entrelaçar aspectos como: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de

casa, provocar o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro (BRASIL, 2001).

Em um dado momento da relação, Lilian conseguiu romper o namoro por dois meses, período em que ela teve sua primeira relação sexual, e que, mesmo estando envolvida com outra pessoa, ela sentia falta do relacionamento com D.

Eu não pedi pra voltar com D. Eu implorei pra voltar com D. Eu me humilhei pra voltar com D. Ou melhor, ele voltar pra mim. Hoje eu vejo que era um traço abusivo, mas eu sentia falta daquele psicológico que ele fazia, entendeu? Foi terrível... eu sentia falta da maneira como ele me tratava. Na pior das hipóteses, ele era ainda uma pessoa que eu amava, foi a primeira pessoa que eu amei e sonhei em casar e tudo mais... (LILIAN).

Com a reconciliação, Lilian confessou que tinha perdido a virgindade com outra pessoa e a relação que já era conturbada, piorou. Eles ficaram juntos mais um ano e seis meses e durante todo esse período essa questão vinha à tona nas brigas.

Lilian conta que mesmo sabendo que foi uma relação em um período que não estavam juntos, ela sentia-se muito culpada por não ter perdido a virgindade com ele e passou a tentar agradá-lo com relações sexuais, mesmo contra sua vontade e evitando situações que ele não aprovava.

Cheguei em uma determinada hora que eu me humilhei tanto que eu disse a ele: Você pode ficar com qualquer pessoa... eu vou continuar aqui pra você. Você pode ficar com quem você quiser, desde que você volte pra mim no final do dia. Eu me humilhei a esse ponto. Eu me humilhei a esse ponto. Eu me humilhei (LILIAN).

Sarah, além das violências psicológicas, chegou a vivenciar violência física no relacionamento. As violências físicas são caracterizadas quando uma pessoa, que está em relação de poder sobre a outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar, ou não, lesões externas, internas ou ambas. Segundo concepções mais recentes, o castigo repetido, não severo, também se considera violência física. Outras variações são: socos, arranhões, puxões de cabelo, arremesso de objetos, chutes, tapas e beliscões (BRASIL, 2001).

Em uma das brigas recorrentes por ciúmes, Sarah relata que foi empurrada e tentou revidar a agressão quando sua mãe chegou:

Ele me empurrou e me tirou... parece até que eu pesava uma pena. Quando eu peguei ele pela camisa... ele já virou assim ó... pra me jogar na grade. Quando ele me jogou

na grade, mainha logo atrás dele: Que foi? Aí, eu olhei assim pra cara dele e ele tava a feição de outra pessoa... totalmente. Aí, eu fiquei com medo (SARAH).

Outro aspecto comum é o momento no qual o parceiro apresenta comportamento de reparação e/ou exerce a culpabilização da violência. A literatura sobre o tema das violências aponta para um ciclo característico das relações abusivas composto por três momentos: Aumento do estresse na relação seguido pela “explosão” e finalizado com a “lua de mel”.

O primeiro momento de aumento de tensão na relação pode ocorrer pelos mais diversos motivos e já se percebe a presença da violência psicológica. É como se um parceiro fosse se irritando com o outro, por situações do dia a dia. A segunda fase, explosão, é quando o incidente de agressão física ou abuso psicológico mais grave ocorre. As fronteiras da relação são rompidas e essa é a violência que extrapola os limites usuais em que a pessoa está acostumada a passar. Já a última fase, denominada “lua de mel”, é quando a relação passa por uma espécie de reestabelecimento afetivo, sendo comum o agressor pedir perdão pela agressão (SOUZA, 2018).

Porque, assim, D. nunca me bateu, nunca levantou a mão pra mim, fisicamente nada. Psicologicamente tudo. Desde a questão sentimental, desde a questão de presença, até a questão sexual. Até depois da morte a gente teve uma discussão sobre isso. Porque, ele disse... no casamento de um parente dele, ele fez assim: Se um dia eu... é... morrer primeiro... se eu morrer, tu vai ficar com outra pessoa? Eu disse: Se acontecer depois de um tempo, porque não? Aí, ele: Mas isso é um absurdo! Que não sei o que, não sei o que. Aí, eu fiquei: Pô, tu vai tá morto, velho (LILIAN).

Além das situações de violência vivenciadas dentro dos relacionamentos, Lilian e Sarah passaram por situações de violência sexual. A violência sexual é toda a ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução), ou do uso de armas ou drogas (SOUZA, 2018).

Lilian teve a experiências de violência com um parceiro que ela conheceu logo após o término do namoro com D. Ela relata que tinha a fantasia sexual de transar no carro e este parceiro se interessou em realizar essa fantasia. Contudo, o local escolhido não foi agradável para ela e quando ela quis desistir o parceiro se negou.

Eu não tinha dinheiro para voltar para a casa só e eu me senti meio coagida. Eu chorei no carro, dizendo que não me sentia confortável. E ele mesmo assim disse: Vamo aproveitar que a gente já tá aqui. Então, eu pensei: “como eu vou dizer não a esse cara, aqui?”. Eu consenti. Ele gozou dentro. A gente saiu direto dali e foi pra uma farmácia, ele comprou uma pílula do dia seguinte. Eu cheguei em casa chorando e nunca mais falei com ele (LILIAN).

Sarah, por sua vez, teve uma experiência de abuso sexual na infância, aos sete anos. Foi um momento delicado da nossa conversa e, por isso, deixei-a à vontade para compartilhar sua história ou não. Sarah enfatizou que hoje consegue lidar melhor com o tema e pensa ser importante compartilhar o que viveu para que ajude a outras mulheres a não viver isso também.

Ela relata que o autor da violência era seu primo que tinha aproximadamente dezesseis anos, à época, e que a violência perdurou cerca de dois anos. Ela aponta que tudo era muito conveniente, pois eles tinham uma convivência como irmãos, uma vez que moravam juntos, então ele não tinha dificuldades em se aproximar dela.

Segundo os dados da Childhood Brasil²⁵, que agrega indicadores de diversas bases sobre abuso e exploração sexual de crianças, quase 80% das denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes são de abuso sexual. Uma característica desse tipo específico de violência é o número significativo dos agressores que são familiares – pais, mães, padrastos, tios, avós. No entanto, os órgãos analisados pela instituição também apresentam dados desiguais quanto a essa característica: entre 2011 e 2017, o Ministério da Saúde registrou 27% de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes em que os agressores são familiares. No mesmo período, o Disque 100 (Canal nacional de denúncias) recebeu 54% de denúncias com esse mesmo perfil. Os dois órgãos constataram que a grande maioria dos agressores de violência sexual contra meninas e meninos são do sexo masculino. Nos dados do Disque 100, 63% dos abusadores são homens e, segundo o Ministério da Saúde, os homens representam 88% dos agressores.

Sarah conta que, como artifício, o jovem dizia que o que acontecia entre eles não tinha problemas porque eles eram primos-irmãos e ela seria a namorada dele e que tudo que acontecia era normal de ocorrer entre primos. Sarah, pela idade, não entendia o que se passava e afirma que como ele não a machucava, aparentemente, ela pensava que ele estava sendo carinhoso com ela.

Aos nove anos, Sarah conta que começou a achar a situação estranha e a ter incômodos. Lembra que viu uma reportagem sobre uma criança que tinha vivido uma violência sexual e que o autor da violência foi preso. Ressalta que os familiares comentaram a situação revoltados e toda a descrição dada na reportagem parecia com o que ela vivia.

²⁵ A organização é certificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e faz parte da World Childhood Foundation (Childhood), com escritórios na Suécia (sede), Alemanha, Brasil e Estados Unidos, apoiando projetos de proteção e enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças. Vide: <https://www.childhood.org.br/>.

Então, ela passou a questionar o primo sobre as situações que ele a fazia passar e o mesmo começou a se afastar por perceber que ela estava entendendo que havia algo errado. Sarah só veio comentar sobre a violência vivida na infância a sua mãe anos depois, na juventude. Conta que compartilhou com alguns amigos e com seu namorado na época.

Inclusive, a situação de violência vivida foi usada pelo namorado para agredi-la verbalmente em local público, pois ela não queria reatar a relação. Ela conta que estava com um material dele de estudo e pretendia devolver, mas ele sempre desmarcava.

Nisso, foram os quatro meses ele pedindo pra voltar comigo... aí, por um belo tempo, ele morgou e não quis mais perguntar e foi quando eu fiz: Ó, vamos se encontrar. Vamo no shopping que eu te entrego, porque é caminho para a faculdade. Aí, ele fez: Beleza. Aí, eu tava sentada, ele sentou na minha frente, perguntou como é que eu tava... eu disse que tava bem e entreguei as coisas dele. Quando eu entreguei as coisas dele, ele pediu pra voltar comigo. Eu disse que não. Ele prontamente se levantou e começou a gritar tudo que meu primo tinha feito no meio do shopping... dizendo que achava bom que eu achasse uma pessoa pior que o meu primo, que eu merecia... pegou a mochila e saiu (SARAH).

Os discursos das interlocutoras trazem aspectos difíceis das violências vividas que não consigo traduzir em palavras escritas. Os olhares, as lágrimas, as mudanças de tons de voz trazem que mesmo após anos da situação, estas fazem parte de um momento de dor na trajetória afetivo-sexual das jovens.

A percepção de estar em um relacionamento abusivo é difícil e muitas delas só percebeu que tinha vivido uma relação abusiva após o fim dela. Somado a isso, ainda há outras violências associadas, seja na infância como o caso de Sarah, seja as que podem acontecer em qualquer momento da vida como a de Lilian que desejava experimentar uma situação diferente e que teve essa vivência transformada em um momento de violação dos seus direitos.

As principais causas da violência descritas são o ciúme e o jogo de poder, compreendendo-se que estão relacionados a um problema que é complexo, proveniente de uma construção social do gênero, dos papéis sociais esperados ao homem e a mulher, que aproxima a uma desigualdade social, que estaria entre as causas mais comuns da violência.

Vale lembrar que os dados de violência contra a mulher são alarmantes no Brasil. Em 2017, a pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), revelou que 29% das mulheres sofreram violência ou agressão e 40% sofreram assédio, dados que se traduzem na ocorrência de 503 agressões por hora, 5,2 milhões de assédios em transporte público e 2,2 milhões de mulheres agarradas ou beijadas sem consentimento.

Já o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2019, aponta que os casos de Femicídio²⁶ são observados em todas as faixas etárias, mas significativamente maior entre mulheres em idade reprodutiva: 28,2% tinham entre 20 e 29 anos, 29,8% tinham entre 30 e 39 anos e 18,5% tinham entre 40 e 49 anos quando foram mortas. Essa violência tem vitimado mulheres pelas mãos de agressores conhecidos, iniciando-se na juventude e agravando-se na fase adulta.

Enfrentar a violência contra a mulher exige romper muitas barreiras que se estendem desde as estruturas machistas até os fatores que mantêm as mulheres em silêncio, como temor, vergonha, crença na mudança do parceiro e ausência de preparo por parte de autoridades para lidar com um tema tão complexo. Desta forma, apontamos para a necessidade de desnaturalizar os padrões culturais como determinantes da violência, ou a dicotomia vítima e algoz, que propiciam generalizações, sendo importante o esforço para compreender as relações de poder perpetuadas na sociedade como essas que se apresentam nos relacionamentos através das desigualdades de gênero.

6.3 Preferências sexuais e significados de prazer

Um dos pontos principais da conversa com nossas interlocutoras foi como elas sentiam e percebiam as práticas sexuais já realizadas ao longo de suas trajetórias afetivas. Tentei deixar as mesmas à vontade para falar ou não sobre o tema, mas nenhuma se negou a abordar o conteúdo, embora algumas delas relatassem suas vivências sexuais com mais desenvoltura do que outras. Percebemos que mesmo o sexo se configurando como um tabu na sociedade, em especial para mulheres, não há uma ligação direta entre sexo e amor romântico.

Vitória foi a que apresentou mais dificuldades em pensar quais práticas sexuais gostava mais ou menos. Embora tenha comentado que em algumas posições ela não se sentia à vontade, não conseguia detalhar quais. Sobre o que mais gostava, falou de modo geral que gostava do conjunto, de quando a relação sexual demorava mais e relatou uma vez que fez na posição em pé. Não consegui aprofundar porque ela nunca tinha parado para pensar sobre esse ponto e afirmou ser difícil dizer.

A respeito das preferências sexuais, o sexo oral foi o mais citado como uma prática que dá prazer. Segundo Heilborn (2006), o sexo oral é uma prática que vem conquistando uma

²⁶ Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015, que ficou conhecida como Lei do Femicídio, representou um importante passo no reconhecimento das especificidades da violência contra a mulher. Esta lei coloca a discriminação à condição de mulher como elemento central e evitável da mortalidade de milhares de brasileiras todos os anos.

crescente aceitação social, embora não tenha alcançado uma posição técnica central nas relações sexuais.

Flora coloca que precisa de ter intimidade para o sexo, já que sua preferência sexual é o sexo oral. Denuncia que muitos parceiros pensam no sexo oral apenas como preliminar e não como sexo em si, ou pensam que precisam fazer algo fora do comum/esperado ao fazer sexo oral.

Até no oral eu via muito que... meu ex mais né, porque tinha uma intimidade, aqui ou ali a gente conversava, realmente. Ele queria fazer coisas mirabolantes e eu: 'não. Se tu ficar focado fazendo isso durante um minuto eu vou só pensar nisso e vou chegar lá... mas se tu ficar tipo... (FLORA).

De maneira ampla, as interlocutoras apontam para uma dualidade dos parceiros em relação ao sexo oral, seja pela prática de maneira apressada, seja por não querer fazer e já partir para a penetração vaginal.

A respeito da prática da penetração vaginal, a questão que emergiu foi a dificuldade em ter orgasmos com essa prática. Das mulheres que detalharam mais sobre este aspecto, ambas comentaram sobre dificuldade em sentir prazer, independentemente da posição e do quanto os parceiros insistem nessa prática, acreditando que o quanto mais tempo eles permanecerem na penetração maior a possibilidade de a mulher gozar. Em vários estudos percebe-se que a prática vaginal é a forma de contato sexual mais difundida entre os jovens sexualmente ativos, pois há a centralidade no sexo vaginal como técnica sexual definidora da heterossexualidade (HEILBORN *et al.*, 2006; PARKER, 1991).

Flora traz, com indignação, um relato de um amigo que afirma que os homens pensam em outras coisas para tardar a ejaculação e assim permanecerem mais tempo na penetração. Ela afirma que assim o parceiro não está lá inteiro na relação, mesmo que essa relação sexual dure menos tempo. Outro ponto que ela traz é a insistência dos homens para que elas tenham orgasmo na penetração, o que, por vezes, tem o efeito pior, ocasiona dor e desconforto,

Horrível, péssimo, péssimo, péssimo, péssimo. Quanto mais ruim você tenta fazer mais ruim vai dar. Porque já tá, o clitóris já excitado, inchado, e aí você vai mexer no clitóris e tá hipersensível, vai dar agonia, vai doer, aff, péssimo. Cancela os homens. (risos) (FLORA).

Lilian e Luma também trazem a dificuldade em gozar na penetração e como compartilha isso com seu parceiro atual.

Mas assim, apesar de M. saber disso e ele tem plena consciência de que é muito difícil de fato, a mulher gozar com a penetração, mas aí ele me satisfaz de muitas outras formas possíveis. Ele me dá total atenção em outras coisas até cansar (LILIAN).

Porque, assim, no meu caso... eu acho que no meu caso, normalmente acontece de uma vez só, mas de uma forma mais intensa... às vezes tem homens que, tipo, acham que tem que ficar lá uma hora e também não é assim, entendeu? Tive que conversar: ó, tá demorando demais! Não é assim que eu gosto. Já tentou e... (LUMA).

Os discursos das mulheres corroboram que os prazeres da sexualidade genital estão integrados a um conjunto mais completo de práticas sexuais (PARKER, 1991). Melhor dizendo, para as interlocutoras, a penetração em si não traz satisfação sexual, sendo necessário ampliar os repertórios sexuais e eróticos nas práticas dos casais.

Apenas Vivian relatou experiência com sexo anal e afirma que houve vezes que gostou, mas que não é sua prioridade de prática sexual, pois já teve experiências bem ruins. De modo amplo, as práticas sexuais anais com mulheres são pouco realizadas e geralmente estão ligadas à vontade de agradar o parceiro. O tema do sexo anal é pouco debatido e tido como tabu nas relações heterossexuais (HEILBORN *et al.*, 2006).

Segundo Luciene Galvão Viana (2014), o sexo anal é valorado de maneira desigual para aquele que adota o papel ativo (quem penetra) e passivo (quem é penetrado). Mesmo que o ânus não tenha grande atenção nas diferenças sexuais e se configure em uma região corporal que não pertence aos homens ou às mulheres, todos os discursos sobre a penetração anal são remetidos às práticas homossexuais. No universo masculino se produz de maneira contraditória: por um lado, deve-se evitá-la a todo custo, mas é permitido e desejável que se penetre outras pessoas, inclusive outros homens.

Sobre a prática da masturbação, a maioria das interlocutoras afirmaram ter praticado em alguma época da trajetória sexual. Como ação recorrente, apenas Lilian e Flora colocaram a masturbação como prática aceitável nas suas vivências sexuais.

Para Flora, a masturbação aparece nos momentos de estresse como maneira de relaxar e não tem periodicidade de acontecer. Já Lilian traz a masturbação associada a outros dispositivos eróticos como os vídeos pornográficos. Mesmo sendo os vídeos um disparador para o têsão Lilian faz críticas à estrutura e roteiros dos vídeos pornográficos.

Rentai²⁷. Eu também assistia rentai, mas depois eu comecei a criar abusos pelos vídeos... Pra que eu vou assistir um filme todo pra... o vídeo tem meia hora. Vinte minutos é ela chupando o cara... cansativo, velho. Passa 10 minutos pra tirar a roupa dela, cinco para fazer alguma coisa com ela, pra chupar ela e ela passa 10 minutos

²⁷ Palavra de origem japonesa que na tradução se aproxima a tarado/pervertido. No Brasil, refere-se a desenhos (geralmente de origem oriental, animes/mangás/etc) pornográficos.

chupando ele e os outros 10 fazendo outra coisa, para nos últimos cinco minutos ele tá gozando na cara dela e acabou (LILIAN).

Comenta também que tem preferido vídeos curtos chamados de GIF e de conteúdo lésbico por serem mais estimulantes. Inclusive aponta que no seu ciclo de amizades tem percebido que mulheres heterossexuais têm preferido ver vídeos entre parceiras lésbicas do que com práticas heterossexuais.

Sobre o questionamento do que elas sentem quando tem um orgasmo, percebemos certa dificuldade em nomear as sensações vividas. Apenas Flora, chega mais perto do exercício de tentar nomear o que sente quando tem um orgasmo. Segundo ela,

É uma sensação tipo... uma vontade de contorcer essa parte aqui [mostra o abdômen]... aí dá vontade de ... geralmente eu contorço os pés, mas dá um arrepio, assim.... E uma vontade de contorcer involuntariamente” (FLORA).

Embora a “noção de gozo se refira ao momento do orgasmo e a liberação dos líquidos sexuais associados a esse momento, ele também é ampliado para abranger toda a experiência de prazer” (PARKER, 1991, p. 200).

Em alguns estudos quantitativos em relação à satisfação sexual de mulheres, os resultados mostraram que 81,6% já tiveram orgasmo, mas 68,3% das mulheres afirmaram que não necessitavam dele para se sentirem satisfeitas sexualmente (KOBAYASHI; REIS, 2015).

O estudo de Cristiani Kobayashi e Andréia Silva Reis (2015) evidencia a necessidade de estabelecimento de vínculos afetivos para a satisfação sexual e não apenas o orgasmo. Assim, o "carinho/afeto", bem como "respeito mútuo", aparecerem como fatores mais importantes em um relacionamento sexual. Ainda foi constatado que a preocupação das mulheres jovens em satisfazer o parceiro sexualmente é muito alta e o que as leva a negar a própria satisfação sexual, a fim de manter o relacionamento.

No caso das nossas interlocutoras, elas mencionam a fantasia do casal gozar junto como algo ligado ao amor romântico, mas que não tem aplicabilidade real, visto que elas descrevem que as práticas que geram prazer nas mulheres não são as mesmas para os homens. Apesar disso, reconhecem que ainda existem casais que buscam essa satisfação.

Diante da dificuldade em nomear as sensações, questionei às jovens o que pra elas significa a expressão prazer sexual. Das respostas vieram diversos questionamentos e nuances associadas para além das possibilidades de sensações corporais vividas.

Luma trouxe o questionamento em torno do prazer sexual sobre a obrigatoriedade que ela percebe em “Elas têm que gozar mil vezes... horas e horas, fazer várias posições...”. Acredita

que na atualidade há o extremo oposto de anos atrás em relação à sexualidade de mulheres o que acaba tirando as mulheres de uma caixinha (das que não gostavam de sexo) e as colocando em outras “caixinhas (das que têm que fazer sexo o tempo todo).

As demais interlocutoras trouxeram que além da descrição de sensações corporais ou posições mais excitantes, elas elencaram diversos outros elementos que, na história delas, compõem seus significados de prazer. Para evitar omitir alguma nuance e para aproximar a leitora do que elas quiseram passar, trarei todas as falas na íntegra, com grifos nossos:

É difícil... prazer sexual... prazer sexual... eu acho que é mostrar a si pro outro, quando você vai pra o outro e se amar quando você tá sozinha. prazer sexual e quando eu... eu... eu tiro as amarras e as camadas pra estar com o outro, se eu estiver com o outro, e aí comigo eu tô só comigo. Porque eu não sei como é contigo... mas tipo, eu só chego se eu tiver 100% focada em mim naquele momento (FLORA).

Afinidade, eu acho. Não interessa se você já conhece a pessoa a muito tempo, mas precisa ter afinidade. Quanto mais afinidade, melhor. Não é o desempenho da pessoa... porque foi variado de parceiro pra parceiro. As vezes o que é muito bom pra você, pode ser muito ruim pra outra pessoa e vice-versa. Então, realmente precisa ter afinidade. A outra pessoa precisa concordar e precisa também gostar e se sentir confortável com as mesmas coisas que você. Se não, não vai dar certo... por mais que você goste da pessoa... que você ame a pessoa. Nuca vai dar certo (LILIAN).

Ter prazer, pra mim, é me sentir respeitada mesmo. Não ter pressa... elogiar... é fazer com que você entre mesmo no clima, sabe?! Se sinta valorizada e bem (VITÓRIA).

Então, tipo, se eu te disser aqui agora que prazer é sentir de tal forma ou desse jeito... não é... eu acho que é eu me sentir livre a ponto de eu poder sentir aquele momento, no momento que eu tô. Eu sinto prazer quando me dão a liberdade de aceitar todas as sensações, mas respeitando que naquele momento assim e tô daquele jeito...[...] um dia eu tava me sentindo péssima no dia... péssima, péssima, péssima... de todos os níveis... absurdos... só que a transa foi massa... foi tudo massa... só que eu tava me sentindo ali daquele jeito... e tipo... por mais que a transa tenho sido boa, não modificou o aperto que eu tava sentindo dentro de mim. Só que depois que terminou e tal, que eu tava deitada olhando pra cima... ele deitou e botou a cabeça aqui e ele tem muito pesadelo de noite... ele já tinha me dito isso... que ele tem muito pesadelo de noite e eu tenho muito pesadelo... eu acordo toda noite com pesadelo, sentindo que alguém tava no meu pescoço. E a gente dormiu tranquilo. Quando a gente acordou, eu nem percebi o que tinha acontecido... mas eu já tava chorando. Aí, ele fez: O que foi. E eu fiz: Eu não acordei... eu consegui dormir. Aquilo ali pra mim foi... fazia tempo que eu não dormia assim... [Choro] (SARAH).

Diante das falas, podemos afirmar que o prazer sexual não está necessariamente relacionado ao amor romântico enquanto o ápice da demonstração de sentimentos. Durante os encontros, em vários momentos, as interlocutoras demonstram essa dança entre rupturas e permanências com a lógica do amor romântico e do dispositivo amoroso (ZANELLO, 2018).

O que elas nos trazem é o tensionamento das opressões vividas, em especial pelo gênero, e outras possibilidades no campo da sexualidade. Ao nos dizer que prazer sexual está

ligado à liberdade, ao respeito, a afinidade elas não negam as facetas do orgasmo no corpo, mas apontam que exigem mais do sexo, mesmo em relações pontuais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar nesse momento de síntese me faz pensar em todo o caminho percorrido até aqui. Não só os caminhos teóricos e metodológicos, mas o caminho do meu descobrimento enquanto pesquisadora. Trago as palavras de Peter Spink quando diz que “às vezes foram os próprios acontecimentos; às vezes foram os horizontes que abriram e fecharam; às vezes terminamos porque é um bom momento, porque não é possível avançar muito mais ou porque os caminhos estão fechados” (2003, p.30).

Sinto que cheguei ao momento de dizer: “não é possível avançar muito mais”, embora saiba que a riqueza das histórias a mim compartilhadas são potentes para múltiplos desdobramentos. Assim, buscando mais um fôlego, tento apresentar os pontos os quais parecem merecer destaque em publicações futuras e em outros trabalhos.

No processo de construção dessa dissertação, houve alguns fatores que são importantes lembrar, a exemplo das ações deste primeiro ano da nova gestão do Governo Federal, a começar pela estrutura do ministérios, como a criação do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e a extinção do comitê de Gênero e do Comitê de Diversidade e Inclusão. Além disso, as declarações do atual presente que destacamos na introdução.

Então, diante dessa conjuntura social e política de conservadorismo, e de desmonte dos Direitos Humanos, minhas inquietações iniciais giravam em torno de compreender como as mulheres jovens vivenciam suas sexualidades e significam o prazer sexual em suas trajetórias afetivo-sexuais. Os contatos iniciais com as jovens ocorreram no primeiro semestre de 2019, momento que realizamos uma conversa para apresentar a proposta da pesquisa para que elas pudessem decidir se queriam participar.

Retomo aqui a questão de que não entendemos a iniciação sexual como a primeira relação sexual, mas como um processo de aprendizagem a partir das relações (HEILBORN *et al.*, 2006). Processo este que percebemos ter origem na infância, desde os primeiros anos escolares, com ênfase para os estímulos dos adultos nas pedagogias sexuais (LOURO, 2000).

Os beijos e as brincadeiras sexuais foram as primeiras aproximações de corpos experimentadas pelas jovens em relação a uma pessoa que despertava interesse afetivo-sexual. Esses primeiros ensaios são estratégias expressivas que acabam por inventar e também reproduzir a sexualidade.

Sobre estes aspectos, creio ser importante aprofundar a necessidade de se discutir sobre sexualidade e gênero nas escolas, em especial pela dificuldade de o Governo Federal atual trabalhar o tema com a seriedade que ele merece. A inclusão de uma perspectiva de gênero no

ensino não pode restringir-se somente aos instrumentos didático-pedagógicos, mas fazer parte de um investimento que perpassa a formação de professores e a releitura dos conteúdos curriculares. Ressalto, ainda, que não só o gênero precisa ser pensando nas escolas, mas também os demais marcadores sociais como classe, etnia, orientação sexual e geração. Essas questões precisam ser pautadas enquanto ações fundamentais para a redução de desigualdades e composição de um projeto de educação para a formação de cidadãs e cidadãos.

Em relação às amizades, estas se mostraram como importantes nas trajetórias afetivo-sexuais das jovens. Percebi que elas não trouxeram elementos sobre grupos de amigas como lugar de confidências e diversão, nem as relações de amizades como fonte de informações sobre sexualidade. Quando a amizade surgiu nos relatos, foi como caminho para experimentação de outras modalidades de relação como o ficar e o namoro, sendo ponto estruturante para o relacionamento de uma das jovens com o seu namorado.

Mesmo sem ser uma questão inicial, as redes sociais surgem nos discursos das jovens como espaço múltiplo que perpassa as relações de amizade, paquera e namoro. Acrescento a importância das redes sociais desde o meu contato com as interlocutoras em todo nosso processo de negociação de agendas para os encontros foi via *Whatsapp*, até o momento da entrevista em que por várias vezes as jovens interrompiam para responder uma mensagem ou para sinalizar para alguém onde estavam.

As redes sociais têm ocupado um espaço importante na vida cotidiana e nas relações afetivas e sexuais. Tenho percebido o acréscimo de pesquisas tanto com as redes sociais como campo-tema, quanto como ferramenta metodológica para questionários e entrevistas. Acredito ser interessante aprofundar como tem sido os relacionamentos virtuais (a distância ou com alguns encontros presenciais), bem como as práticas de sexo virtual (seja dentro de uma relação ou com profissionais do sexo).

Pontuo, ainda, sobre esse meio de comunicação o cuidado que merece ter pela facilidade de disseminação de informações de todas as ordens. Não é por acaso que houve o crescimento de crimes virtuais, do vazamento de fotos íntimas de parceiros por vingança e das *fake news*²⁸ tão conhecidas e disseminadas nas eleições de 2018.

Em relação aos percursos sexuais, no discurso das jovens, a primeira relação sexual foi relatada com tranquilidade e como uma experiência agradável pela maioria delas. Percebemos que esta vivência não estava justificada como prova de amor, como ocorria na lógica do amor

²⁸ Notícias falsas sobre algo ou alguém divulgadas na internet.

romântico. Inclusive algumas delas sequer ocorreu dentro de um relacionamento estável. Assim, podemos afirmar que as jovens acessam outras possibilidades de sentimentos, vontades e desejos para se ter uma relação sexual para além do esperado socialmente. Pois, ainda há a expectativa social de que as jovens tardem a iniciar a atividade sexual e que esta só seja possível dentro de uma relação amorosa (MARQUES, 2014; RIBEIRO, 2003).

Embora possamos observar essas rupturas na lógica do amor romântico, podemos afirmar que outras nuances se apresentam, em especial, na forma como os namoros são conduzidos e vivenciados. Entendemos que os processos que subjetivam e constituem relações entre as pessoas são desenvolvidos dentro da ideia de movimento e não de superação: há avanços, retrocessos, novas roupagens e formas de se apresentar, porém, principalmente, há a criação de estratégias de enfrentamento e resistência das opressões.

Destaca-se que o sexo vaginal foi a principal prática na primeira relação, não sendo mencionado outras performances. As motivações para o primeiro contato sexual foram diversas e as jovens denotaram preocupações semelhantes, como o medo que as mães e/ou os pais descobrissem e o medo da gravidez. A preocupação com IST's/AIDS não surgiu como uma questão, embora os casos em mulheres jovens tenham crescido nos últimos anos, o que nos alerta para a discussão de como estão sendo assegurados os direitos sexuais à informação de qualidade e, diante dessa dificuldade, quais as possibilidades de cuidado e negociação estão disponíveis para as mulheres jovens.

As interlocutoras desenvolvem diversos tipos de relacionamento como possibilidades de encontros afetivo-sexuais mais fluidos e dinâmicos, o que, por vezes, gera dúvidas acerca do status do relacionamento para uns dos pares. Essas modalidades de relacionamento têm em comum a associação ao momento, à atração e ao desejo sexual. Assim, elas têm como objetivo principal a busca de prazer. Embora em algumas histórias essas modalidades tenham se tornado uma relação estável como o namoro, não percebi no discurso das entrevistadas uma sequência linear entre elas.

Devo assumir minha surpresa em relação aos relatos de violência vivenciados pelas jovens. Acredito que carreguei por um tempo a ideia ingênua de discutir sexualidade e pensar nos significados de prazer distantes da dor e da violência que atravessou às vivências das mulheres. Ou, pelo menos, não da forma como se apresentaram. Das cinco jovens que estiveram conosco, três relataram situações de violências e relacionamentos abusivos. Além disso, uma delas sofreu também violência sexual na infância.

Penso que isso diz muito da forma como têm sido construídas as possibilidades para as mulheres na sociedade brasileira. Com todos os avanços e discussões sobre os direitos dessa

minoria, as próprias jovens mostram isso quando abordam suas formas de relacionamento e suas ideias sobre sexo, o que demonstra que ainda não conseguimos evitar que essa parcela da população tenha seus corpos violentados. Nos relatos das jovens, vimos exemplos de diversos tipos de violência e, na história de algumas delas, mais de uma violência se destaca.

Esse tipo de violência nas relações está atravessada por questões culturais que envolvem a permanente tensão, a produção e a reprodução de modelos e de modos de ser e de estar no mundo. As relações de gênero são reguladas, ainda, a partir dos mecanismos de privilégio em benefício do gênero masculino, por meio da construção da imagem simbólica da mulher, como a de um ser humano “outro” (SOUZA, 2018).

Algumas delas só identificaram que vivenciaram situações de violência e/ou que estavam em relacionamentos abusivos após o término da relação. Elas não mencionam acionar a rede de apoio, como familiares ou amigos, ou seja, por muito tempo a vivência da violência é solitária, o que dificulta estratégias de rompimento do ciclo.

Sobre os significados de prazer, os estudos que tive acesso mostram como ainda há a relação do prazer da mulher atrelado à satisfação do homem. As mulheres são subjetivadas do lugar de “ser escolhida por um homem”. Talvez por isso as jovens tiveram dificuldades para nomear o que sentem quando tem um orgasmo. Suspeito que esse seja um tema pouco falado por elas, o que me fez não as questionar acerca desse assunto. Porém, penso ser provável que elas nunca tenham tentado descrever essa sensação para alguém.

A partir dessa perspectiva, vejo como fundamental mais estudos que favoreçam o olhar sobre o prazer sexual de mulheres. A literatura que consultamos trazia dados quantitativos que nos ajudaram em alguns aspectos, mas deixaram ao largo outras dimensões do tema. Algumas dessas dimensões que me vêm em mente são: Como metodologicamente acessar e/ou facilitar a nomeação das sensações de prazer sexual? Quais outros aspectos envolvem o prazer? Qual o lugar do prazer erótico nas vivências de prazer sexual? O prazer sentido na masturbação difere do prazer com parceira ou parceiro? Até onde o conhecimento do próprio corpo favorece ou não os prazeres das mulheres?

No discurso trazido pelas jovens, o prazer tinha relação com aspectos como liberdade, respeito e afinidade, ou seja, o significado de prazer para elas não estava localizado nas possibilidades das sensações que seus corpos poderiam proporcionar, mas estavam nos aspectos ligados à segurança em relação à parceria sexual. Mesmo elas pontuando práticas sexuais que lhes trazem mais orgasmo, como foi a prática do sexo oral, o significado de prazer, para elas, neste momento, não abarca essa dimensão corporal, nem menciona aspectos do campo erótico.

Olhando para suas trajetórias, vemos que o marcador gênero, de maneira bastante significativa, vem a reboque desses aspectos relativos às práticas sexuais e aos significados de prazer. Arrisco-me a afirmar que possivelmente os aspectos que os homens trariam sobre prazer sexual não teriam relação com esses significados ligados à segurança e ao bem-estar. Dentro desse panorama, vemos como o marcador de gênero atua regulando posicionamentos sexuais e trazendo atravessamentos sobre as formas de vivenciar a sexualidade de mulheres e homens.

Devo mencionar que, apesar de não ter incorporado neste trabalho outros marcadores sociais, este são de fundamental importância para a aproximação sobre o sistema de opressão e privilégio que incidem sobre as sexualidades de mulheres jovens. Assim, ressalto a importância das contribuições dos estudos com propostas teóricas e metodológicas da interseccionalidade e dos estudos decoloniais para as questões aqui trabalhadas.

Tentei tecer aqui algumas costuras do trabalho na tentativa de retomar o que conseguimos construir e de sugerir outras reflexões que não puderem ser aprofundadas nessa pesquisa. Sem dúvida as provocações que o olhar das perspectivas feministas traz para as questões não se esgotam na sistematização de um texto, mas tenciona para que estas sejam revisitadas.

Assim, tentei contribuir para a compreensão da relação entre sexualidade, juventude, gênero, sinalizando alguns aspectos de suas múltiplas complexidades. Pensando no compromisso ético-político da Psicologia (YAMAMOTO, 2012; RESENDE, 2012), não poderia deixar de destacar que apesar dos avanços trazidos ao logo dos anos pelo movimento feminista, ainda há muito o que se conquistar, em especial em relação às desigualdades de gênero.

Temos sofrido com sucessivos retrocessos enquanto sociedade brasileira, mais intensamente a partir do golpe de 2016, e assistido aos vários desmontes das políticas públicas e sociais. Assim, é importante reafirmar o papel da Psicologia na compreensão das desigualdades sociais e da urgência ética e política de se assumir enquanto a favor da emancipação humana, de forma a construir uma alternativa de projetos societários mais amplos (YAMAMOTO, 2012; RESENDE, 2012).

Assim, acredito que promover as reflexões trazidas nessa dissertação fomenta que esses temas não sejam silenciados e que a perspectiva de resistência frente às expressões de poder, naquilo que resultam em desigualdades e opressão, possam ser problematizadas e difundidas. Entendo que aqui se encerra um ciclo sem tantas respostas e com algumas ausências, porém com o sentimento de que este trabalho não seja o fim, mas o recomeço de provocações às leitoras e que se torne alimento diante de tantos entraves.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão *et al.* Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades. **Psicologia & Sociedade** [Online], [s. l.], v. 29, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29153790>. Acesso em: 23 dez. 2018.
- ADRIÃO, Karla Galvão; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 661–682, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 jan. 2019.
- AMANTE, Lucia; *et al.* Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. educação, **Formação & Tecnologias**, [s. l.], v. 7 (2), p. 26–38, 2014. Disponível em: <http://eft.educom.pt>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ANTUNES, Maria Cristina *et al.* Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 36, n. 4 suppl, p. 88–95, 2002.
- ARAGAKI, Sérgio Seiji *et al.* Entrevistas: Negociando Sentidos E Coproduzindo Versões de Realidade. In: SPINK, Mary Jane Paris *et al.* (Eds.). **A produção da informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014. p. 57–72.
- ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 19, n. supl. 2, p. S465–S469, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800027&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 jan. 2019.
- BARBOSA, Regina Maria; FACCHINI, Regina. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], p. 291–300, 2009. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2009.v25suppl2/s291-s300/pt>. Acesso em: 6 dez. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1977.
- BARROS, João Paulo Pereira; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. “Meu prazer agora é risco”: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. **Fractal: Revista de Psicologia**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 59–80, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 6 mar. 2018.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Série Cad ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar_cab8.pdf. Acesso em 20 abr 2019

BIROLI, Flávia. Democracia e tolerância à subordinação: livre-escolha e consentimento na teoria política feminista. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 21, n. 48, p. 127-142, Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782013000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 jul. de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782013000400008>.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel (Eds.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005. p. 448.

CARLOS, Paula Pinhal De. **Sou para casar ou pego, mas não me apego?**: práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. 2011. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95583>. Acesso em: 6 nov. 2019.

CARVALHO, Cíntia de Sousa *et al.* Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica** [online], [s. l.], v. 24, p. 69–88, 2012. Disponível em: http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100006. Acesso em: 23 dez. 2018.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 6, n. 1–2, p. 147–177, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311996000100008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 jan. 2019.

COSTA, Cecília Elisabete Vieira Da. **Sexualidade(s) Feminina(s) em Discurso: Grupos de Discussão com Mulheres Jovens**. 2012. (Tese de doutoramento) Universidade do Minho, [s. l.], 2012. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35764/1/Cecília Elisabete Vieira da Costa.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35764/1/Cecília%20Elisabete%20Vieira%20da%20Costa.pdf). Acesso em: 30 ago. 2018.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 24, n. 24, p. 40–52, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>. Acesso em: 23 dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRANCH, Monica. Os fios e os nós: Um ensaio sobre jovens e temporalidade na contemporaneidade. In: MEDRAADO, Benedito; GALINDO, Wedna (Eds.). **Psicologia social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 373as.

FRANCH, Mónica. Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. **Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINOAMERICANA**, [s. l.], p. 28–52, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/205/375>. Acesso em: 25 mai. 2019.

GARCIA, Dantielli; Souza, Lucília. A sororidade no ciberespaço: Laços feministas em militância. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 44 (3). Disponível em : <https://revistadogel.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/view/1032/613>. Acesso em: 15 jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento (ESE-FID/UFRGS)**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 395–411, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/41542>. Acesso em: 4 jan. 2019.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *et al.* (Eds.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 79–104.

GONDIM, Sonia Maria Guedes; BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. **Psicol. estud.** Maringá, v. 19, n. 2, p. 191–199, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 July 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-737220530002>.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 0, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 4 jan. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Garamond/Editora Fiocruz, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOBAYASHI, Cristiani; REIS, Andréia Silva. **Início da atividade sexual de mulheres jovens: questionando sua satisfação e preferências**. No, [s. l.], v. LXV, p. 123–130, 2015.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999. p. 77–95.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Ed.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2o ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 7–24.

MARQUES, Ana Cristina. **Do Primeiro Beijo à Primeira Gravidez**. ISCTE – University Institute of Lisbon (ISCTE-IUL), [s. l.], 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/798606/Do_Primeiro_Beijo_à_primeira_gravidez_tese_de_mestrado_ISCTE-IUL_. Acesso em: 9 set. 2019.

MAYORGA, Claudia; PINTO, Geíse Pinheiro. Juventudes: a pluralização da experiência ou a invisibilidade das relações de poder? In: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Cristina dos Santos De (Eds.). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 386.

MENEZES, Jaileila de Araujo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos De. **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/03/MINAYO-M.-Cecília-org.-Pesquisa-social-teoria-método-e-criatividade.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 647–654, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000300021&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família – por uma psicologia comprometida. **Psicologia Clínica**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 117–131, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200009&lng=pt&tlng=pt.

NASCIMENTO-GOMES, Fernanda Sardelich. **Juventude, sexualidade e relações afetivo-sexuais: uma análise interseccional de jovens rurais e urbanos/as**. 2016. UFPE, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25957>. Acesso em: 10 out. 2019.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich. **Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias**. 2009. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, [s. l.], 2009.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 408–412, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 4 jan. 2019.

NOGUEIRA, Conceição. Construcionismo social, discursos e gênero. **Psicologia**, [s. l.], v. XV, n. 1, p. 43–65, 2001. a. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492001000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 15 mar 2019.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social**, [s. l.], p. 107–128, 2001. b.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. 1. ed. Salvador, Bahia, editora Devires, 2017.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O Mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Disponível em: https://www.academia.edu/39141988/O_mito_da_masculinidade_-_Sócrates_Nolasco. Acesso 15 jun 2019.

PAIVA, Vera. A psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 641–651, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30 ago. 2018.

PARKER, Richard. **Corpos Prazeres e Paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PASTANA, Marcela. **Muito Prazer!? Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas**. 2014. Universidade Estadual De São Paulo JÚLIO De Mesquita Filho, [s. l.], 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115802>. Acesso em 03 ago 2019.

PASTANA, Marcela. **Entre copos e corpos: análise sobre as relações entre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer**. 2018. Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, [s. l.], 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157262/pastana_m_dr_arafcl.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 23 out. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, [s. l.], v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247>. Acesso em: 4 jan. 2019.

PRIOLI, Cordeiro; Mariana *et al.* Como pensamos ética em pesquisa. In: SPINK, Mary Jane Paris *et al.* (Eds.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 339.

PRIORY, Mary Del. **Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo no Brasil**. São Paulo: Planeta Brasil, 2011.

QUADROS, Marion Teodósio de. Sexualidade de mulheres jovens urbanas e rurais: Algumas notas sobre autonomia e processos de invisibilização nos serviços de saúde e na família. In: **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 386.

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. **Paidéia** (Ribeirão Preto), [s. l.], v. 15, n. 30, p. 21–29, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 20 nov. de 2019.

RESENDE, Anita C. Azevedo. (2012). Psicologia Social e Políticas Públicas: A que será que se destinam. In.: CHAVES, Juliana de Castro (org.). **Psicologia Social e Políticas Públicas: contribuições e controvérsias**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, (pág. 19-32), 2012.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os Significados da Amizade: duas versões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. a. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=RYIIDwAAQBAJ&pg=PA161&lpg=PA161&dq=%22Entre+Mundos:+Sobre+Amizade,+Igualdade+e>. Acesso em: 9 out. 2019.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 69–89, 2002. b.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. “Brincar de osadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 19, n. suppl 2, p.

S345–S353, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800016&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 out. de 2019.

RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard; TERTO JUNIOR, Veriano. Sobre as inclinações carnavais: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 195–217, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000100011&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 jan. 2019.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. "Tráfico sexual: entrevista". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2019.

SANTOS, Laerte de Paula Borges. **Sexualidades encarceradas: Afetos, desejos e prazeres no cotidiano do cortiço-prisão feminino do interior pernambucano**. 2018. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, [s. l.], 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32084/1/DISSERTAÇÃO Laerte de Paula Borges Santos.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32084/1/DISSERTAÇÃO%20Laerte%20de%20Paula%20Borges%20Santos.pdf). Acesso em 10 jun 2019

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019. p. 1-23.

SHUÑA, Rocio Del Pilar Bravo. **Diálogos sobre sexualidade com as/os adolescentes/jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca - PE**. 2014. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, [s. l.], 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10337/1/DISSERTAÇÃO Rocio del Pilar Bravo Shuña .pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10337/1/DISSERTAÇÃO%20Rocio%20del%20Pilar%20Bravo%20Shu%C3%B1a.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e Rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Universidade de Brasília. Departamento de jornalismo, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

SILVA, Raquel Zanelatto Alves da. **Iniciação sexual de mulheres jovens vivendo com HIV/Aids no município de São Paulo**. 2018. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-05012018-111154/>. Acesso em: 15 set. 2019.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. **Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM**. 2018. UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6809>. Acesso em 14 jun 2019

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, Dec. 2003. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 jun 2019 <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>.

TEIXEIRA, Ana Maria Ferreira Borges *et al.* Adolescentes e uso de preservativos: As escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 22, n. 7, p. 1385–1396, 2006.

TIBURI, Marcia. Prefácio. *In.*: **Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas**. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 151–160, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000100013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 dez. 2018.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 7–32, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311995000100001&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 ago. 2018.

VIANA, Normando José Queiroz. “**É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA LOGO DURO!**”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife”. 2010. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Pernambuco, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8588>. Acesso em 15 mar 2019.

YAMAMOTO, O. H. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? **Psicologia: Ciência e Profissão**, 32, 6-17.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: APPRIS, 2018.

ZUCCO, Luciana Patrícia; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Sexualidade feminina em revista(s). **Interface: Communication, Health, Education**, [s. l.], v. 13, n. 28, p. 43–54, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 ago. 2018.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE DIÁLOGO

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA:	
Nº DA ENTREVISTA:	
LOCAL:	DATA:
HORÁRIO DE INICIO:	HORARIO DE TÉRMINO:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE/OCUPAÇÃO:

BAIRRO:

ESTADO CIVIL/AFETIVO:

FILHOS (QUANTIDADE E IDADE):

IDADE QUE TEVE FILHOS:

COM QUEM RESIDE:

RENDA FAMILIAR:

RELIGIÃO:

RAÇA/COR:

ROTEIRO

1. CONTEXTO FAMILIAR E DE MORADIA

Poderia me falar um pouco de você? Com quem mora? Onde mora? Onde você nasceu?

Como é sua família? Tem Irmãos/irmãs?

Onde passou sua infância?

Como eram as brincadeiras na sua infância? Com quem brincava?

Como foi a educação que você recebeu dos seus familiares?

Como era a educação na sua família durante sua adolescência?

Poderia falar um pouco sobre sua comunidade? O que mais te chama atenção? O que você mais gosta nela? Se tem lugares para lazer? Se tem dificuldade de ir e vir?

Como são as/os jovens do seu bairro?

Você tem amigos aqui?

Você já se relacionou com alguém do bairro?

2. INÍCIO DA TRAJETÓRIA/CARREIRA SEXUAL

Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre sua vida amorosa, tentando lembrar desde a primeira pessoa que você se interessou até hoje.

Quando você percebeu que estava atraída por alguém? O que sentiu? Quem era a pessoa? O que chamou mais sua atenção? Você acha que foi correspondida?

Você lembra onde foi? Com quem estava? Houve aproximação? Como foi a paquera?

Como você fez para ser percebida? (gestual, forma de falar, estratégias de aproximação)

O que rolou depois? (se não rolou nada perguntar sobre a relação seguinte)

3. PRIMEIRO BEIJO

Você se lembra do seu 1º beijo? (se ela não lembra do 1º, pergunta sobre um beijo que marcou para ela um momento especial)

O que sentiu? O que chamou atenção no outro? Você acha que foi correspondida? Se sim, o que acha que em você chamou atenção desta pessoa?

O que acontecia no lugar?

Como se deu o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)? Como se deu a sugestão para o beijo? (quem sugeriu e ouviu algum tipo de negociação?)

Qual foi o tempo desde o encontro até a decisão do beijo?

O que você sentiu no beijo?

Vocês se reencontraram? Beijaram-se novamente? Como foi? O que você sentiu desta vez?

Continuaram se encontrando? Namoraram?

4. PRIMEIRO NAMORADO

Você se lembra do seu 1º namorado? Como aconteceu o encontro de vocês?

Onde se encontraram? Como era o local?

O que foi que chamou tua atenção nele/nela?

O que você acha que chamou a atenção dele/dela em você?

Houve paquera? Se sim, como se deu a paquera?

Como se deu a sugestão para o namoro? Quem sugeriu e ouviu algum tipo de negociação?
 Qual foi o tempo desde o encontro até a decisão do namoro? Como se deu este processo?
 Quanto tempo vocês passaram namorando? De quanto em quanto tempo vocês se viam?
 Vocês ficavam juntos geralmente em que locais? Havia outras pessoas por perto? Quem eram estas pessoas?
 Vocês conseguiam ficar sozinhos, sem ter outras pessoas por perto? Em que ocasiões?
 O que vocês faziam no namoro? Conversavam, beijavam, sarravam, transavam, tinham práticas sexuais com outras pessoas?
 Vocês ficaram nus? O que você sentiu?
 Que idade você tinha? E ele?
 O que lhe marcou mais neste namoro: beijo, sarro, transa? Se foi um beijo, segue para as outras perguntas.
 Quem sugeriu que houvesse esta prática sexual?
 Durante esse tempo, você pensou em ter alguma relação sexual com ele?
 Como acabou o namoro? Por que?

5. NAMOROS SEGUINTE

Você se lembra de seu segundo (terceiro, quarto, quinto...) namorado?
 Para cada namorado, faz as mesmas perguntas que fez para o primeiro namorado (exceto a primeira pergunta, que deve sempre se referir ao namorado seguinte).
 Tente conservar uma perspectiva temporal.
 Tentar apreender a lógica dos relacionamentos.
 Para facilitar, anote os nomes dos namorados. Lembre-se que a memória é seletiva, pode ser que ela lembre algum dos primeiros namorados, quando estiver falando do penúltimo. Tente anotar dando a ordem cronológica, encaixando os nomes quando aparecerem. Pode interromper, confirmando: “há, então o João foi depois do Jair e antes do José?”

6. PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Se não for com um namorado:
 Você já transou com alguém?
 Que idade você tinha? Que idade ele tinha? Como tomou a decisão de transar?
 Onde se encontraram? Como era o local? O que acontecia no lugar?
 Como se deu o encontro?
 Como era a pessoa?

Como ele estava vestido e/ou o que usava? Como você estava vestida e/ou o que usava?

O que chamou sua atenção no outro? O que acha que em você chamou atenção no outro?

Quem sugeriu que houvesse a prática sexual?

Qual foi a razão para iniciar sua vida sexual nesse momento?

Quanto tempo foi desde o encontro até a decisão da transa?

Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

O que aconteceu nesta transa? Se beijaram, ele fez sexo oral em você, você fez sexo oral nele, ficaram sarrando, houve penetração vaginal, você teve orgasmo?

Quem sugeriu cada uma das práticas que aconteceram? Houve algum tipo de negociação?

Quanto tempo durou a transa?

Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (dinheiro, presentes, etc.)?

Se reencontraram?

Pensou em evitar filhos nesta transa? Por que? Fez algo para evitar filhos nesta transa? Por que?

Usou método(s) para evitar filhos? Por que? Se usou, explica qual(is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc.)?

Pensou em se proteger de IST? Porque? Fez algo para se proteger de IST? Por que? Usou método(s) para se proteger de IST? Por que? Se usou, explica qual(is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc.)?

Se houve reencontro, como foi, por iniciativa de quem, se encontraram onde, o que fizeram, foram para onde para transar (caso tenha havido transa); quantas vezes mais foram se reencontrando, como, onde, quando, como, por que? Geralmente, a transa se dava por iniciativa de quem?

Havia a tentativa de novas práticas sexuais? Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou?

Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)? Se encontraram onde? Foram para onde para transar?

6. RELAÇÃO(ÕES) SEXUAL(AIS) QUE MAIS MARCOU(ARAM) COM CADA NAMORADO

Questionar sobre

Verificar se o prazer sexual tem relação com a escolha dessa relação ser a que mais marcou

Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, por exemplo)? Se encontraram onde? Onde fizeram tal prática?

O que significa prazer sexual?

Você se considera satisfeita sexualmente?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “Vivências de sexualidade nas trajetórias afetivo-sexuais de mulheres jovens universitárias em Recife, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Laís de Souza Monteiro, com endereço Rua do Anil, 1095, Beberibe, Recife – PE. CEP: 52130-265 com contatos: Fone: (81) 99659-7244, e-mail: lais.souza.monteiro@gmail.com, sob orientação da Prof. Jaileila de Menezes Araújo, Contato: Fone (81) 99875-7706, email:jaileila.araujo@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como mulheres jovens universitárias de Recife vivenciam a sexualidade em suas trajetórias afetivo-sexuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas.

Sua colaboração para a pesquisa será de forma anônima, sendo utilizado um nome fictício para apresentar dados referentes à entrevista que conceder à pesquisadora sobre suas vivências. A entrevista pode durar entre 40 a 60 minutos, podendo ocorrer mais de um encontro se for necessário. De acordo com o seu consentimento, a entrevista será gravada e transcrita

pela pesquisadora para efeito de análise posterior. Ressaltamos que apenas a pesquisadora e a sua orientadora terão acesso ao material da transcrição.

A pesquisa apresenta riscos de natureza psicológica e/ou emocional para as participantes, podendo acarretar constrangimento, desconforto ou qualquer outro sentimento desagradável. Para evitá-los, a pesquisadora fará a entrevista em horário e local de sua escolha, garantindo o sigilo e privacidade. Além disso, a entrevista será conduzida por uma pesquisadora com experiência em entrevistas na temática, garantindo a confidencialidade das respostas. Essa pesquisa tem como contribuição a possibilidade de falar de um tema tão crítico socialmente quanto a sexualidade, em especial diante da conjuntura nacional, sem críticas ou censuras. O contato com a pesquisa pode favorecer no sentido de reflexão sobre sua história de vida, a relação com sua sexualidade e dos desdobramentos que tais temas trazem para a relação consigo mesma e com as demais pessoas de sua rede de convívio.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa – gravados e transcritos – ficarão arquivadas em pastas de arquivo do computador pessoal da pesquisadora, em tecnologia de armazenamento em nuvem, sob senha de posse da pesquisadora LAÍS DE SOUZA MONTEIRO, acima mencionada, pelo período de mínimo cinco anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE, no endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do **Vivências de sexualidade nas trajetórias afetivo-sexuais de mulheres jovens universitárias em Recife** como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Recife, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: